



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

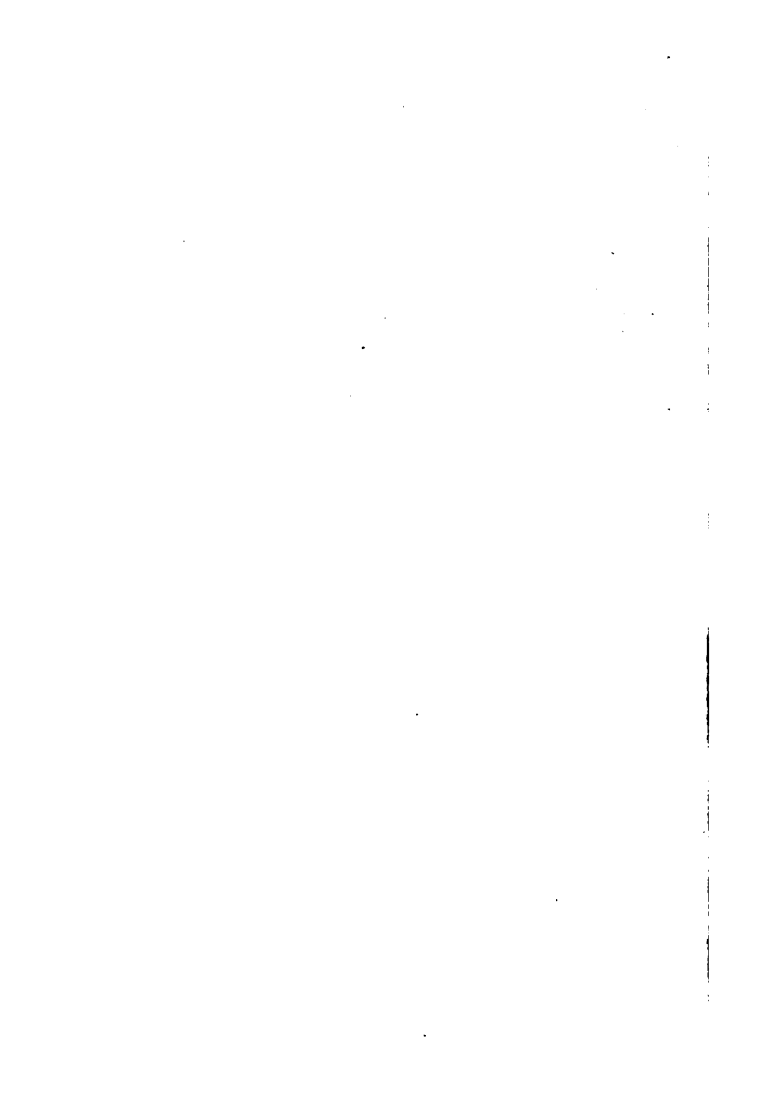
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>



In Memory of
STEPHEN SPAULDING
1907 - 1925
CLASS of 1927
UNIVERSITY OF MICHIGAN

W. H. B. B. 1927





GABINETE HISTORICO,

QUE

A SUA Magestade FIDELISSIMA,
O SENHOR REI

D. JOÃO VI.

EM O DIA DE SEUS FELICISSIMOS ANNOS,
13 DE MAIO DE 1818,

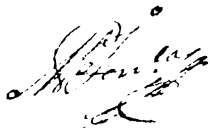
OFFERECE

Fr. CLAUDIO DA CONCEIÇÃO,

*Ex-Definidor, Examinador Synodal do Patriar-
chado de Lisboa, Prégador Regio, e Pa-
dre da Provincia de Santa Maria
d'Arrabida.*

TOMO IV.

DESDE 1640 ATE' 1668.



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1819.

Com Licença.

DP

538

.C62.

v. 4

3-5-73

SS 3085

P R E F A Ç Ã O

CONTEM este IV. Volume os successos de vinte e oito annos, em que se comprehendem os Reinados do Senhor Rei D. João IV., e seu filho o Senhor Rei D. Affonso VI., que he desde 1640 até 1668.

Novos tributos impostos aos Portuguezes pelos Castelhanos. Tumultos d'Evora. Novas Juntas de Ministros Castelhanos. Pessoas mais principaes do Reino chamadas a Madrid. Resolução heroica destas mesmas Personagens, oppondo-se ao projecto de Philippe IV., que intentava reduzir este Reino á Provincia. He nomeado o Duque de Bragança Governador-General das armas de todo o Reino. Discursos que houverão sobre isto. Vem o Duque á Villa de Almada, onde he visitado de todos os Grandes, e Senhores. Passa o Duque a Lisboa a visitar a Duqueza de Mantua. Modo com que foi recebido. Heroica reso-

IV.

lução de Thomé de Souza, mudando-lhe a cadeira do lugar, onde a tinha mandado pôr a Duqueza de Mantua. Obsequios que recebo da Côrte, e do Povo. Volta a Villa-Viçosa. Instancias dos Fidalgos ao Duque para aceitar a Corôa de Portugal. Recebe ordem d'El Rei de Castella para o acompanhar a Catalunha a socegar as revoluções daquelle Estado. Resolve-se o Duque a aceitar a Corôa de Portugal; e libertar a Patria do captiveiro. João Pinto Ribeiro parte para Villa-Viçosa ajustar com o Duque o dia, e a forma de se pôr tudo em execução. Pessoas, que entrárão na grande, e glorioza empreza da Restauração da Patria.

He acclamado o Senhor D. João Rei de Portugal. Morte de Miguel de Vasconcellos. Surprende-se a Duqueza de Mantua. Passa as ordens para a entrega do Castello de Lisboa, e mais Torres, e Fortalezas. Sahe da Sé a Prócissão de acção de graças com o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, em que a Imagem de Christo desprega o braço da Cruz. Elegem-se

▼

Governadores do Reino, em quanto não chega o novo Rei. He mandada retirar a Duqueza de Mantua para o Mosteiro de Santos. Chega a noticia a Villa-Viçosa. Parte El Rei para Lisboa, onde he recebido com o maior applauso. He acclamado no dia 15 de Dezembro. Ceremonias desta coroação, e acclamação. Chega a Rainha a Lisboa com seus filhos entre novos vivas, e acclamações.

Sabendo-se esta noticia em Madrid, se manda ao Imperador d'Alemanha Fernando III. segurar o Infante D. Duarte, irmão d'El Rei D. João. Nomea El Rei Ministros para o despacho, e Governadores das Provincias, Torres, e Castellos. Convoça Côrtes; e o que nellas se determina. Manda Embaixadores a França, Inglaterra, Hollanda, Dinamarca, Suecia, e Roma. O que com os Embaixadores se passou nestas Côrtes. He conduzida a Madrid a Duqueza de Mantua. Descobre-se huma conjuração contra El Rei: são prezos, e punidos os réds. Chegão a Lisboa varias Armadas com os Embaixadores

Estrangeiros, a darem a ElRei os parabéns da parte dos seus Soberanos. Primeiro movimento das armas Castellhanas. Nossas gloriozas acções. Celebração das segundas. Côrtes: o que nellas se determinou.

Tomão os Portuguezes dois navios da India, que vinhão para ElRei de Castella. He degolado o Secretario d'Estado Luiz de Lucena. Erige-se o Tribunal do Conselho Ultramarino. Passa ElRei á Província do Alemtêjo, ficando a Rainha governando em Lisboa. Instituição da Secretaria das Mercês. Manda ElRei a Roma Nicoláo Monteiro representar ao Papa os damãos da Igreja de Portugal pela falta de Prelados. Célebre batalha do Montijo, em que todas as Nações admirarão o valor Portuguez, e a gloria das nossas armas. Varios encontros, em que sempre alcançámos a victoria dos inimigos. Os Hollandezes alterando o Tratado nos tomão varias prezas. Valor de João Fernandes Vieira, D. Antonio Philippe Camarão, e Henrique Dias, contra os Hollandezes.

Com a noticia do grande exercito do Marquez de Leganes, passa ElRei segunda vez ao Alemtéjo. Retirada do exercito do Marquez de Leganes. Insultos de Roma feitos ao nosso Ministro naquella Côte. Convocão-se Côrtes terceira vez; nellas se jurou o Misterio da Conceição, e se determinou ser a Padroeira do Reino. Manda ElRei a Universidade de Coimbra jurar o Misterio da Conceição. A solemnidade com que isto se fez. He degolado em Bruxellas D. Felix Pereira, Portuguez, pelos Castelhanos, por lhe acharem em casa o retrato d'ElRei D. João IV.

Manda ElRei soccorrer a Bahia contra os Hollandezes por Antonio Telles de Menezes, Conde de Villa-Pouca, levando por seu Almirante Luiz da Silva Telles. Dá Nuno da Cunha ao Papa hum papel d'ElRei D. João; e o que elle continha. Intenta Domingos Leite matar ElRei D. João, quando acompanhava a Provisão do Corpo de Deos: não consegue o seu intento, volta a Hespanha, e de lá outra vez a Portugal com o

mesmo fim, onde descoberta a traição foi punido.

Victoria de Gararapes, que alcançamos contra os Hollandezes. Retirada do exercito Castelhana vindo sobre Olivença, em que lhe matamos a Cosmader, e obrigamos a fugir o Marquez de Leganes para Badajoz, em que brilhou o valor de D. João de Menezes. Ganha Salvador Correa de Sá victorias aos Hollandezes. Estabelece ElRei casa ao Principe D. Theodozio. Continuação em Roma as pertencções d'ElRei, e nada consegue. He degolado pelos Inglezes o seu Rei Carlos I. Vindo refugiar-se em Portugal os Principes Palatinos, se resolve em Conselho d'Estado o recebellos, pelo voto do Principe D. Theodosio. Tomão os Parlamentarios quinze navios nossos. Valor de D. Rodrigo de Castro na Villai, e Castello de Bodão, mandando degolar o seu Governador. Morre prezo no Castello de Lisboa o Marquez de Montealvão. Representação, que a Congregação dos Bispos de França manda ao Papa a favor da Igreja de Portugal. Morte do Principe D. Theodozio.

Entre os Heroes Portuguezes tem lugar o decimo setimo Arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha. Seu Pai D. Pedro da Cunha. Francisco Rebello, o terror dos Hollandezes, morre ás suas mãos em Pernambuco. João Pinto Ribeiro. André de Albuquerque. D. Francisco de Castro Inquisidor-Geral, e Bispo da Guarda. Thomé de Souza. Manoel de Faria e Souza, e Manoel Severim de Faria, ambos célebres Escriptores.

Convocão-se Côrtes quarta vez, em que foi jurado successor deste Reino o Principe D. Affonso. Lançamos fora os Hollandezes dos Estados do Brazil, depois de os dominarem trinta annos, em que muito figurarão, Francisco Barreto, Pedro Jacques de Magalhães, Francisco de Brito Freire, João Fernandes Vieira, André Vidal, e Francisco de Figueiroa. Celebração desta victoria em Lisboa. Doença d'ElRei; sua morte. Titulos que creou de novo. Dá-se noticia da Senhora D. Maria, filha illegitima de ElRei D. João.

Segue-se ao Throno o Senhor

D. Affonso VI., na idade de treze annos. Sua acclamação. Movimentos de Castella pela morte d'El Rei D. João. Dá a Rainha Regente as providencias para se defender o Reino. Põe-se em campo o nosso exercito. Sitio de Badajoz. Perda de Olivença, e Mourão. Retirada dos Castelhanos, que se julgavão vencedores. Acções de Joanne Mendes de Vasconcellos, Affonso Furtado de Mendonça, D. Rodrigo de Castro, Conde de Misquitella, e outros. Assalto do Forte de S. Miguel. Sua tomada pelos nossos aos Castelhanos. Retirada de Badajoz para Elvas, deixando o sito daquelle Praça. Nomeação do Conde de Cantanhede, D. Antonio Luiz de Menezes, Governador das Armas, para o soccorro d'Elvas. Resistencia dos Portuguezes na Praça de Monção, que por fim he rendida com honrosas capitulações, depois de quatro mezes de sitio. Grande victoria dos Portuguezes na glorioza batalha de Linhas d'Elvas, em que morreo André de Albuquerque; e seu elogio. Grande perda dos Castelhanos. Heróes, que

nos morrerão. Vantagens desta victoria para Portugal. O que se fez em Lisboa á chegada desta noticia. Volta o Conde de Cantanhede a Lisboa a receber os applausos devidos por esta victoria. Fundação do Collegio dos Dominicós Irlandezes. Manda a Rainha Regente pedir soccorro a França pelo Conde de Soure; e o seu resultado. He excluido Portugal de todo o soccorro no Tratado de França com a Hespanha, celebrado nos Pyrenéos, celebrando-se o casamento de Luiz XIV. com a Infanta D. Maria Thereza, filha de Philippe IV. Rei de Hespanha. Vem de França Embaixador o Marquez de Choup; e não sendo aceitos os artigos, que propunha, se retirou a França sem nada concluir. Infedilidade de D. Fernando Tello de Haro, e o Duque de Aveiro. Seu castigo. Acção glorioza do Conde de S. João rendendo o Forte de Alcanizes.

Noticia da fundação do Convento de Marvilla, e do modo com que vierão as Religiozas Inglezas do Mocambo para Portugal. Restituição de

Carlos II. ao Throno de Inglaterra. Morte do Cardeal Mazarini. Chegada de D. João d'Austria, filho illegitimo de Philippe IV. com hum exercito a Portugal. Guarnecem-se as nossas Praças. Reconhece D. João d'Austria, por entre peças de artilharia, Campo-Maior, e se retira para Badajoz sem dar principio á conquista de Portugal. Acção memoravel do Alferes Manoel Ferreira na estrada da Ribeira para Almendraléjo. Morte do Conde de Odemira. Prisão, e desterro de Antonio Conti, seu irmão, e outros do partido d'El Rei. Entrega a Rainha o governo a seu filho. Dá principio á fundação do Convento das Religiozas Agostinhas Descalças.

Nomeia El Rei D. Affonso Governador da Provincia do Alentejo o Conde de Villa-Flor, D. Sancho Manoel. Vem D. João d'Austria com o seu exercito a Portugal, e toma a Cidade d'Evora. Sahe o nosso exercito de Extremôs, e lhe dá batalha no Ameixial: grande perda dos Castelhanos. Recupera-se a Cidade d'Evora. Intentando o Duque de Ossuna

tomar a Praça d'Almeida ; he repellido pelo valor Portuguez, que o obriga a retirar-se para a Cidade de Rodrigo, sendo nesta acção grande a gloria de Diogo Gomes.

Fundação da Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Santarem, pela victoria do Ameixial. Passa o Conde de Villa-Flôr a Lisboa, e he nomeado em seu lugar Governador das Armas da Provincia do Alentejo o Marquez de Marialva. Recolhe-se a Rainha D. Luiza ao Convento do Grillo. Volta de Antonio Conti, e João Conti a Lisboa. Intenta o Principe de Parma ganhar as Praças de Valença, e he repellido. Elege ElRei Philippe o Marquez de Carracena General do exercito da Extremadura : seu discurso sobre esta guerra. Vem com o seu exercito sobre Villa-Viçosa. Dá-se noticia do nosso exercito, e sua marcha. Fallado Marquez de Marialva aos nossos. Glorioza victoria, que conseguimos na batalha de Montes-Claros. Perda do inimigo, e sua derrota : nessa perda. Agradecimentos do Marquez de Marialva aos nossos Soldados. Fes-

tas que se fizerão por estas victorias. Agradecimentos d'ElRei ao Marquez, e mais Cabos de guerra. Gloria de Portugal com esta victoria. Dá o Marquez de Carracena parte a ElRei de Castella desta acção. O desgosto d'ElRei com a tal noticia. Volta o Marquez de Marialva a Lisboa. Toma o Marquez de Carracena alguns lugares nas Fronteiras, a que dá o titulo de Cidades; o que excita contra si a raiva dos Castelhanos. Entra em Galiza o Conde de Prado com hum exercito, onde destroe, e saquea algumas povoações. Morte d'ElRei Philippe, e da Rainha de França, Mãi de Luiz XIV.

Recebe ElRei D. Affonso em Salvaterra a noticia da doença da Rainha sua Mãi por cartas, que lhe escreveo. Reposta d'ElRei, e do Infante a estas cartas. Voltão a Lisboa a visitar sua Mãi, que nesse dia acaba a vida. Seu enterro, e trasladação para onde hoje existe. Ajusta-se o casamento d'ElRei com a Princeza D. Maria Francisca Izabel de Saboia. Parte de Pariz, e chega a Lisboa.

Festas que se fizerão á sua chegada. Dissensões entre ElRei, o Infante, e o Conde de Castello-Melhor, que obriga a este a retirar-se, e viver ausente da sua Patria dezoito annos, até que no fim delles he restituído á sua casa, e Patria.

Novas perturbações do Reino. Retirada da Rainha para o Convento da Esperança. A carta que envia a ElRei. Este vai ao Convento, e intenta arrombar as portas delle. He suspendido pelo Infante, e a Côrte. Manda a Rainha chamar o Infante ao Convento, para lhe fallar na grade da Igreja; e esta o encarrega da sua volta a França, e restituição do seu dote. ElRei se estimula disso. Faz a Rainha a mesma diligencia com os Conselheiros d'Estado, e com os Titulos. A carta, que a Rainha escreveo ao Cabido da Sé de Lisboa, requerendo o seu divorcio. Reposta do Cabido. Deposição d'ElRei. Toma o Infante posse do governo do Reino, e prende a ElRei. Antonio de Cavi-de apresenta ao Infante hum papel assignado por ElRei, em que dimitte

de si o governo, e o entrega ao Infante seu irmão. Convocão-se Côrtes. Estas jurão ao Infante Principe Regente de Portugal. Publica-se a paz nas Côrtes de Lisboa, e de Madrid.

Sentença da Relação Ecclesiastica, em que dão por nullo o matrimonio d'ElRei com a Rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboia. Publicada a Sentença, determina a Rainha voltar para França. Lendo-se nos Tres-Estados esta resolução, se lhe propõe o casamento com o Principe D. Pedro, o que a Rainha aceita. Recebe-se por procuração. Vai o Principe busca-la ao Convento da Esperança, e a conduz á quinta d'Alcantara, onde recebeo as benções matrimoniaes pelo Bispo de Targa. Juntão-se as Côrtes a 9 de Junho, e jurão ao Principe D. Pedro Governador do Reino, onde Elle tambem dá o seu juramento. He reconhecido das outras Nações. Vai ElRei D. Affonso para a Ilha Terceira. Volta a Portugal. Sua morte no Palacio de Cintra. Titulos que creou.

CAPITULO I.

*O Senhor Rei D. João IV., oitava
Duque de Bragança.*

Não podendo os Portuguezes suportar por mais tempo o captivo Hespanhol, se ajuntarão a 12 de Outubro em casa de D. Antão de Almada, D. Miguel de Almeida, o Monteiro-Mór Francisco de Mello, Jorge de Mello, Pedro de Mendonça, Antonio de Saldanha, e João Pinto Ribeiro, agente da Casa de Bragança. Começarão todos a discorrer sobre o remedio a tantos males, que o Reino padecia, e foi o resultado desta Junta o acclamarem o Senhor D. João Duque de Bragança.

Nasceu em Villa-Viçosa a 18. de Março de 1604; e celebrava os seus annos no dia 19. Foi baptizado no dia 25. por seu tio o Senhor D. Ale-

xandre, Arcebispo d'Evora. Soube a Latinidade com perfeição, e foi muito applicado á Sagrada Escriptura. Depois começou a ser afeito á caça; e teve muito gosto pela Muzica, em que fez admiraveis progressos. Nas Côrtes de Lisboa em 1619 assistindo o Duque de Bragança, como Condestavel, foi o Duque de Barcellos o primeiro que jurou neste acto.

Por morte do Duque D. Theodosio seu Pai, foi outavo Duque de Bragança, e depois quinto de Guimarães, sendo o terceiro de Barcellos. Casou com a Senhora D. Luiza Francisca de Gusmão, filha do Duque de Medina Sidonia, D. Manoel Peres de Gusmão, por procuração no principio de Janeiro de 1633. Foi recebida em Elvas com toda a pompa, e grãdeza a 12 de Janeiro, ratificando no mesmo dia o Bispo d'Elvas, D. Sebastião de Mattos de Noronha, este matrimonio. Em Villa-Viçosa se fizeram grandes festas á sua chegada. Foi neste mesmo anno nomeada para o governo de Portugal D. Mar

garida de Saboia, Duqueza de Mantua, viuva de Francisco Gonzaga, IV. Duque daquelle Estado, a qual era prima coirmã d'ElRei Filippe IV., por ser filha da Infanta D. Catharina, filha d'ElRei Filippe II., a qual casou com Carlos Manoel, Duque de Saboia. Esta eleição foi contra o que se tinha determinado nas Côrtes de Thomár; porém ella entrou no fim do anno de 1634 em Portugal. O Duque de Bragança a mandou vizitar a Elvas, e dar-lhe os parabens da sua vinda por Francisco de Sousa Courinho, seu Aposentador-Mór. Continuandô a Duqueza a jornada, entrou em Lisboa em Janeiro de 1635.

Seguiu-se logo huma inundação de novos tributos, e os povos sentirão novas oppressões, sendo isto huma pública infracção dos Tratados assentados em Côrtes, repétidas vezes jurados, e muitas mais vezes quebrados. Isto exasperou aos verdadeiros Portuguezes, para tomarem a he-

roica resolução de acabarem em hum dia tão penoso jugo.

Começou-se em 1635 a dispor a liberdade por meios disproporcionados; como forão os tumultos de Evora. Chegárão a Villa-Viçosa estas vozes em 1638, que de tal sorte alvoraçou os seus moradores, que de noite começárão alguns a acclamar o Duque D. João Rei de Portugal. O Duque, que se achava molesto, mandou mesmo de noite a seu filho o Duque de Barcellos D. Theodosio a socegar aquelle rumor; o que fez recolhendo-se ao Palacio, deixando tudo socegado, e seu Pai livre de cuidado, que lhe causou aquelle tumulto.

Soando isto em Madrid, teve hum Portuguez Diogo Soares, que servia na Côte de Madrid com o emprego de Secretario d'El Rei do Conselho de Portugal, o atrevimento de dizer a El Rei em público, que não seria Senhor de Portugal, em quanto a Praça de Villa-Viçosa se

não tornasse hum prado sêmpre verde.

Os Grandes de Portugal, que ao principio desprezárão o primeiro movimento popular, já o respeitavão; e aquelles que em segredo o não approvavão, já em público o não contradizião. Assustou isto os validos Castelhanos, e o Cardeal de Richelieu, primeiro Ministro d'El Rei de França, tão attento á gloria daquella Monarchia, como desejoso de abater a Hespanhola, mandou em 1638 a Portugal com hum instrução ao Senhor de Saint-Pé, a explorar os animos dos Portuguezes, e a persuadir-lhes com a sua admiravel politica a opportuna occasião para a liberdade da Patria, offerecendo-lhes tropas, e Armadas, para poderem triumphar de seus inimigos. E tambem referem, que escrevera ao Duque, que recuperasse o Reino de seus Avós, que a França, e outros Principes o auxiliarião.

Os tumultos d'Evora forão punidos, sendo enforcados huns, e ou-

tros condemnados a galés, enforcando-se em estatua o Juiz do Povo Cezinando Rodrigues, e seu Escrivão João Barradas. O Algarve experimentou o mesmo castigo, por haver seguido os tumultos d'Evora.

Por este motivo, e com o pretexto de melhorar os accidentes referidos, se instituiu huma Junta de varios Ministros Castelhanos em Badajós, e outra em Ayamonte, com tão largos poderes, que ficavão sem exercicio os Tribunaes de Portugal, e os Portuguezes verdadeiramente escravos em lugar de vassallos. Por ordem destas Juntas, se lançavão novos tributos, e se esgotavão os cabedaes do Reino. Para acabarem de todo com Portugal, chamarão a Madrid as principaes pessoas do Reino, assim em sangue, como em letras, tanto Ecclesiasticos, como Seculares; para o que se mandarão varias cartas d'ElRei á Duqueza de Mantua, que ella logo mandou entregar a D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa; D. Sebastião de Mattos de

Noronha, Arcebispo de Braga; D. João Coutinho, Arcebispo d'Evora; D. Gaspar do Rego da Fonseca, Bispo do Porto; D. Diogo da Silva, Conde de Portalegre; Diogo Lopes de Sousa, Conde de Miranda; D. Martinho Mascaranhas, Conde de Santa Cruz; D. Francisco Castello Branco, Conde de Sabugal; D. Francisco Luiz de Lancastre, Comendador-Mór d'Avís; Francisco de Andrade Leitão, Dezembargador dos Aggravos; João Pinheiro, Dezembargador do Paço. Recebidas as cartas, se puzerão a caminho todos os nomeados. Foi este successo em 1638. Apenas chegaram a Madrid, não tiveram em muitos dias mais ordem, que seguir a Corte, sem poderem descobrir, qual fosse o negocio para que erão chamados.

Dando muito cuidado em Castella o Duque de Bragança, se ordenou a D. Affonso de Lancastre, Marquez de Porto Seguro, para que fizesse em Lisboa huma leva de cavallaria sem diminuir número; e a todas

as Províncias, e Comarcas do Reino; e as Ilhas dos Açores, mandarão diversos Fidalgos levantar grande número de gente com o pretextó da guerra de França. Tambem se mandou entregar, á ordem do Almirante Thomaz de Chauburum, todos os navios de guerra, que se achassem nos portos do Reino; e ao Duque de Bragança chegou ordem para tirar das suas terras mil vassallos armados, e que os entregasse a D. Antonio Tello. Executadas todas estas ordens sem contradicção, se ordenou irem todos os Portuguezes, que haviam sido chamados á Côrte, a casa de varios Ministros Castelhanos sem se communicarem huns com os outros, debaixo de graves penas. Porém nada bastou; porque logo se rompeo o segredo, e se soube ser a proposta lêr-se a cada hum dos Ministros Portuguezes hum papel, em que se determinava, que o Reino de Portugal se reduzisse a Provincia, perdendo a regalia de Reino: o que ElRei determinára; porque estava li-

vre do juramento, que fizera nas Côrtes; pois d'elle o havia desobrigado a perfidia Portugueza, (como elles dizião) fingindo casos, e concluindo, que este era o parecer dos seus Theologos, e Juristas, que o livravão de todo o escrupulo, e que ainda em tão justificada causa não queria El-Rei executalla, sem o parecer de cada hum dos seus Ministros, para que dessem o modo, com que se havia introduzir o novo governo de Portugal, e qual seria o meio para mais facilmente se promulgarem as Leis: advertindo-se, que se não pedía parecer, se convinha, ou não aquella resolução, mas sómente a fórma, em que se havia de executar.

Esta escandalosa proposta bastava sómente para justificar o procedimento dos Portuguezes; quanto mais tendo-se quebrado todos os foros do Reino, e faltado a todas as promessas. Para a execução do seu plano se mandou passar humã grande Armada a invernar no porto de Lisboa, para com a sombra deste poder se

introduzir o novo governo: pôr em esta Armada, por destino da Providencia, foi destruida no Canal de Inglaterra pelos Holandezes.

Não respondendo os Portuguezes á proposta; que se lhes fez, escusando-se com o pretexto de não terem poderes para tratar semelhante materia, foi isto o motivo de se passarem contra Portugal as mais injustas ordens; porque ao mesmo tempo forão quiboados todos os privilegios, e augmentados todos os males. El-Rei nomeou o Duque de Bragança, por Governador-General das Armas de todo o Reino; cuja carta passada em Ventosilha de Sayonra 28 de Janeiro de 1639, lhe enviou com outra da mesma data, em que lhe participava; que pelos avisos, que tinha de que os Francezes aprestavão huma grande Armada contra Portugal, e por evitar o damno, que se poderia seguir, se não se previnisse de sorte; que não pudessem os seus inimigos lograr os seus designios, se resolvera entregar-lhe o governo das Armas do

Reino, debaixo das ordens da Princesa D. Margarida sua Prima. Escusou-se o Duque; mas não sendo admitidas as muitas escusas, que representou, lhe foi preciso aceitar o posto, e passar a Almada.

Houverão sobre isto varios discursos, e entre elles se pensou, que esta eleição fora para prender o Duque; pois como tinha obrigação de visitar as Torres, e os navios da Armada, seria facil prendelo; e levall-o a Cadis: porém esta grande idea não teve effeito. O Duque veio á Villa de Almada; aqui foi vizitado de todos os Grandes, e Senhores; onde lhe sondarão o animo, e elle penetrou o fim de todos os segredos. D. Antonio de Mascaranhas lhe disse, que tinha convocado toda a Nobreza para o dia, que o Duque houvesse de passar a Lisboa, acrescentando: — Porque esse dia hade ser nosso; faça-o Vossa Excellencia alegre. — O Duque mostrou o não entendia; de que D. Antonio de Mascaranhas ficou tão penetrado, que,

quando foi á da entrada, não quiz voltar a Almada com os mais Fidaes, que hião ao acompanhamento. O Duque não conhecendo bem aquelles, de quem devia fiar-se, sondando-lhes os animos, se não declarou com alguns delles; e entre tantas práticas, e persuasões, sómente lhe deixou esperanças, com responder ao Monteiro-Mór Francisco de Mello. = Que ainda não havia occasião. = Esta resposta não deixou de animar os interessados, de que se poderia lograr a sua determinação.

Passou o Duque a Lisboa a visitar a Duquesa de Mantua; havendo muitas questões no modo, com que havia ser recebido. Entrou no Paço esperando-o o Capitão da guarda ao pé da escada, baixando a recebello com huma esquadra da guarda Real; estando a mais em ala por onde passou. Os Corregedores do Crime da Corte André Velho da Fonseca, e Diogo Fernandes Salema, o esperarão ao pé da escada do Paço, sahindo a recebello os Officiaes da Casa

Real á porta de baixo. Havendo ordenado a Duqueza a hum Official da Casa Real, lhe mudasse o lugar da cadeira, quando se sentava, atrasando-lha este hum passo, Thomé de Sousa com heroica resolução, e amor patriótico, preciosa herança, que transmittio aos seus Grandes Descendentes, o não consentio, e a pôz no lugar devido. A vizita foi dilatada; e nessa mesma tarde voltou o Duque para Almada. Toda a Côte concorreu a assistir-lhe, e o Povo a festejal-lo, sendo continuamente assistido de toda a Nobreza durante o tempo, que se demorou em Almada; o que lisonjeou tanto ao Duque, que disse da, por bem empregada a jornada só pelo motivo dos obsequios, que tinha recebido. Na entrada do inverno se recolheu a Villa-Viçosa livre dos lagos de Castella, e dos perigos, que o ameaçavão.

De Castella recebeu o Duque ordens para fazer humã leva de Soldados nas suas terras; ao que o Du

que replicou; porém não sendo admitida a escusa, deu cumprimento á ordem mui lentamente.

Como o Duque não desse demonstração alguma de querer ser coroado Rei de Portugal, intentarão fazer ao Senhor D. Duarte seu irmão, que estava em Alemanha; mas necessitando tão grande mal de mais prompto remedio, fizeram novas instancias ao Duque de Bragança. Entre os interessados da liberdade da Patria, erão os primeiros D. Miguel de Almeida, descendente dos antigos Condes de Abrantes; D. Antão de Almada, illustre descendente dos Condes de Abranches; Pedro de Mendonça; Francisco de Mello, Monteiro-Mór; Antonio de Saldanha; D. Antonio Mascaranhas; D. João Pereira, illustre Sacerdote; e outros, que todos desejavão sacrificar a vida pela liberdade da Patria: sendo as pedras de escândalo para toda a Nação o Conde Duque de Olivares D. Gaspar de Gusmão, Diogo Soares

em Hespanha, e Miguel de Vasconcellos em Portugal, aquelles suggerindo este, executando.

O Monteiro-Mór Francisco de Mello escreveu neste anno de 1640 ao Marquez de Ferreira, e ao Conde de Vimioso, D. Affonso de Portugal, pedindo-lhe representassem ao Duque D. João a necessidade, que havia d'elle acceitar a Coroa de Portugal, que por Direito lhe pertencia por diversas vias chegarão estas razões ao Duque encaminhadas pelo Marquez de Ferreira, e ao Conde de Vimioso por Jorge de Mello, irmão do Monteiro-Mór.

Tinha o Duque de Bragança em Lisboa occupado com negocios da sua Casa, João Pinto Ribeiro, perito no Direito Civil; e muito capaz, este sendo conhecido da Corte, foi eleito para manejar secretamente este negocio, e fazer as participações precisas ao Duque, e dar outras providencias necessárias para a feliz execução de tão grande acontecimento. Causando já em Castella susto,

os movimentos dos Portuguezes, e receio a pessoa do Duque, recebeu este ordem d'El Rei Philippe, para o acompanhar a Catalunha, e sobregar as revoluções daquelle Principado; e tambem convidava a todos os Fidalgos para este fim. Os Catalães, fortificando-se em Barcellona, buscáão a protecção de França. O Duque, tanto que recebeu esta ordem, se resolveo logo acceitar a Corôa de Portugal, e livrar a Patria da escravidão a que estava reduzida.

Foi enviado Pedro de Mendonça, Alcaide-Mór, e Senhor de Mourão a offerer distinctamente o Reino ao Duque de Bragança em nome dos Grandes, certos de que o Povo seguiria a sua voz. Fez caminho por Evora, onde communicou ao Marquez de Ferteira, a D. Rodrigo seu irmão, e ao Conde de Vimioso, a comissão que levava. Estes escreverão ao Duque persuadindo-o com novas instancias a acceitar tão generosa offerta. Passando Pedro de Mendonça a Villa Viçosa achou o Duque caçan-

do na sua Tapada, onde passados os primeiros cumprimentos lhe communicou o negocio, recommendando lhe ao mesmo tempo guardasse delle segredo ao seu Secretario Antonio Paes Viegas, com medo não desviasse este ao Duque de aceitar a offerta. O Duque respondeo, que em negocio de tanta ponderação lhe era preciso tempo para meditar, e que daria a resposta depois de communicar o negocio com o seu Secretario, pois estava certo na sua fidelidade.

Conferio o Duque com o seu Secretario; e concordando ambos, passou ao quarto da Duqueza a dar-lhe parte do succedido, a que ella generosamente respondeo: Que ainda que a morte fosse a consequencia da Corôa, tinha por mais acertado morrer reinando, que acabar servindo; de mais que todos os vaticinios seguravão a empreza, e que assim sómente a dilação de soccorrer podia ser prejudicial. O Duque achando tão conformes opiniões, chamou a Pedro de Mendonça, agradecendo o

trabalho, e o perigo a que se expuzera: respondeo, que estava prompto a acceitar a Corôa de Portugal, para a fazer respeitada de seus inimigos. Pedro de Mendonça quiz beijar a mão ao Duque, o que elle recusou, dizendo-lhe, que não faltaria tempo para aquella cerimonia.

Pedro de Mendonça, para dissimular a jornada, partio para Mourão, e despedio hum correio a D. Miguel de Almeida, em que lhe dizia: Que fôra á Tapada; que a caça andava levantada; que se fizerão alguns tiros; que huns se acertarão, e outros se errarão; e que era grande a prudencia de João Pinto Ribeiro. Não percebendo D. Miguel este aviso, o guardou até á sua chegada; o qual dando aos da Junta conta da reposta do Duque, a celebrarão com muitas demonstrações de alegria, e resolverão, que passasse João Pinto Ribeiro a Villa-Viçosa a ajustar com o Duque o dia, e a forma de se pôr tudo em execução. Elle o fez com o pretexto de dar conta ao Duque

de huma demanda, que trazia com a casa de Odemira. Já neste tempo observava a Duqueza de Mantua todos os passos dos Fidalgos de Lisboa; por cujo motivo, sendo perigosa a dilatação do negocio, foi preciso mandar o Duque dizer pelo mesmo João Pinto Ribeiro aos Confederados, que principiasse a acclamação por Lisboa, e não por Evora, como estava premeditado, e isto quanto antes.

Guardou-se hum inviolavel segredo. Os Fidalgos se ajuntavão em casa de João Pinto Ribeiro, que assistia no Paço, que o Duque de Bragança tinha nesta Cidade, com tanta cautéla, que deixavão os coches, e os cavallos em diversas partes, tendo anticipadamente João Pinto Ribeiro mandado retirar os seus criados, e pondo pouca luz, para não vérem quem entrava.

Finalmente naquella noite, que era Domingo 26 de Novembro, se determinou pôr-se em execução o que estava ajustado, no Sabbado seguin-

te , primeiro de Dezembro , communicando-se a todos , que , por intervenção do Padre Nicoláo da Maia , estavam promptos o Juiz do Povo , Escrivão , e Misteres , com alguns dos da Casa dos Vinte e quatro .

Deo-se parte desta conferencia ao Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha , Varão verdadeiramente Patriótico , que em Madrid recusou o Barrete de Cardeal , que lhe offercião , se elle desse o seu voto para este Reino ser Provincia , como adiante veremos tratando deste insigne Prelado , o qual , approvando a idéa dos Confederados , entrou no número delles , e o seguirão seus Parentes , e todos os Ecclesiasticos , que lhe estavam sujeitos .

Não faltando senão tres dias , se deo parte a D. João da Costa , que fez se apressasse a conclusão do negocio ; pois que corria grande risco a demora , pelo medo de se revelar o segredo . Assentado o dia , se determinou a hora , em que se devião achar no Paço , repartidos por varias partes ;

é tanto que o relógio desse nove horas, sahissessem todos do coche ao mesmo tempo: que huns ganhassem o corpo da guarda, onde estava huma companhia de infantaria Castelhana: outros, que, subindo á sala dos Tudescos, detivessem a guarda dos Archeiros: outros, appellidando a liberdade das janellas do Paço, acclamassem ao mesmo tempo o Duque de Bragança Rei de Portugal; e que outros passassem a matar o Secretario de Estado Miguel de Vasconcellos.

Amanheceo o dia feliz de Sabado, primeiro de Dezembro, tendo-se todos confessado no dia antecedente, implorando o auxilio do Céu para esta tão grande empreza. Havião os quarenta Fidalgos confederados, avisado a todos aquelles, de quem precisavão: estes convidarão outros, dos quaes he justo conservar-se a memoria, e são os seguintes:

D. Miguel de Almeida.

D. Antão de Almada.

Jorge de Mello.

Pedro de Mendonça, Alcaide-Mór
 de Mourão.
 D. Antonio Mascaranhas.
 O Doutor João Pinto Ribeiro.
 D. Antonio Tello.
 D. Gastão Coutinho.
 D. Luiz de Almada.
 Thomé de Sousa.
 D. Alvaro de Abranches.
 D. Affonso de Menezes.
 D. Rodrigo de Menezes.
 D. João da Costa.
 Antonio da Costa.
 D. Antonio de Alcaçova.
 D. João de Sá e Menezes, Camareiro-Mór.
 João Rodrigues de Sá.
 Antonio de Saldanha.
 João de Saldanha de Sousa.
 João de Saldanha da Gama.
 Antonio de Saldanha, seu irmão.
 Bartholomeo de Saldanha, seu irmão.
 Sancho Dias de Saldanha.
 O Conde de Atouguia.
 D. Francisco Coutinho, seu irmão.
 D. Vasco Coutinho.

Martim Affonso de Mello.
 Manoel de Mello, seu filho.
Francisco de Mello de Magalhães.
 Antonio de Mello e Castro.
D. João Pereira, Prior de S. Nicoláo.
Fernão Telles da Silva.
 Antonio Telles da Silva.
D. Fernando Telles.
D. Antonio da Cunha.
Tristão da Cunha de Atayde.
Luiz da Cunha de Atayde Mello,
 seu filho.
Estevão da Cunha, Deputado do Santo Officio.
Luiz da Cunha, neto de D. Antão de Almada.
Luiz Alvares da Cunha.
Duarte da Cunha, seu filho.
Tristão de Mendonça.
Henrique de Mendonça, seu filho.
Luiz de Mendonça, filho de Pedro de Mendonça.
D. Manoel Childe Rolim.
D. Francisco de Sousa.
D. Paulo da Gama.
D. Thomaz de Noronha.

- D. Francisco de Noronha, seu irmão.
 D. Miguel Maldonado.
 Gaspar Maldonado.
 Vicente Soares Maldonado.
 Francisco Maldonado.
 Sebastião Maldonado, seus filhos.
 Gonçalo Tavares.
 Gil Vaz Lobo.
 Ruy de Figueredo.
 Gaspar de Brito Freire.
 Luiz de Brito Freire, seu filho.
 Manoel Velho.
 Francisco Brandão.
 Francisco Freire Brandão.
 Francisco de Sampaio.
 O Padre Nicoláo da Maia.
 O Capitão Marco Antonio de Azevedo.
 O Capitão Vasco de Azevedo Coutinho, seu irmão.
 Francisco de Vasconcellos.
 Luiz de Loureiro, Informador de Mazagão.
 O Capitão João de Barros e Sousa.
 Antonio do Rego Beliago, seu filho.

Antonio Figueira da Maia.

O Padre Bernardo da Costa.

O Alferes Manoel Leitão de Lima.

O Licenciado Gabriel da Costa, Quar-
tenario da Sé.

Manoel da Costa, seu irmão.

Paulo de Sá.

O Capitão Diogo Penteado.

Manoel de Novaes Carvalho.

O Capitão João de Novaes Carva-
lho.

Manoel de Azevedo.

João da Silva do Valle.

Miguel da Silva.

Gregorio da Costa.

O Alferes Francisco Tavares.

Gonçalo de Sampaio.

O Alferes Manoel de Sampaio.

Gaspar de Tovar.

Pedro de Abreu.

Simão Corrêa da Cunha.

Luiz Alvares Banha.

Bento da Motta de Gusmão.

Affonso Mendes.

Luiz Godinho, Escrivão do Pescado.

O Capitão Antonio Franco de Li-
ma.

Alberto Raposo.

Paulo de Moura.

João Ribeiro.

O Licenciado Gaspar Clemente, e
outros.

Promptos, prevenidos, e armados todos os referidos, se vio então até que ponto subio o patriotismo; pois até muitas senhoras quizerão ter parte na gloria deste dia. D. Filippa de Vilhena armando com suas proprias mãos a seus dois filhos, D. Jeronymo de Attaide, e D. Francisco Coutinho, exhortando-os a huma tão heroica empreza, lhes disse: = Ide, meus filhos, extinguir a tyrannia, e vingar-nos dos nossos inimigos; e estai certos, que se o successo não corresponder ás nossas esperanças, vossa mãe não ha de sobreviver hum só instante á infelicidade de tantas pessoas de bem. = O mesmo praticou D. Marianna de Lancastre, com seus dois filhos, Fernão Telles da Silva, e Antonio Telles da Silva. Dirigirão-se ao Paço por diferentes caminhos,

a maior parte em liteiras, a fim de melhor esconder o seu número, e as armas que levavão. Dividirão-se em quatro bandos, como entre si tinham ajustado. Occupados todos os postos pelos Confederados, esperavão com impacienciã as nove horas; que era a hora determinada para a execução. Nunca o tempo lhes tinha parecido tão vagaroso. O receio, que fosse descoberto o seu grande número, e de que a hora extraordinaria, em que apparecião no Paço, fizesse suspeitar ao Secretario Miguel de Vasconcellos alguma cousa do seu designio, lhes causava desassossego. Em fim, dadas as nove horas, logo todos sahirão dos seus coches, e avançarão ao Paço. Jorge de Mello, Antonio de Mello, e Estevão da Cunha, com alguma gente que os seguião, detiverão os soldados Castelhanos, que estavam de guarda. D. Miguel de Almeida, ainda que velho, subio arrebatadamente á Sala dos Tudescos, e disparou huma pistola, signal que se havia ajustado, para que se repar-

tissem pelas partes, de que cada hum estava encarregado. O Porteiro-Mór Luiz de Mello, e João de Saldanha e Sousa, ganharão o lugar, onde estavam as alabardas dos Soldados. D. Affonso de Menezes, Gaspar Brito Freire, e Manoel Antonio de Azevedo, as lançarão todas em terra, impedindo a que os Soldados as pudessem tomar: alguns intentarão impedir o passo da porta, onde morava Miguel de Vasconcellos; mas o valor de Pedro de Mendonça, e Thomé de Sousa os carregou de sorte, que dezamparáão a porta; e querendo ganhar huma que hia ao quarto da Duqueza de Mantua, já a acháão occupada por Luiz Godinho Benavente, criado do Duque de Bragança, e por outras pessoas, que o acompanhavão, as quaes matáão hum Tudesco, e ferirão outros, e assim os fizeram retirar. Neste tempo o respeitavel velho D. Miguel de Almeida, perto de oitenta annos, com a espada na mão disse gritando: = Valerosos Portuguezes, viva ElRei D.

João IV., até agora Duque de Bragança, viva, morrão os traidores, que nos arrebatarão a Liberdade. = Desta sorte chegou ás varandas do Paço, repetindo as mesmas palavras muitas vezes. Outros buscando a casa de Miguel de Vasconcellos, entrarão pelo corredor; e encontrando a Francisco Soares de Albergaria, Corregedor do Cível da Cidade, que sahia da Secretaria d'Estado, lhe disserão todos = Viva ElRei D. João = e elle arrebatado, tirando da espada, respondeo = Viva ElRei Filippe de Hespanha, e de Portugal = a que se seguio darem-lhe hum tiro de pistola, que em poucas horas lhe tirou a vida.

Continuando os Confederados a buscar Miguel de Vasconcellos, romperão facilmente a porta da casa, em que despachava; e não o achando nella, julgárão ter fugido; porém huma criada velha apontando para hum armario de papeis lhes indicou estar alli escondido. Abrio-se o armario; e logo D. Antonio Tello lhe

disparou hum tiro, a que se seguirão outros, que o lançarão por terra cheio de feridas mortaes; e ainda vivo o lançarão ao Terreiro do Paço das janellas abaixo, dizendo: = Viva a liberdade, e ElRei D. João IV., morrão os traidores. = O Povo executou neste cadaver toda a crueldade, arastrando-o pelas ruas, e fazendo mil desprezos, até que a Irmandade da Santa Casa da Misericordia lhe fez dar sepultura. Tal foi o fim de Miguel de Vasconcellos, Portuguez de nascimento, porém inimigo da sua Nação, que em todo o tempo, que exerceo o emprego de Secretario d'Estado, fez todas as tyrannias ao povo sem respeito a parentes, nem amigos. Tendo ajuntado immensos cabedaes no exercicio do seu cargo, foi tudo confiscado, sendo huma grande parte saqueada pelo povo, que quiz por suas proprias mãos pagar-se dos damnos d'elle recebidos.

D. Miguel de Almeida, Fernão Telles da Silva, D. João da Costa, Thomé de Sousa, Pedro de Mendon-

ça, D. Antão de Almada, D. Luiz seu filho, D. Antonio Luiz de Menezes, D. Rodrigo de Menezes seu irmão, D. Carlos de Noronha, Antonio de Saldanha, D. Antonio da Costa, D. Antonio de Alcaçova, João Rodrigues de Sá, Martim Afonso de Mello, Luiz de Mello, Manoel de Mello seu filho, Tristão de Mendonça, Luiz de Mendonça, D. Francisco de Sousa, D. Thomaz de Noronha, D. Francisco de Noronha, D. Antonio Mascaranhas, D. Fernão Telles de Faro, Ruy de Figueiredo, Luiz Gomes seu irmão, Francisco de Sampaio, Gomes Freire de Andrade, e seu filho Gil Vaz Lobo; forão todos procurar a Duqueza de Mantua, que a achárão a huma janella, pedindo ao povo que a soccorresse, e livrasse de tão perigoso lance. Porém elles com todo o decoro a obrigarão a que se retirasse; e intentando descer ao Terreiro, tambem lho embarçárão; a que ella disse: = Senhores, já estaes satisfeitos, e vingados com a morte do Ministro

culpado, elle está castigado, não passe adiante o furor, que não deve entrar em corações tão nobres: eu prometto, que ElRei Catholico não só perdoe a todos, mas vendo a obediencia, com que respeitaeis o seu serviço, agradeça vêr este Reino livre dos excessos do Secretario. —

O Arcebispo de Braga, Presidente do Paço, sahindo do Tribunal chegou a tempo, que a Duqueza acabava de pronunciar estas palavras, e intentou seguir o mesmo estilo; porém o respeito, que se observou com a Duqueza, quebrou D. Miguel de Almeida, mandando-o calar; o que elle fez retirando-se a hum dos quartos interiores. A Duqueza continuou no mesmo com muita soberania, segurando o perdão do Rei Catholico; a que lhe responderão, que já não conheciam outro Rei senão D. João, que haviam acclamado. A estas palavras se enfureceo a Duqueza, e foi necessario a D. Carlos de Noronha mandalla calar, e retirar com menos attenção daquella, com que até alli se

tinha tratado; porque de outra sorte era arriscado perder-se-lhe o respeito: a que ella replicou dizendo: = Amim? Como? = A que D. Carlos respondeo: = Obrigando a Vossa Alteza, que, quando não queira entrar por esta porta, saia por aquella janella. = O que ouvindo se retirou assustada com as suas Damas ao seu Oratorio; e pedindo-se-lhe passasse ordem a D. Luiz del Campo, que governava o Castello, para que não fizesse movimento, assignou na forma, que estava. Ficou de guarda á Duqueza D. Antão de Almada, com algumas pessoas. Os outros Fidalgos sahirão do Terreiro do Paço, gritando em altas vozes: = Liberdade, viva ElRei D. João IV. = Logo todo o povo acclamou o novo Rei. Concorreo muito para este ditoso fim o Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha; porque, tendo noticia de que se executava tudo quanto se havia premeditado, sabio da Sé, e no terreiro, que lhe ficava diante, achou a D. Pedro de Menes

zes, Conde de Cantanhede, Presidente da Camara, com todo o Corpo do Senado, D. Alvaro de Abranches, com a Bandeira da Cidade, seguido de todos, e buscando ao Arcebispo, já chegando defronte da Igreja de Santo Antonio, pouco distante da Sé, quando se ouviu gritar o povo, que hum a Imagem de prata de Christo Crucificado, que levava hum Capellão diante do Arcebispo, desprezava o braço direito: o que todos tiveram por cousa maravilhosa, confessando-o assim o povo prostrado por terra, e dizendo que Deos approvava com este signal a obra, que acabavão de executar.

D. Gastão Coutinho dando liberdade aos presos abriu as cadeas, e todos se acharão livres. Chegou o Arcebispo ao Paço, e já o achou cheio de gente de todos os Estados, congratulando-se todos mutuamente pela liberdade da Patria. Voltarão ao Paço os outros Fidalgos, que havião girado pela Cidade, e dentro em tres horas estava tudo em tal socego, co-

mo se nada houvera acontecido; e em poucos dias socegou todo o Reino, livre de hum captiveiro de sessenta annos.

Em quanto o novo Rei não chegava de Villa-Viçosa, se deo o governo ao Arcebispo de Lisboa, e ao Arcebispo de Braga, que acceitou mais por temor, que por ventade, e a D. Lourenço de Lima, Visconde de Villa-Nova da Cerveira, por se escusar o Inquisidor-Geral D. Francisco de Castro. Tanto que os Governadores acceitáram, expedirão logo ordens para todo o Reino, noticiando o succedido, mandando armar todo o Reino contra a invasão de Castella. Despachados os correios ao meio dia, se recolherão os Governadores a suas casas, admirados de verem a Cidade no mesmo socego, que no dia antecedente; as lojas de Mercadores abertas, e tudo o mais na maior tranquillidade nunca vista em taes acontecimentos. Socegada a Cidade, João Rodrigues de Sá, D.

João da Costa, e outros Fidalgos, em huma das galés, que estavam no rio, renderão tres navios da Armada Castelhana, que estavam surtos, e guarnecidos de Infantaria.

Entregou-se o Castello da Cidade; e no mesmo dia as Torres de Belém, Cabeça Secca, Torre-Velha, Santo Antonio, e o Castello de Almada, sendo a Duqueza de Mantua quem passava as ordens. Depois mandarão os Governadores sahir do Paço a Duqueza para o de Xabregas, onde foi acompanhada do Arcebispo de Braga, e daqui foi mudada para o Mosteiro de Santos das Comendadeiras de S. Tiago. Os Officiaes de guerra, e fazenda Castelhanos foram postos em custodia.

.. Esta gloriosa acção não tem igual na Historia: nenhuma Nação ainda se restaurou por semelhantes passos, e por pessoas particulares, e sem soccorros de outras Nações: hum Reino cercado de seus inimigos, seguro com presidios, e fortalezas,

bem se vê ser esta acção auxiliada por Deos, para ser eternamente acclamada pelas maiores do Mundo.

Chegou a noticia a Villa-Viçosa, levada por Pedro de Mendonça, e Jorge de Mello, pela posta na segunda feira 3 de Dezembro, a tempo que ElRei entrava na Capella a ouvir o Sermão, referirão-lhe o successo, beijarão-lhe a mão, e mandou que se continuasse a solemnidade; porém o alvoroço foi tal, que não deo lugar a seguir a ordem. Já se achava em Villa-Viçosa o Marquez de Ferreira, e o Conde de Vimioso, que havião solemnemente acclamado ElRei em Evora, com aviso que tiverão de Lisboa: o Marquez de Ferreira, D. Francisco de Mello, que á imitação de seus maiores, manteve sempre com amor, e respeito o parentesco com os Duques, foi o primeiro, que se offereceo a servir ElRei; o que agradecendo-lhe o Senhor D. João, lhe deo depois o lugar de Mordomo-Mór da Casa da

Rainha; e á Marqueza sua mulher; o cargo de Camareira-Mór.

Reconhecendo ElRei o quanto convinha partir com brevidade para Lisboa; entrou no coche, acompanhando-o nelle o Marquez de Ferreira, o Conde de Vimioso, Pedro de Mendonça, e Jorge de Mello, e cavallo alguns criados de sua Casa. Sem mais guarda, que o seguisse, sahio de Villa-Viçosa entre vivas, e acclamações, que continuárão até Lisboa, onde chegou seis dias depois de sua gloriosa acclamação, salvando á sua chegada o Castello, e Fortalezas da Cidade. Nessa mesma tarde beijárão a mão a ElRei os Tribunaes, e o Auditor da Legacia, o qual levantou o interdição por seis mezes, que o Collector havia deixado; quando sahio do Reino escandalizado dos Ministros de Castella. A' noite se vio toda a Cidade illuminada, não se ouvindo pelas ruas, senão vivas do Povo, com tão excessiva alegria, que deo motivo a hum Fidalgo Caste-

lhano, que observava tudo o que se passava, dizer: = He possível, que se tire hum Reino a ElRei Philippe só com luminarias, e vivas, sem mais exercito nem poder? Grande signal, e effeito sem d'úvida do braço Omnipotente de Deos. =

ElRei logo com prudencia prohibio as pomposas festas, que o Senado da Camara de Lisboa queria fazer, dizendo, que não queria mais preparações, que as da guerra para defender o Reino. Todas as Villas, e Cidades acclamárão solemnemente o novo Rei. Renderão-se aos Portuguezes os Castelllos, e Fortalezas dentro de oito dias, entre elles os de S. Philippe, e Torre de Outão na Villa de Setubal. A Praça de Cascaes se rendeo a D. Gastão Coutinho a 10 de Dezembro, e a 12 a Fortaleza de S. Gião a D. Francisco de Sousa, governando esta Fortaleza D. Fernando de la Cueva, a quem ElRei deo huma Commenda, e fez outras mercês.

Vencidas todas as difficuldades,

se dispoz a solemnidade da corbação d'ElRei. Foi ella a 15 de Dezembro, em que a Santa Igreja celebra o oitavo dia da Conceição de Maria Santissima. Baixou ElRei do Paço a hum grande theatro, que se tinha preparado debaixo das suas janellas, vestido de todas as insignias Reaes, acompanhado da principal Nobreza da Côrte na forma, com que os Reis de Portugal fazião semelhantes actos; sustentava-lhe a cauda o Camareiro-Mór; hia diante d'ElRei o Marquez de Ferreira, do Conselho de Estado, que fazia o officio de Condestavel, e logo Fernão Telles de Menezes, que fazia o officio de Alferes-Mór, com a Bandeira enrolada; seguia-se o Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, Mordomo-Mór, com a sua insignia na mão, e todos os Grandes, e Fidalgos na forma do costume, todos descobertos, e diante os Reis d'Armas, Arautos, e Passavantes, e os Porteiros da Cana com maças de prata.

Tanto que ElRei chegou ao

estrado, o Reposteiro-Mór descobriu a cadeira, e sentado ElRei de baixo de hum docél rico bordado de ouro, e prata, no seu throno, tomou o sceptro de ouro na mão direita, que lhe deo o Camareiro-Mór, a quem o entregou Belchior de Andrade, Thesoureiro do Thesouro, que o tinha em huma rica salva. O Condestavel ficou com o estoque nas mãos, em pé, e descoberto, como vinha, no estrado pequeno da parte direita d'ElRei, e o Alferes-Mór no estrado grande da mesma parte, o Camareiro-Mór de trás da cadeira, e o Guarda-Mór diante do Camareiro-Mór, tambem da parte direita. No mesmo estrado grande da parte direita estavam os Prelados seguintes:

D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa, do Conselho d'Estado; o Bispo D. Francisco de Castro, Inquisidor-Geral do Conselho d'Estado; D. Sebastião de Mattos de Noronha, Arcebispo de Braga, do Conselho d'Estado; D. Francisco de

Souttomaior, Bispo de Targa, Deão da Capella Real, todos descobertos. Da parte esquerda, no mesmo estrado grande, encostado á parede d'elle, o Mordomo-Mór, e os mais Grandes do Reino, e Officiaes-Móres da Casa d'ElRei, e Fidalgos sem precedencias. No segundo degráo do estrado grande estavam os Reis d'Armas, Arautes, e Passavantes, e Porteiros de Maças, e logo se seguirão os Senhores das terras, Alcaldes-Móres, Fidalgos, e Ministros, que se achárão presentes, nos lugares em que cada hum se podia melhor accommodar.

Depois d'ElRei estar sentado, subio o Doutor Francisco de Andrade Leitão, Dezembargador dos Aggravos, ao estrado grande, e ficando no centro da parte esquerda, recitou huma elegante Oração, mostrando com bem fundadas razões a justiça com que os Tres Estados do Reino acclamárão, e restituirão a ElRei a Corôa usurpada a sua Avó, a Senhora D. Catharina. Porque assim que

fallecera ElRei D. Henrique no ultimo de Janeiro de 1580, logo se devolvera a successão dos mesmos Reinos á linha do Varão, que era o Infante D. Duarte seu irmão, filho d'ElRei D. Manoel, de gloriosa memoria; na qual em beneficio da representação se achava em primeiro, e mais proximo gráo ao ultimo possuidor a Serenissima Princeza D. Catharina sua sobrinha direita, filha do dito Infante, e neta d'ElRei D. Manoel, da qual havia nascido o muito excellente Principe D. Theodosio, Duque de Bragança, Pai d'ElRei, que estava presente, a quem pertencia o mesmo direito, e acção, que tinham os Principes seus Progenitores, para se desforçarem (como já então protestarão) e para se investir na mesma successão, que se lhe havia usurpado (como depois mostrarão em doutos Tratados insignes Jurisconsultos) e ultimamente expressou a ElRei a vontade, com que os Povos se offerecião a defendello, e a fidelidade, com que offerecião as fa-

zendas, e as vidas; por lhe segurassem perpetuamente a Corôa, e o quanto merecião, que Sua Magestade lhes guardasse seus foros, usos, e louvaveis costumes, privilegios, prerogativas, franquezas, e preeminencias, fazendo-lhes em tudo a honra, e mercê, para que unidos no Real amor, e serviço de Sua Magestade, não só tratassem de conservar, e defender a Corôa, que acabavão de lhe restituir, mas que lhe dilatassem, e ampliassem o seu Imperio.

Tanto que se acabou a falla, o Resposteiro-Mór poz diante d'El-Rei huma Cadeira raza, coberta com hum panno de brocado, com almofada do mesmo em cima, e outra aos pés d'El-Rei, e logo D. Alvaro da Costa, Capellão-Mór, poz em cima da dita cadeira, e almofada hum Missal aberto, e huma Cruz, e posto El-Rei de joelhos fez o juramento costumado nestes Reinos: ao qual forão presentes o Arcebispo Primaz, o Arcebispo de Lisboa, e o Bispo Inquisidor-Geral; e postos de joelhos,

Francisco de Lucena do seu Conselho, e seu Secretario d'Estado, hialendo a forma do juramento, que ElRei repetia; tendo a mão direita posta na Cruz, e Missal, e o Sceptro na esquerda, Disse:

“Juramos, e promettemos, com
 “a graça de Nosso Senhor, vos re-
 “ger, e governar bem, e direitamen-
 “te, e vos administrar inteiramente
 “justiça, quanto a humana fraqueza
 “permittle, e de vos guardar vossos
 “bons costumes, privilegios, graças,
 “mercês, liberdades, e franquezas,
 “que pelos Reis passados nossos an-
 “tecessores forão dados, e outorga-
 “dos, e confirmados.”

Acabado o juramento, se tornou ElRei a assentar na sua cadeira, e os Arcebispos, e Bispos voltarão para os seus lugares. Seguirão-se os Grandes, Seculares, e Ecclesiasticos, e Nobreza do Reino, que então se achava presente, a que deo principio o Duque de Caminha, que lêo o Secretario d'Estado, e a forma do juramento era a seguinte:

“Juro aos Santos Evangelhos
 “corporalmente por minhas mãos to-
 “cadas, que eu recebo por nosso
 “Rei, e Senhor verdadeiro, e na-
 “tural, ao muito Alto, e muito Po-
 “deroso Rei D. João IV. nosso Se-
 “nhor, e lhe faço preito, menage,
 “segundo o foro, e costume destes
 “seus Reinos.”

Tanto que se acabou de jurar
 sobre a dita Cruz, e Missal, foi
 beijar a mão a El-Rei, e na mesma
 forma o fizeram os outros Grandes,
 Seculares, e Prelados, sem entre el-
 les haver precedência, porque o Se-
 cretario d'Estado declarou, que El-
 Rei assim o mandava. Concluiu-se
 o acto com o Alferes-Mór desenro-
 lar a Bandeira Real, voltado para o
 Povo, dizendo três vezes em voz al-
 ta: = Real, Real, Real, pelo mui-
 to Alto, e muito Poderoso Senhor
 Rei D. João IV. nosso Senhor =; o
 que o Povo repetia entre vivas, e
 alegres acclamações, evidentes pro-
 vas do seu contentamento.

Acabada a sollemnidade do acto.

se levantou ElRei, e foi dar as graças ao Senhor, á Igreja da Sé Metropolitana. Hia diante o Condestavel com o estoque desembaiahado levantado, e o Alferes-Mór com a Bandeira Real, a pé, e descobertos; e na mesma forma acompanhavão os Grandes, que havião assistido ao acto d'Acclamação. ElRei hia a cavallo. Na Praça do Pelourinho parou ElRei, e ouviu huma Oração ao Doutor Francisco Rebelto Homem, Vereador da Camara, e acabada ella lhe entregou as chaves da Cidade o Presidente do Senado o Conde de Cantanhede, que ElRei tomou, e depois as deo ao mesmo Conde.

A porta da Igreja o recebeu o Arcebispo revestido de Pontifical; acompanhado do Cabido, com a Reliquia do Santo Lenho nas mãos, que ElRei devotamente adorou; e depois de ditas as Orações costumadas, voltou ao Paço, entre vivas, e lagrimas de alegria, que na verdade fazia o mais agradavel espectaculo.

No dia de Natal passou ElRei

a Aldegallega a esperar a Rainha, á qual acompanhava o Marquez de Ferreira, que havia partido a buscalla, D. Vasco da Gama Conde da Vidigueira, D. Francisco Coutinho Conde de Redondo, e outros. Vinha com a sua Camareira-Mór, que era a Marqueza de Ferreira. Entrarão os Reis em Lisboa com novos vivas, e geral contentamento trazendo consigo o Principe D. Theodosio, a Infanta D. Joanna, e a Infanta D. Catharina. Nomeou a Rainha para Aya do Principe, e Infantas a D. Marianna de Lancastre, viuva de Luiz da Silva, Vedor da Fazenda, e do Conselho d'Estado, e ornou-se o Paço das mais illustres Damas da Côrte, e de pessoas de igual qualidade.

Apenas se soube em Madrid a 7 de Dezembro a noticia de ser aclamado o Duque de Bragança, pelo Corregedor de Badajós, se expedirão logo correios para Alemanha, pedindo ao Imperador Fernando III. a segurança do Infante D. Duarte. Cau-

sou grande admiração na Corte de Madrid chegar a ella o Conde de Figueró, que partira de Lisboa nos fins de Novembro, sem dar noticia alguma da acclamação.

Nomeou ElRei logo Ministros para o Governo, e para o Despacho de todos os dias o Arcebispo de Lisboa, o Visconde D. Lourenço de Lima, e o Marquez de Ferreira. Nomeou para o Conselho d'Estado, além dos referidos, o Arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos de Noronha, o Inquisidor-Geral D. Francisco de Castro, o Marquez de Villa Real D. Luiz de Noronha, que já na dominação de Castella tinha este exercicio, o Conde de Vimioso, e D. Miguel de Portugal seu irmão, D. Antonio de Atayde, Conde da Castanheira, e Castro Dairo, D. Jorge de Mascaranhas, Marquez de Monte Alvão, D. Miguel de Almeida, e Henrique Corréa da Silva.

Para o Conselho de Guerra, foram nomeados Jorge de Mello, General das Galés, D. José de Mene-

zes, Antonio de Saldanha, João Pereira Corte-Real, Fernão Telles, e seu irmão Antonio Telles da Silva, Mathias de Albuquerque; Fernão da Silveira, Martin Affonso de Melo, D. Vasco Mascarenhas, Conde de Ovidos, D. Alvaro de Albranches, e D. Gastão Coutinho.

Para o Tribunal do Desembargo do Paço, nomeou Presidente o Visconde de Villa-Nova da Cerveira e por Ministros ao Sebastião Cezar de Menezes, do Conselho Geral do Santo Officio, D. Rodrigo de Menezes, irmão do Conde de Cantanhede, o Doutor João Pinto Ribeiro, o Doutor Francisco de Andrade Leira, e o Doutor Antonio Coelho de Andrade.

A Carta da Supplicação foi nomeado Regedor o Conde de S. Lourenço Pedro da Silva Governador da Relação do Porto João Gomes da Silva Presidente da Mesa da Consciencia e Ordens D. Carlos de Noronha.

Ordemou huma Junta para o pro:

vimentos das Províncias, a saber: D.
 Vasco da Gama, Conde da Vidigueira,
 D. João de Menezes, Rodrigo
 Botelho, do seu Conselho da Fazenda,
 Pedro Vieira da Silva, seu Pro-
 curador da Fazenda, e D. Pedro de
 Menezes, Conde de Capanhedo,
 que presidia nesta Junta, e Secretário
 Affonso de Barros Caminha, Es-
 critor da sua Fazenda. Então, depois
 das Cortes, teve principio a Junta dos
 Três Estados. A obediência
 do Reino para Capitão General de
 todo o Reino, foi D. Affonso de Por-
 tugal, Conde de Vimioso, e logo
 depois o Mathias de Albuquerque
 como Titulo de Governador das Al-
 mas, bem que succedea ao Conde Go-
 vernador, e Capitão General do Al-
 garves, o Conde de Obidos D. Vasco
 de Mascarenhas, que fez sua residen-
 cia em Castro Marim. A obediência
 do Reino Alvaró de Abanches foi
 mandado governar a Beira, com Pa-
 tente de Capitão General, e fez a
 sua residencia na Villa de Pinhel.
 Entre Douro, e Minho, se en-

carregou ao General D. Gástão Coutinho, que assistia na Villa de Valença, fronteira de Tuy do Reino de Galliza.

Tras os Montes se dividio em dois Fronteiros-Móres, Ruy de Figueiredo, que assistia em Chaves, e Francisco de Sampaio em Villa Fldr.

O Castello de Lisboa ao Conde de Monsanto. A Fortaleza de S. Gião a D. José de Menezes. A Praça de Cascaes a Martin Affonso de Mello. A Torre de Belém a Antonio de Saldanha, e por seu Tenente Jacinto de Sequeira. A Torre Velha Ruy Lourenço de Tavota. Peniche o Conde de Atougia. Castello de S. Filippe de Setubal D. Noutel de Castro; e a Fortaleza de Oufão na mesma Villa a Antonio de Moura. No Reino do Algarve, e de Sagres a Francisco Ribeiro. No Castello de S. João da Fós, na Cidade do Porto, o Conde de Penaguião; seu Donatario Francisco de Sá e Menezes. Em Vianna Manoel Telles, irmão do

Conde de Unhão. Na Praça de Olivença o Mestre de Campo Francisco de Mello, e lhe succedeo Rodrigo de Miranda Henriques. Em Castello de Vide D. Nuno de Mascaranhas. Em Serpa Manoel de Mello, em lugar de seu Pai Luiz de Mello, Porteiro-Mór. Para Béja foi mandado por Mestre de Campo D. Francisco de Sousa, sobrinho, e herdeiro do Conde de Prado, e á sua obediencia os lugares vizinhos. Para Moura o seu Alcaide-Mór Luiz da Silva. Em Mourão Francisco de Mendonça Furtado, filho do Guarda-mór da Pessoa Pedro de Mendonça. Na Praça de Campo-Maior Fernão de Lima, por Pedro de Alcaçova. As comarcas da Guarda, e Castello-Branco D. Fernando de Menezes. Na Villa de Monção, e seus contornos D. Affonso de Menezes á ordem de Gaspar Coutinho. Coimbra, e sua Comarca Gaspar de Brito, a quem succedeo D. Luiz de Almada na Capitania-Mór de Coimbra. Para Buarcos foi mandado Gonçalo da Costa

Coutinho. Pázar a Guarda Pedro de Mello. Alcoutim Fernão Pereira. Lamego ficao Bernardo Corrêa de Lacerda, em lugar de D. Gomes de Mello, Capitão, e Alcaide-Mór da mesma Cidade. Estes forão os primeiros Generaes, e Cabos que começaram a contrastar o grande poder dos Castelhanos, a quem se seguirão outros muitos, que deixarão glorioso nome á posteridade.

1641

No dia 28 de Janeiro convocou El Rei Cortes na Cidade de Lisboa, onde concorrerão todos os Povos por seus Procuradores das Cidades, e Vilas do Reino, que tem voto nellas. Jurarão os Tres Estados do Reino ao El Rei por legitimo Senhor destes Reinos, e seu Successor o Principe D. Theodosio. D. Manoel da Cunha Bispo de Elvas representou a El Rei em huma eloquente Oração o amor dos Povos, e a estes a magnanimidade, e resolução do El Rei em os querer defender, que amparar. Seguiu-se o juramento, em que se observarão todos os costumes antigos. No dia

seguinte, em que foi a primeira proposição das Côrtes, erou segunda vez o Bispo. D. Manoel da Cunha; o qual referio, que ElRei havia por levantados todos os tributos impostos por ElRei de Castella: discorreo o Bispo com propriedade sobre a união, e desinteresse particular, e que ElRei deixava á eleição dos Tres-Estados do Reino, os meios para a sua defenza, offerecendo para o dispendio da guerra todas as rendas do Patrimonio Real, e todas as joias, e prata lavrada, que havia no Thezouro da Casa de Bragança. A esta oração respondeo o Doutor Francisco Rebello Homem, Vereador da Camara, por parte dos Povos, em que rendeo as graças a ElRei, de anticipar aos Povos as mercês de lhe levantar os tributos, os quaes, em gratidão de tão singular beneficio, lhe offerecião as vidas, e fazendas para defenza, e segurança do Reino. Acabado o acto das Côrtes, mandou ElRei, que os Tres-Estados se ajuntassem, divididos, em S. Domingos

o Ecclesiastico, a Nobreza em Santo Eloy, e em S. Francisco os Procuradores dos Povos, onde, depois de diversas conferencias, concordarão nos subsidios para a despeza da guerra.

Despedidas as Côrtes, ficou instituida a Junta dos Tres-Estados, nomeando-se Ministros de cada hum delles, para a distribuição dos tributos, de que resultarão ao Rei, e ao Reino grandes utilidades.

Mandou ElRei por Embaixadores a França, a Francisco de Mello, Monteiro-Mór, e ao Doutor Antonio Coelho de Carvalho, Dezembargador do Paço, e por Secretario da Embaixada a Christovão Soares de Abreu, Dezembargador do Porto. Partirão de Lisboa a 28 de Fevereiro; chegarão a Avrochella a 5 de Março, onde forão recebidos do Grão-Prior de França, da Ordem de S. João, Governador daquella Cidade, com especiaes demonstrações de affabilidade, e grandeza. ElRei os mandou esperar, antes de chegarem a

Pariz com seus coches, vindo em hum delles o Duque de Chevreuse, que os recebeu, e conduzio a S. Germain, onde ElRei assistia. Em 25 de Março tiverão audiencia d'ElRei Luiz XIII., e do Cardeal de Richelieu, primeiro Ministro daquella Monarchia. Tiverão audiencia da Rainha, e, depois de varias conferencias, ajustarão hum Tratado entre as duas Côroas de paz perpetua, em que assentarão ambos os Reis, de não ajudar aos inimigos de qualquer delles com gente, dinheiro, munições, ou navios, deixando livre aos Hollandezes entrarem nesta Confederação, se quizessem. Que se faria guerra a ElRei de Castella com todo o vigor, e por todos os caminhos, que se offerecessem. Que ElRei Christianissimo se obrigava a mandar a Portugal vinte navios nos ultimos do mez de Junho seguinte, para se unirem a outros tantos d'ElRei de Portugal; esperando-se, que os Estados-Geraes os auxiliassem com igual número. Que aquella armada intentaria tomar

ar frota da nova Hespanha, e procuraria fazer todo o damno, que fosse possível nos portos, e navios de Castella, sendo igualmente divididos os interesses. Que se continuaria o Comercio entre os dois Reinos na mesma forma, que no tempo dos antigos Reis de Portugal. Que El Rei Christianissimo permittiria, que pudessem livremente os navios Portuguezes comprar nos seus portos toda a sorte de munições de guerra, e boca, que lhes fossem necessarias. Concluido assim o Tratado, se despedirão os Embaixadores com cartas para El Rei, e voltarão a Portugal na Armada, que veio a Lisboa, de que era General o Marquez de Berzé, sobrinho do Cardinal Rechilieu.

Os Embaixadores, que foram a Inglaterra, sahirão no mesmo dia, que os de França: erão elles D. Antonio de Almada, e Francisco de Andrade Leltão, Dezemburgador do Paço, e por Secretario da Embaixada, Antonio de Sousa de Macedo; e a 7 de Março chegaram a Plemur, ses

senta legoas de Londres, para onde
 partirão, adiantando-se o Secretario a
 pedir licença a El Rei Carlos I., pa-
 ra entrar na Côrte; o que elle lhe
 concedeo, pedindo-lhe primeiro, lhe
 declarasse por hum papel o direito,
 que El Rei D. João tinha á Côroa de
 Portugal; o que Antonio de Sousa
 fez com toda a elegancia, e clareza,
 que não só mostrou o direito d'El-
 Rei, mas a tyrannia de Castella.
 Depois entrarão com a solemnidade
 costumada, e permittida aos maiores
 Soberânos da Europa, de que pouco
 satisfeito, e escandalizado o Embai-
 xador de Castella D. Affonso Cardi-
 nas, sahio da Côrte, e os nossos fi-
 zerão a sua entrada a 7 de Abril,
 e forão recebidos d'El Rei, com de-
 monstrações de alegria, achando o
 mesmo agrado na Rainha D. Hen-
 riqueta Maria, que era irmã d'El Rei
 de França. Conferindo com os Mi-
 nistros, que se lhes derão, ajustaráo
 os Trátados de huma paz perpetua
 para si, e seus descendentes. Que os
 seus Vassallos conservarão hum ami-

gavel trato, e commercio; que poderão os Portuguezes comprar munições em Inglaterra, e os Inglezes terem liberdade de poderem passar a servir na guerra em Portugal. Concluido o Tratado, voltarão os Embaixadores a Lisboa, ficando em Londres o Secretario Antonio de Sousa de Macedo encarregado dos negocios, e depois Embaixador d'El Rei na mesma Côrte, onde imprimio em 1645 a sua excellente obra *Lusitana Liberata*, em que mostrou evidentemente o direito do Senhor Rei D. João.

Tinha tambem no mesmo dia partido para Hollanda o Embaixador Tristão de Mendonça, levando por Secretario da Embaixada a Antonio de Sousa Tavares, Ministro de Letras, e muita capacidade. Foi o Embaixador recebido com muita satisfação; por vêrem abatida a Hespanha, e a Serenissima Casa de Bragança occupando o throno de Portugal; e apezar de se terem os Hollandezes apoderado de diversas con-

quistas deste Reino; como na India; de Malaca; e na Ilha de Ceilão das Fortalezas de Negumbo, e Galé; no Brazil, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande, Ceará, as Ilhas de Tamaraçá, e de Fernão de Noronha; e para a parte do Sul Porto Calvo, e Sageripe; com tudo concluiu o Embaixador huma tregoa por dez annos entre Portugal, e os Estados, que se ajudarião com todas as forças contra Castella, entendendo-se este Tratado no Brazil, e na India com outras condições, pouco uteis ao Reino. Que os Holandezes mandarião á sua custa huma esquadra de vinte navios, para se unirem aos d'El Rei; o qual poderia tirar dos Estados de Hollanda todos os Officiaes de guerra, que lhe parecessem necessarios; os quacs elles mandarião á sua custa, e se obrigarião a soccorrer, em quanto estivessem em Portugal; e queda mesma sorte poderião tirar da Hollanda todas as munições, e instrumentos militares para a guerra. Os Holandezes mandarão a Lisboa

a Armada de que era Almirante: Arnaldo Gyselis, que da parte dos Estados deo o parabem e Bilei da sua exaltação ao throno; como Embaixador extraordinario: Na mesma Armada voltou a Lisboa Tristão de Mendonça, trazendo dois Regimentos de Cavallaria, quantidade de armas, e petrechos de guerra, de que havia grande falta no Reino: No Parricido de Março por Embaixador de Dinamarca, e Suecia Francisco de Sousa Coutinho, levando por Secretario da Embaixada a Antonio Moniz de Carvalho; Deu embargo para a Realçãõ: Portanto chegou a cidade de Abrisja Compañha, e hade forão muito bem recebidos pelo Governador daquelle Cidade: E Ruzellos deo os maiores demonstrações de admisaõ de honra final para o poruio, poroñho yidder as dependencias, roquer a Dinamarca ruzha com a Hespanha: Despedindo-se daqui, continuou a jornada para Suecia, onde entoe com satisfaçõ da Rainha D. Christina, filha do Grand

de Gustavo Adolfo, ordenando, que fosse o Embaixador tratado magnificamente por todas as lugares onde passasse. Chegou á Cidade de Stóckholm, Corte da Rainha, e logo foi visitado da sua parte. No dia da sua entrada publica foi conduzida em hum coche da Rainha com hum Senador, e Mordomo do Paço, no qual seguiu todos os Embaixadores residentes naquelle Corte, e de toda a principal Nobreza. Desta sorte entrou no Paço com todas as ceremonias da maior ostentação. Apeñas o Embaixador appareceu á porta da antecâmara, se levantou a Rainha, que não contando mais, que quinze annos, estava acompanhada dos cinco Ministros elitos para a Regencia do Reino, e dando tres passos lhe fez huma pequena inclinação. O Embaixador, depois de se haver coberto, veio a Embaixada em Latim, que ella muito bem entendeo, e o Grão-Chancelheiro do Reino respondeu ao Embaixador, assegurando-lhe o quanto estimava a Côroa da Suecia

contratar huma solida 'alliança com a de Portugal. Passada a audiência pública, começou logo a negociação, em que se concluiu hum Tratado de Alliança em cinco artigos na lingua Latina, que continhão, observar-se entre as duas Nações igual correspondencia, e livre commercio em todos os portos de hum, e outro Reino. Concluido o Tratado, recebeu o Embaixador cartas da Rainha da Suecia para El Rei de Portugal; onde voltou na esquadra, que a Rainha lhe concedeo, em que trouxe artilharia, armas, e munições, sendo em Lisboa applaudido o bom exito da sua negociação.

Para Roma foi nomeado o Bispo de Lamego D. Miguel de Portugal; Prelado de letras, virtudes, sangue, valor, e juizo; levando por seu assistente Pantaleão Rodrigues Pacheco; do Conselho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio, e por Secretário da Embaixada Rodrigo Rodrigues de Lemos, Desembargador do Porto. Partirão de

Lisboa a 15 de Abril, e tomando o porto de Arochela, atravessando França, forão a Pariz; e a 20 de Outubro se embarcárão em Tolon, e em poucos dias entrárão em Civita-Vechia, porto que dista treze legoas de Roma. O Papa Urbano VIII., seguindo o partido de Castella, não accitou a Embaixada do Bispo de Lamego. O Marquez de Los Velles, Embaixador extraordinario de Castella na Côte de Roma, maquinou tudo isto, e intentou prender o Bispo; e remetello a Napoles, ou mallallo. O Marquez de Fontenay, Embaixador de França, avisou, e acatou ao Bispo; porém apezar de tudo isto sabindo elle no dia 20 de Agosto ás cinco horas da tarde a vizitar o Embaixador de França, acompanhado de Portuguezes, e Francezes, foi acõmmettido pelo Marquez de Los Velles, e mais Castelhanos, onde houverão brigas, espadas desembainhadas, ataque de pistolas, tudo de parte a parte, até que, vencidos os Castelhanos, se retirárão

vergonhosamente, fugindo o Marquez de Los Vellés apé, tendo se-lhe morto dois cavallos do seu coche, oito Castelhanos mortos, entrando o Capitão D. Diogo de Vargas, homem valeroso, e vinte feridos. Da parte do Bispo ficaram mortos hum Cavalleiro de Malta, sobrinho do Embaixador de França, e dois pagens seus, e hum criado de Pantaleão Rodrigues, e quatro Francezes feridos. O Bispo de Lamêgo foy vestido de valor, e constância de seus maiores, sahindo do coche com huma clavina nas mãos, animou os que combatião, e sustentou o ataque; e seguindo depois a jornada para casa do Embaixador de França, voltou della ao seã aposento. O coche do Embaixador de Castella despedaçado esteve tres dias no mesmo lugar da pendencia. Sentirão os Romanos; e igualmente o Papa este procedimento dos Hespanhoes, insultando hum Ministro publico na sua Córte, contra todo o direito. Mas apesar de tudo isto o Papa não recebeu a Embaixada, que só se di-

rigia a render obediencia á Santa Sé como filho da Igreja, e que nada mais queria ElRei D. João IV.; e o Bispo embarcando em Liorne voltou a Lisboa, sem nada concluir, acabando pouco depois a vida cheio de virtudes, e merecimentos.

A Duqueza de Mantua, recolhida no Mosteiro de Santos, foi conduzida a Madrid, acompanhada do Corregedor do Crime de Lisboa Luiz Gomes de Basto, e do Juiz do Crime Simão de Oliveira da Costa. Em Elvas a recebeu Martim Affonso de Mello, Governador das Armas, vindo-a esperar duas legoas fóra da Cidade com cavallaria, Officiaes, e pessoas de distincção da Praça, observando todas as ceremonias, e respeito devidos á sua pessoa; e na mesma forma a acompanhou, quando partiu para Badajós.

Passando a Castella alguns Senhores Postiguezes, forão declarados por incursos no crime de Lesa-Majestade, e seus bens confiscados para a Côrta.

Descoberta - por ElRei D. João huma conjuração contra elle, fez prender no dia 28 de Julho nas Torres, e cadeas os conjurados, e outras pessoas mais, de quem havião suspeitas. Feitas as prizões, sahio ElRei com semblante triste, e magestoso a huma casa, onde a Côrte o esperava, á qual manifestou o sentimento, com que havia feito aquellas prizões; porém que assim era preciso para a segurança do Reino; no que todos convierão. Este mesmo sentimento manifestou ao seu Povo por Editães, que mandou affixar por toda a parte.

Sendo processados os reos, forão no dia 29 de Agosto degolados na Praça do Rocio o Marquez de Villa-Real, com cincoenta e dois annos de idade, o Duque de Caminha com vinte e sete, o Conde de Armamar com vinte e quatro, e D. Agostinho Manoel com cincoenta e oito: morrerão enforcados Pedro Bacça, Belchior Correa da Fonseca, Diogo de Brito Nabo, e Manoel Valente; e no dia 9 de Setembro forão pelo mes-

no crime enforcados defronte do Limoeiro Christovão Cogominho, e Antonio Correa, gritando todo o Povo ao tempo, que erão justicados: "Viva ElRei D. João." Ficando no theatro os corpos dos quatro degolados até a meia noite, forão levados na Tumba da Misericordia á Igreja de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas Descalços. Assim acabou a casa do Marquez de Villa-Real, huma das maiores do Reino, pela origem, pela grandeza, e pela authoridade, com que se havia conservado por mais de dois seculos, não ficando successão ao Duque de Caminha seu filho. No dia das execuções se vestio ElRei de luto, e mostrou a toda a Nobreza o seu sentimento por este successo. Julgando-se alguns dos prezos sem culpa, sahirão das prizões, e outros morrerão nas Torres: entre elles foi o Arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos de Noronha, primeiro author da conspiração, que acabou na Torre de S. Gão da Barra, tão arrependi-

do dos seus erros, que mandou o enterrassem no Adro de qualquer Igreja, e lhe puzessem huma campa raza, para que não ficasse memoria alguma do que fôra.

No dia 7 de Agosto entrou no Porto de Lisboa a Armada de França, que se compunha de vinte Náos, de que era General o Marquez de Berzé, sobrinho do Cardeal Rechi-lieu, e herdeiro da sua casa: o qual vinha revestido do character de Embaixador extraordinario d'ElRei Christianissimo, para dar os parabens da sua exaltação ao throno a ElRei D. João. Têve logo audiencia, entrando conduzido pelo Conde de Vimioso. Recebeo ElRei o Marquez magnificamente; e tendo depois audiencia da Rainha, e do Principe D. Theodosio, se recolheo outra vez a bordo, recusando o magnifico aposento, que no Paço se lhe tinha preparado.

Pouco depois, a 10 de Setembro, chegou outra Armada auxiliar de Hollanda, igual á de França, de que

era General Adriano Gylsels, que trazia o titulo de Embaixador dos Estados. Deo-lhe ElRei audiencia conduzido pelo Barão de Alvitto.

O Conde de Castello-Melhor João Rodriguez de Vasconcellos, querendo ganhar os Galeões de prata, que do Porto-Bello para Cartagena conduzia Francisco Dias Pimenta, e entrar com elles em Lisboa, foi prezo, e mal tratado; e depois voltando a Lisboa foi recebido por ElRei com todas as demonstrações de honra, e lhe fez mercê do Titulo de Conde em duas vidas mais, e os mesmos bens de Côroa, e Ordens, e o nomeou do Conselho de Guerra, e Governador das Armas da Provincia do Minho, premiando tambem os que tiverão parte na liberdade do Conde.

Apezar da guerra de Catalunha, para onde se ajuntava toda a tropa, os Castelhanos guarnecerão as suas fronteiras; e o primeiro movimento das armas Castelhanas foi contra Olivença, que, defendendo-se com valor,

obrigou a retirar o Conde de Monte-Rei, Governador das armas de Castella, perdendo-se duzentos homens mortos, e feridos, em que entráráo Officiaes de importancia. Depois conseguirão as nossas armas diversas acções gloriosas, não só na Provincia do Alemtéjo, mas na Beira. Fernão Telles de Menezes, que succedeo a D. Alvaro de Abranches, ganhou o Castello de Goardão, e conseguiu no seu governo reputação em diversas emprezas, com que fez respeitadas as armas, que mandava. Ruy de Figueredo, na Provincia de Tras os Montes, entrando pelo Reino de Leão, ganhou diversos lugares; saqueou outros, e depois no de Galliza, onde se apoderou das Villas de Vimbra, e Tamaguelos; e queimando diversas Aldeas, se recolheo rico de gloria, e os Soldados de despojos. D. Gastão Coutinho, fazendo diversas entradas em Galliza, fez respeitadas as armas Portuguezas.

No Algarve em huma bateria, posta ao quartel de Alcoutim, foi

mortalmente ferido o Mestre de Campo D. Francisco de Castello-Branco, filho de D. João de Castello-Branco, de sorte que precisou de huma cura de tres annos; porém vivendo, foi, sendo filho segundo, o successor da sua casa, e depois Conde de Redondo; e falleceo em 1686.

Sendo grandes as despesas da guerra, e poucos os meios, que se havião estabelecido nas primeiras Córtes, se convocárão segundas, celebradas a 18 de Setembro na Sala dos Tudescos com as ceremonias costumadas. Ajuntárão-se os Tres-Estados do Reino, o da Nobreza em Santo Eloy, o Ecclesiastico em S. Domingos, e o dos Povos em S. Francisco. Era a proposta, que ElRei mandou fazer, que os vinte mil infantes, e quatro mil cavallos, que erão necessarios para defender as Fronteiras do Reino, se não podião sustentar com menos de dois milhões, e quatrocentos mil cruzados; e que para esta quantia se juntassem os meios mais suaves, para se tirarem do

Reino. Sendo varias as consultas, concordarão, que as decimas era o tributo mais conveniente, e igual, em que todos entravão com proporção; e depois de disputada em differentes conferencias esta materia, concordarão os Tres-Estados no tributo dos dois milhões, e quatrocentos mil cruzados para as despezas da guerra.

Depois, neste mesmo anno, conseguirão os Soldados da Fortaleza do Castello de S. Philippe da Ilha-Terceira a tomada de dois navios da India, que vinhão para ElRei de Castella; e sendo remettidos a Lisboa, interessou nelles ElRei D. João consideravel fazenda.

1643 . . . No dia 3. de Janeiro falleceo o decimo setimo Arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha. Nasceo em Lisboa na Freguezia de Santa Maria Magdalena em Setembro de 1577, filho de D. Pedro da Cunha, de que abaixo fazemos memoria pelo seu incomparavel patriotismo. Foi sua Mãe D. Maria da Silva, filha de Ruy Breira da Silva, Alcaide-Mór de

Silves, Senhor do Morgado de Monchique, Guarda-Mór do Principe D. João, Pai d'El Rei D. Sebastião, e de D. Izabel da Silva. Em Lisboa aprendeo D. Rodrigo a Grammatica, e Humanidades, Admittido por Porcionista do Real Collegio de S. Paulo a 11 de Abril de 1600, se applicou a Jurisprudencia Canonica, em que se doutorou, sendo padrinho desta função literaria seu primo coirmão D. André de Almeida, Lente de Prima Jubilado na mesma Universidade de Coimbra. Passando a Lisboa, foi-eleito Deputado do Santo Officio a 6 de Agosto de 1608; e depois passou a ser Inquisidor-Geral no mesma Cidade a 9 de Fevereiro de 1615. Pelo seu merecimento o nomeou Filippe III, Bispo de Portugalre, em cuja dignidade foi sagrado a 8 de Novembro de 1615, e a 15 de Fevereiro do anno seguinte fez a sua entrada pública naquella Cidade, onde exercitou obras dignas de eterna memoria, já pelo que respeita ao Culto Divino, já pela reforma

dos costumes. Desta Cathedral foi transferido para a do Porto, vaga pelo Bispo D. Gonçalo de Moraes, onde entrou a 14 de Abril de 1619. No mez seguinte de Maio foi chamado a Côrtes, que fez o mesmo Philippe, e nellas fez o officio de Secretario da Junta Ecclesiastica, eleito pelos Prelados, que alli se acharão, em que foi jurado o Principe D. Philippe, que depois foi Rei, e quarto deste nome. Recolhido á sua Igreja, lhe mandou o mesmo Rei offerecer o Bispado de Viseu, que recusou; e então imprimio o Catalogo dos Bispos do Porto naquella Cidade em 1623. Promovido da Mitra de Braga em 1626 para a de Lisboa D. Affonso Furtado de Mendonça, foi nomeado para aquella Primacial Cadeira por ElRei Philippe IV.; e passando-lhe as Bullas o Papa Urbano VIII. a 27 de Janeiro de 1627, tomou o Pallio no Porto das mãos de D. Fr. Antonio dos Santos, Bispo de Nicomedia, a 13 de Maio. Entrando em Braga a 10 de Junho, foi

recebido pelos seus naturaes com
 festas extraordinarias; e as maiores
 demonstrações de jubilo. Cuidou lo-
 go na reforma do Breviario Braca-
 rense, que era muito antigo, assis-
 tindo pessoalmente com Capitulares
 doutos a este trabalho pelo espaço
 de dois annos. Compoz hum livro,
 que imprimio no anno de 1629, so-
 bre a primeira parte do Decreto de
 Graciano; e outro dos Commenta-
 rios sobre a segunda parte do Decre-
 to do mesmo Graciano. Escreveo ou-
 tro livro em 1632 sobre a Primazia
 da Igreja de Braga. Escreveo mais a
 Historia Ecclesiastica de Braga com
 as vidas dos seus Arcebispos, e Va-
 rões Santos, e eminentes do Arce-
 bispado, em dois volumes, impressos
 em 1634, e 1635; e illustrou esta
 Igreja com as suas virtudes pasto-
 raes, sendo a principal a da caridade,
 e compaixão para com os pobres.
 Vagando em 1635 o Arcebispado de
 Lisboa pela morte do Arcebispo D.
 João Manoel, foi provide nelle D.
 Rodrigo da Cunha com os honorifi-

cos lugares de Conselheiro d'Estado, e Ajudante á Princesa Margarida de Mantua, que então governava o Reino, para lhe assistir ao Despacho ordinario. Recebeo o Pallio da mão do Inquisidor-Geral D. Francisco de Castro na Igreja de S. Bento a 10 de Agosto de 1636. Fez a sua entrada pública, sahindo da Igreja de S. Luiz pelas portas de Santo Antão, acompanhado das Ordens, e Nobreza; com o Senado da Camara, na forma disposta no Ceremonial Romano. Acodio com a maior vigilancia a reformar abusos; e plantar as virtudes. Com heroica liberdade se oppoz á imposição dos tributos, com que os Ministros de Hespanha flagellavão os Portuguezes. Foi chamado a Castellia com os outros Prelados, e Nobreza, como já se disse, partindo a 16 de Maio de 1638. Aqui sendo admirado dos maiores Ministros da Corte, defendeo com valor, e constância os foros, e a liberdade da Patria; até chegar ao ponto de desprezar o Barrete de Cardeal, que lhe

offerência, se mudasse de parecer. Per-
tendendo darem-lhe o juramento de
segredo na Corte de Madrid, respon-
deo revestido de hum zelo santo:
m Aniam ninguem me pôde dar ju-
ramento; senão o Summo Pontifice;
a que sou immediato; ou El Rei nas
Cortes. m Esta resposta mostrou qual
era a grandeza de seu coração; o
qual foi sempre inalteravel a todos
os successos prosperos; ou infelizes.
Pedindo licença para voltar á sua
Igreja, foi restituído a Lisboa a 21
de Maio de 1639, sendo recebido
com inexplicavel alegria; acompa-
nhado de todo o Clero que Religioes
da Cidade, debaixo do Bullio com o
Santo Ipeito; vindo da Misericordia
em Processão até a St. Causou tam-
bem grande edificação; ver aos pó-
bres da Cidade com canas verdes na
mão; batendo panhando ao seu Bemfei-
tor. Finalmente foi a sua vinda ap-
plaudida por todos com luminarias,
e outras demonstrações de alegria.
Agora convocou Synodo Diocesano
que havia sessenta annos se não cep

lebrava, que fez na Sé de Lisboa a 30 de Maio de 1640; e as Constituições do Arcebispado de Lisboa, que se acabáráo de imprimir por ordem do Deão e Cabido *Sede-vacante* em 1656, e são por onde presentemente se governa o Patriarchado de Lisboa. Teve além disto este Prelado grande parte na Restauração deste Reino, como acabamos de vér. Quando em 28 de Janeiro de 1641 se ratificou pelos Tres-Estados do Reino o juramento, que se havia feito a ElRei, e ao Principe, foi elle o primeiro Prelado, que o ratificou; e assistindo nas Côrtes no dia seguinte, foi a primeira testemunha dellas. Todas as virtudes moraes, e politicas, que constituem hum varão perfeito, possuiu D. Rodrigo da Cunha em gráo sublime. Desde a primeira idade até a ultima conservou illeza a flôr da castidade com tanta exacção, que, dizendo-se na sua presença alguma palavra méos inodesta, a reprehendia mudamente com os signaes de pejo, que no resto se descobria, seguindo

sempre em tudo huma vida exemplar. Todas as suas rendas são distribuidas pelos pobres, não só com esmolas públicas, mas também com grande profusão as particulares, que fazia com tal recato, que remediava as necessidades, sem ser conhecido o Bemfeitor. Era todo o seu cuidado o sustento dos pobres, e o culto Divino. Jejuava todas as sextas feiras, e Sabbados do anno, a que acrescentava hum áspero cilicio, que ordinariamente trazia, além de frequentes disciplinas, e outras mortificações. Passava noites sem dormir gastando muita parte em orar, outras estudando, como se vê de seus estimaveis escriptos. Soube com perfeição a profunda sciencia da Sagrada Theologia, e Jurisprudência Canonica, a Historia Ecclesiastica, e Secular do Reino, e foi hum grande Genealogico. Com Apostolica liberdade defendeo a immunidadade Ecclesiastica, as prerogativas da sua Igreja, e a authoridade do seu character, contra as violentas opposições de Castella.

Compoz a final a História Ecclesiastica dos Bispos de Lisboa; imprimindo-se o primeiro Volume em 1643, e o segundo, que nunca se imprimio, ficou na Bibliotheca do Cardinal Sousa. Para despendir com mais largueza, em beneficio dos pobres, não teve baixellas, nem ornatos no seu Palacio, vivendo tão pobre, que até a cama, em que morreo, não era sua, nem se lhe achou dinheiro algum para os gastos do funeral, que foi preciso vender-se os poucos moveis, que tinha no seu Palacio, verificando-se o que elle muitas vzes repetia: = Se quando eu morrer, me acharem seis vintens, não quero que me enterrem em sagrado. = Este esclarecido Prelado, varão grande por nascimento, e virtudes, mereceo com aclamação universal o ameroso nome de = Pai da Patria. = Ella sentio, e assás chorou a sua morte a 3 de Janeiro deste anno. Celebradas suas grandes exequias, foi seu corpo depositado na Capella-Mór da Cathedral. Passados cincoenta e nove annos, em 1702, foi

trasladado, como elle por humildade
tinha ordenado, para a porta travessa
da mesma Sé, chamada a Porta de
Ferro; e sobre a campa se gravou
o seguinte Epitaphio :

“ Dom Rodrigo da Cunha , ”

“ Pai da Patria , ”

“ Collegial do Collegio Real , ”

“ Doutor nos Sagrados Canones , ”

“ Escriptor insigne , ”

“ Inquisidor , ”

“ Bispo de Portalegre , e do Porto , ”

“ Arcebispo Primaz , e de Lisboa ”

“ Cardeal nomeado , ”

“ Que não accitou por libertar a Patria ”

“ Governador do Reino ”

“ Conselheiro d'Estado . ”

“ Falleceo em 3 de Janeiro de 1643 ”

“ de idade de 65 annos . ”

“ Trasladou-se no anno de 1702
por D. Pedro Alvares da Cunha,
Trinchante-Mór de Sua Magesta-
de. Pede-se hum Padre nosso, e
humã Ave Maria.”

Tendo dado noticia do esclarecido Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, he tambem justo fazer-se aqui memoria de seu grande Pai D. Pedro da Cunha, Senhor de Taboa, Commendador de S. Martinho de Dormes, em a Ordem de Christo, General das Galés do Reino, e das Costas do Algarve, Conselheiro d'Estado, filho de D. Ayres da Cunha, Senhor de Taboa, e de D. Mayor de Bulhão, filha de Affonso Lopes de Bulhão. Principiou D. Pedro da Cunha a servir em 1532 na Praça de Tangere, sendo Capitão della seu Primo D. Alvaro de Abranches, suportando ahi o mal da peste por seis mezes. Achou-se em 1534 no soccorro de Azamor, quando os Mouros a intentavão sitiár, donde passou a servir na Praça de Mazagão. Da Africa passou á Azia em 1538, em companhia do Vice-Rei D. Garcia de Noronha, e com elle se achou no soccorro de Díu, e em todas as empresas do seu governo, e do Governador do Estado D. Estevão da

Gama, em que obrou acções de eterna memoria. Depois de cinco annos de residencia na India, voltou ao Reino, mais rico de gloria, que de fazenda. Ainda bem não tinha descaçado da jornada, quando logo he mandado acudir á Praça de Alcacer, invadida pelo célebre cossario Barba Roxa em 1544. Nomeado depois em 1550 Capitão-Mór das Galés, e Armada da Costa do Algarve, alcançou grandes victorias, contra os Turcos, nos sete annos, e tres mezes do seu governo, em que casivou entre Turcos, e Mouros trezentos e oitenta, tomando-lhes onze embarcações; no que não só teve trabalho, mas tambem despeza da sua fazenda. Sendo eleito em 1557 Capitão-Mór de humas Armadas expedidas a Flandres, He signficou ElRei D. João III. por humas carta, que sómente fiava da sua pessoa aquella empresa, quando em outra podia correr grande perigo. O conceito, que de seu valor, e capacidade tinha formado ElRei D. João, se augmentou em seu neto. El-

Rei D. Sebastião, nomeando-o Capitào de Ceuta em 1572, onde esteve quasi cinco annos, trianfando tantas vezes, e com esforçado valor, dos Aldaides de Tetuão. Voltando a Lisboa, entrou El Rei D. Sebastião, que elle o acompanhasse na jornada d'Affica, para que fosse o director das suas acções; de que ni dispensou o grande número de Annos, que contava, e todos empregados no serviço da Patria. Ultimamente sendo Capitão-Mór de Lisboa, quando Philippe II. entrou em Portugal, lhe mandou dizer, que o faria Marquêz de Alentejo, se abraçasse o seu partido; o que elle heroicamente despresou, preferindo a sua desgraça á elevação da sua familia, e seguindo ao Senhor D. Antonio, a quem acompanhou na batalha de Alcantara, sendo nella prisioneiro do Duque d'Alva, e mandado para a Torre de Belém, onde esteve nove annos, com grilhões aos pés, e vacabando como elles de seu nome glorioso aos seus; á Patria, e á posteridade. Deixando por

verba de seu Testamento: Que
 «a maldição va seus filhos; e letros;
 «e se puzessem pedra sobre pedra no
 «seu Morgado; em quanto Portugal
 «fosse sujeito á Coroa de Hespa-
 «nha.” Foi sepultado no Claustro
 do Real Mosteiro de Belem; sem
 mais epitafio, que dois O O sobre a
 campa de sua sepultura.

A 28 de Abril foi degolado
 Francisco de Lucena, Secretario de
 El Rey D. João IV, pelo tratado que
 tinha com Hespanha; e também por
 ter demorado o Aviso, que se man-
 dava ao Infante D. Duarte, que es-
 tava na Allemanha, e dar tempo aos
 Castelhanos para o prenderem, o que
 assim succedeo.

Por Decreto de 16 de Julho des-
 te mesmo anno, se erigiu o Tribunal
 do Conselho Ultramarino; sendo pri-
 meiro Presidente o Marquez de Mon-
 talvão, criando dois Conselheiros de
 Casa Espada; e hum de letras; que
 foram Jorge de Albuquerque, Jorge
 de Castilho, e João de Figueredo
 Delgado; e dois Porteiros, dizendo

Villa-Nova del Fresno, que sendo vigorosamente batida pela artilharia se rendeu; o que os Castellhanos sentirão muito pela oppressão, que o presidio daquella praça dava aos povos vizinhos. Recolheu-se o exercito deixando presidada Villa-Nova, arrasado o Castello de Figueira de Vargas, destruida a Villa, executando o mesmo em Cheloz, que os Castellhanos haviam despoado. Aquartelado o exercito por causa do inverno, passou Martin de Albuquerque a Villa-Vieosa, onde El Rei se achava, a dar-lhe parte de tudo, que o recebeu com as maiores honras. Voltou El Rei para Evora, e a 7 de Outubro para Lisboa, onde foi recebido com applausos de vitoriosos.

Para maior expediente, e divisaõ dos negocios Politicos, Militares, e Mercês, instituiu a Secretaria das Mercês por hum Alvará de 29 de Novembro, occupando neste emprego Gaspar de Faria Severim.

A 15 de Fevereiro partiu de Lisboa para França D. Alvaro Pires

de Castro, Conde de Monsanto, e Marquez de Cascaes, titulado, que El Rei lhe deu, em satisfação desta jornada a dar, como Embaixador extraordinario aos pezaes a Rainha Regente de França, D. Anna d' Austria, pela morte d'El Rei seu marido Luiz XIII. : chegou a 20 de Abril; onde foi muito bem recebido. Mandou El Rei D. João a Roma Nicoláo Monteiro, como poderes do Estado Ecclesiastico, para representar ao Papamos damnos, que padecia toda a Religião de Portugal com a falta de Prelados, e ministração d'El Rei para a forma, em que os havia de aceitar; se se lhe obneceddessem, que era a commodação habida naquillo, que o Summo Pontífice resolvesse; salvando só os antigos privilegios dos Reis de Portugal, de que tem consciência não podia ceder. Havia fallecido a 19 de Julho d' Papa Urbano VIII, a quem succedeo Innocencio X. e porém com a mudança do governo da Igreja não se librarão os negocios de Portugal.

Sendo felizes todos os nossos successos do Alentejo, a batalha do Montijo, primeira depois da aclamação, merece ser celebrada por huma das mais insignes acções, que tem acontecido no Mundo, attendidas as circumstancias de ser o nosso exercito desbaratado no principio da batalha. Foi ella a 26 de Maio, dia em que a Igreja celebrava a festa do Corpo de Deos. O Marquez de Torrecusa havia unido todas as guarnições, que são seis mil infantes, e vinte e cinco mil cavallos. Alojouse esta gente em Lóbon, vizinho a Montijo, situado sobre o Guadiana, onde se observavão os movimentos, e disposições do nosso exercito. Mandava o exercito Castellano o Barão de Molinguen, General de Cavallaria; Soldado valoroso, e pratico, e levava a Dionisio de Gusmão General de Artilharia; exercitando o posto de Mestre de Campo General. Dividirão os dois a infantaria em nove corpos, e a cavallaria em trinta e quatro Esquadrões; e fazendo de toda

esta gente huma só linha, com duas peças de artilharia nos dois lados direito, e esquerda da infantaria, levando a forma de hum meio circulo, marcharão a dar batalha. Em quanto o Barão de Molinguen se detinha nestas disposições, marchava Mathias de Albuquerque para aquella campanha com grande vagar, levando o exercito em batalha. Havia dividido a infantaria em dois corpos, e a cavallaria em onze batalhões. A infantaria marchava em duas linhas, não contendo mais, que seis mil infantes, e pouco mais de mil cavallos. Erão nove horas, quando os Castelhanos chegarão á vista do nosso exercito. Logo Mathias de Albuquerque mandou fazer alto aos seus Soldados, e que voltassem as caras aos Castelhanos: proporcionou os claros; compassou as fileiras, e perfilou ás filas, cobrio com os carros o lado direito do exercito, e parte da retaguarda, guarneceo as bagagens, fez preparar a artilharia, e o tempo, que o ini-

amigo: gastou em chegar, animou e
 le os seus Soldados dizendo-lhes:
 "Privilegio antigo he da Nação
 "Portugueza não depender de incen-
 "tivos para as acções grandes: po-
 "rém he necessário, valorosos Solda-
 "dos, que vos lembreis da justiça;
 "com que corôastes o Príncipe, a que
 "obedecemos, e da tyrannia, com que
 "fomos tratados o tempo que nos
 "dominárão estes mesmos inimigos,
 "que agora temos presentes. Pela
 "primeira razão acharemos propicio
 "ao Deus dos exercitos, que, além
 "de assistir sempre á parte justifica-
 "da, empenhou no Campo de Ouri-
 "que a sua palavra na vossa defença;
 "e duração deste Imperio. A segun-
 "da vns obriga, a que valorosos vos
 "satisfações dos aggravos de sessenta
 "annos padecidos; e como a alma,
 "e a honra igualmente são nos Por-
 "tuguezes os dois polos da vida,
 "considerada a injuria, e presente a
 "causa della, nem se póde escusar a
 "batalha, nem duvidar da victoria.

“ Esta he a mesma Nação, que nos-
 “ sos Antepassados sempre vencerão ;
 “ e estes são os mesmos Castelhanos,
 “ de que nos annos proximos em to-
 “ das as fronteiras temos triunfado.
 “ Vem elles a pelejar em huma li-
 “ nha (temeridade nunca ouvida), e
 “ a causa he, porque não poderão
 “ juntar mais que a gente, que vedes.
 “ Pego-vos que resistaes ao primeiro
 “ impulso, e saguro-vos que tereis
 “ vencido a batalha; porque não fi-
 “ ção ao inimigo reservas, donde se
 “ torne a formar a confusão deste
 “ primeiro impulso. Deve lembrar-
 “ vos, que com igual exercito ao que
 “ temos no campo de Montijo, ven-
 “ ceo o glorioso D. João I. de Cas-
 “ tella, que trazia trinta mil homens.
 “ Reparai ultimamente em que o
 “ Marquez de Torrecusa fica em Ba-
 “ dajós, não tendo causa, que o im-
 “ possibilite para se achar na batalha
 “ mais que o temor de perdella. E
 “ se o General do exercito inimigo
 “ vos confessa na imaginação a van-
 “ tagem; como podereis vós deixal

“de conseguir na realidade a victo-
 “ria? No successo de hoje consiste
 “a conservação de nossas vidas, a
 “liberdade da nossa Patria, e a opi-
 “nião da nossa Monarchia. Bem co-
 “nheço do vosso valor, que antes
 “acceitariaeis a morte infallivel; que
 “vida affrontosa. E não vos peço,
 “que observeis as minhas acções; por-
 “que fio tanto do alentado espirito,
 “que a todos vos anima, que espero
 “achar em cada braço vosso hum
 “Conselheiro para com o Mundo,
 “e para comigo: he tempo de acre-
 “ditardes esta opinião. A pelear,
 “valorosos Portuguezes, que o ini-
 “migo vêm chegando, a pelear, que
 “he o mesmo que mandar vencer.

Acabada a falla, descarregou a
 nossa artilharia sobre o inimigo, que
 lhe fez hum estrago consideravel:
 soffremos tambem o fogo dos Cas-
 telhanos, e elles julgáráo ganhar a
 victoria. Mathias de Albuquerque
 acodindo com invencivel valor a to-
 das as partes, lhe matáráo o caval-
 lo. Montado em outro, se unio com

o General de Artilharia D. João da Costa, e carregarão sobre os Castelhanos, que já se occupavão em recolher os despojos dos mortos, e dos carros das bagagens. Vendo-se investidos dos mesmos, que julgavão sepultados, se encherão de pavor; e depois de soffrerem os nossos golpes, forão inteiramente desbaratados, negando os nossos Soldados quartel a todos os inimigos, que encontravão. Marcharão com este furor, depois de seis horas de combate, e obrigarão o Barão de Molinguen a passar o Guadiana com a tropa, que pode ajuntar dos que fugião com tanta precipitação, que muitos morrerão afogados. Acabou-se a batalha ás 3 horas da tarde. Perdemos entre mortos, feridos, e prisioneiros novecentos homens, entre elles forão mortos os Mestres de Campo D. Nuno Mascaranhas, e Ayres de Saldanha, os quaes pelejarão largo tempo com muito valor; João de Saldanha da Gama, Capitão de Cavallos, Bartholomeo de Saldanha, Capitão de Infan-

taria, Rodrigo Strcarch, Capitão de Cavallos, Hollandez, os Sargentos-Móres Jeronymo Ferrete, Belchior do Crato, oito Capitães de Infantaria, e outros Officiaes. Os prisioneiros que levárão, logo que se começou a batalha, forão o Mestre de Campo Eustaquio Pique, os Capitães de Cavallos Fernão Pereira, o Conde Francisco Fiasco, Genovez, Manoel de Saldanha, Jorge de Mello, e D. Francisco de Almada, Capitães de Infantaria, Núno da Cunha, Francisco Corrêa da Silva, e D. Diogo de Menezes, Capitão de Cavallos, o qual, antes de se começar a batalha, recebeu huma bala em huma perna, que encobrió aos seus Soldados, e investio logo tão valorosamente as tropas inimigas, que, rompendo com alguns Soldados as que achou diante, veio acabar com cinco feridas mortaes na retaguarda de todos, e ficando no campo toda a noite entre os mortos, foi no dia seguinte despido pelos paisanos de Lobon, e reconhecendo que estava vivo, o levá-

rão em hum carro, com grande incommodo se®, a Badajós, onde o curarão com tão pouco cuidado, que, depois de hum anno, que esteve na cadea da Cidade de Carmona, veio a morrer em sua casa das feridas, que recebeu na batalha. Os mais prisioneiros, como diz o Conde da Ericeira, padecerão em Granada os excessos mais escandalosos, que em tempo algum se experimentarão entre Catholicos, prevalecendo o odio contra a piedade, e commiseração, de que sempre forão dotados os Castelhanos. Perderão elles na batalha quatro Mestres de Campo, nove Capitães de Cavallos, quarenta e cinco de Infantaria, e outros muitos Officiaes, e mais de tres mil Soldados. Mathias de Albuquerque recolheo quatro mil e quinhentas armas dos Castelhanos mortos, e dos que às largarão quando fugirão.

Chegando esta noticia a Lisboa, ElRei a celebrou com muitas festas, indo a pé com o Principe D. Theodosio á Sé dar as graças ao Senhor

dos Exercitos por tão assignalada victoria, acompanhado de toda a Grandeza da Côrte. Depois a mandou participar aos Alliados; o que todos applaudirão, e todas as Nações admirarão o valor Portuguez, e a gloria das nossas armas. A Mathias de Albuquerque fez ElRei a mercê do Titulo de Conde de Alegrete, pela victoria do Montijo.

Depois o Marquez de Torrecusa juntando mais de cinco mil infantes, e mil e dezoito cavallos os entregou ao Barão de Molinguen, para que fosse queimar as Aldeas de Santo Aleixo, e Cafara, vizinhas á Praça de Moura. Tanto que o Conde de Alegrete soube esta noticia em Elvas, despedio logo a D. Francisco de Sousa, Conde de Prado, e a Diogo Gomes de Figueredo, com tropas, a guardarem Moura, fazendo primeiro aviso a D. Henrique, que governava aquella Praça, do poder que o inimigo juntava, para estarem os nossos prevenidos. Chegou o Barão de Molinguen a Santo Aleixo a 12 de Agos-

to ao romper da manhã, mandando logo avançar a trincheira. Resistimos fortemente, matando muitos Castelhanos, que chegarão a setecentos, e os moradores de Santo Aleixo morrerão quasi todos. Desta Aldea passou o Barão a Çafara, onde, depois de rendida, se retirou a Badajós. Recebendo o Conde de Alegrete esta noticia, quando marchava para Moura, mandou logo ao Monteiro-Mór, que com a cavallaria, e infantaria de Olivença fosse queimar Salvaleão, lugar grande, cinco legoas distante desta Praça; o que assim se executou. O mesmo mandou fazer por D. João de Sousa, irmão do Conde de Prado, e Diogo Gomes de Figueredo, á Villa de S. Vicente, a qual foi destruida, e saqueada, apezar da resistencia, que com as armas nas mãos lhes fizeram os seus moradores. O Governador de Albuquerque, investindo no caminho os nossos pela retaguarda, onde marchava D. João de Sousa, foi rebatido valorosamente; o que fez retirar os Castelhanos com

muitos feridos, e os nossos se recolhêro a Alegrete satisfeitos com a gloria, e com os despojos.

Houverão muitos mais encontros, e choques, em que alcançando os Portuguezes a victoria, matavão de continuo muitos Castelhanos, sempre com disvantagem de armas. Determinando o Marquez de Torrecusa sitiá Elvas, vem com doze mil infantés, e dois mil e seiscentos cavallos, dez peças de artilharia, e dois morteiros, e chega a Elvas no primeiro de Dezembro, dia fatal para Castella, e glorioso para os Portuguezes, pois nelle se completavão quatro annos da sua maior gloria, restaurando este Reino. Achava-se o Conde de Alegrete com dois mil infantés, no tempo que o inimigo chegou a avistar Elvas. Os Castelhanos tendo consideravel perda neste cerco, e os Portuguezes grande gloria, se virão obrigados a largar o sitio a 7 de Dezembro, valendo-se do escuro da noite; e quando amanheceo estava todo o exercito fora dos Olivaes.

Forão varios os successos, e encontros d'Entre-Douro e Minho, Tras os Montes, e Beira neste anno. De sorte que em todas as Provincias do Reino conseguirão glóriosos progressos as armãs Portuguezas, que não só defendião suas Praças, mas entrando pelas fronteiras de Castella destruirão Praças, e ganhárão outras, que conservarão muitos annos; de sorte que alguns successos contrarios, que experimentárão, só servirão de motivo de conseguirem muitas occasiões de maior reputação, e gloria.

Os Hollandezes depois da tregua fizeram huma fortaleza em Sege-ripe d'ElRei, e tomárão algumas carávellas nossas, alterando o Tratado, não perdoando no mar ás prezas, e usando em terra de todas as industrias para roubar os moradores de Pernambuco. Leyantavão-lhes testemunhos; e convencidos por testemunhas falsas, lhes tiravão as mulheres, as vidas, as fazendas. Mas estas desgraças vierão a ser causa da feli-

cidade de Pernambuco na sua restauração.

O primeiro, que se animou a isto, foi João Fernandes Vieira, natural da Ilha da Madeira, casado com a filha de Francisco Berenguer, também da mesma Ilha. Unirão-se ambos, e principiárão algumas machinacões, que não tiveram resultado por falta de segredo. Depois, havendo-se retirado João Fernandes Vieira, e Francisco Berenguer para o interior do mato com armas, munições, e bastimentos, que lhes foi possível, collocando-as em parte segura, juntárão parciaes. Escreveo João Fernandes Vieira a D. Antonio Filippe Camarão, que estava alojado com os seus Indios em Segeripe d'ElRei, e pediu-lhe que o soccorresse; a que elle se offerceo, approvando-lhe a resolução, que tomava. A mesma diligencia fez João Fernandes, com Henrique Dias, negro de tanto valor, que, depois de haver executado accões memoraveis, como diz o Conde da Ericeira, na guerra anteceden-

te, ferido na mão esquerda por huma bala de mosquete, pediu que lhe cortassem logo, como fizerão; dizendo que mais queria arriscar-se a morrer de pressa, que convalecer de vagar, havendo tantas empresas a que acudir. Era Henrique Dias Governador de todos os negros, e mulatos; a que se permittia assentar praça. Apenas Henrique Dias recebeu a carta de João Fernandes, lhe respondeu: que logo marchava a soccorrello, e que lhe dava sua palavra, de não pôr aos peitos o Habito de Christo, de que ElRei lhe havia feito mercê, sem restaurar Pernambuco. Então se lançarão os fundamentos ás gloriosas victorias, que alcançamos dos Hollândezes, como veremos.

Tendo ElRei D. João noticia do grande exercito, com que o Marquez de Leganes sahia em campanha contra Portugal, applicando os soccorros do Alemtéjo, e prevenindo a defeza de Lisboa, passou segunda vez áquella Provincia, e bastou sómente

1645

chegar a Alde-Gallega, para que a maior parte da Nobreza partisse para a Praça d'Elvas, havendo disposto o exercito, que mandava o Conde de Castello-Melhor, Governador das Armas da Provincia do Alentejo, e feito todas as prevenções, com que rebateo os designios dos Castelhanos. O exercito do Marquez de Leganes se retirou a Badajóz, sem que executasse facção de importancia; e El-Rei, pondo o seu exercito em quartéis de inverno, voltou de Monte-Mór a Setubal, onde detendo-se poucos dias, depois de ordenar a fortificação daquella Praça, entrou em Lisboa a 18 de Setembro, com festejos universaes de seus Vassallos.

Os insultos de Roma cada vez crescião mais. Sahindo da Igreja da Nossa Senhora do Populo Nicoláo Monteiro, Prior de Sodozeita, que assistia em Roma aos negocios de Portugal, e havendo entrado em huma carroça Domingo da Paixão, o investio huma tropa de Castelhanos, e Napolitanos, que, dando huma car-

ga de pistolas, lhe matarão hum dos cavallos da carroça. Sahio della o Prior, e hum pagem seu já tão ferido, que cahio morto. Vendo o cocheiro o perigo do Prior, não só se defendeo com a espada na mão, mas soffreo alguns golpes, até dar tempo ao Prior salvar a sua vida em huma casa, para onde fugio. Acodirão alguns Portuguezes, e Italianos á casa, em que Nicoláo Monteiro se havia recolhido, levarão-no ao seu aposento, e alguns lhe aconselharão, que sahisse de Roma; o que elle não quiz fazer, dizendo, que a Justiça do Summo Pontifice era tão igual; que o segurava do segundo encontro. Daquí se seguio mandar o Pontifice sahir de Roma dentro de tres dias ao Conde de Siruela, Embaixador do Castella, para conservar o seu respeito. Apezar de tudo isto mandarão os Castelhanos vir de Napoles gente para o prenderem, emendando hum excesso com outro excesso. Communicou o Prior de Sodofeita esta materia ao Embaixador de França; e

este lhe procurou os meios de segurança.

Sensível, João Fernandes Vieira, ás calamidades públicas, acompanhado dos seus, se resolve romper com os Holandezes; dia do Portuguez Santo Antonio a 13 de Junho. Sendo avisado disto os do Supremo Conselho, mandão prender a João Fernandes Vieira, e promettem mil flôrins a quem lhe apresentasse a sua cabeça; de que avisado João Fernandes fez juntar mais gente ao seu partido; e chegarão a novecentas pessoas; e determinou pelear com elles na primeira occasião, que se lhe offercesse. Com mil e quinhentos Holandezes vem do Recife Henrique de Huz buscar João Fernandes: este emboscado faz retirar os Holandezes desbaratados. Depois disto foi unir-se a D. Antonio Philippe Camarão, e Henrique Dias. Estes atacarão os Holandezes, e lhes fizeram grande damno. Henrique Huz pedio quartel, e se lhe concedeo. Sahirão os Officiaes com armas, os soldados sem ellas,

e os Indios, por haverem sido traidores ao seu legitimo Senhor, forão enforcados.

Nos fins de Dezembro deste anno convocou ElRei Côrtes; e nellas se assentárão, que o número da gente, que devia guarnecer as Fronteiras, fossem dezeseis mil infantes, e quatro mil cavallos; e que, para o pagamento destes soldos e mais despeza da guerra, se obrigárão a contribuir com dois milhões, e cento e cincoenta mil cruzados; os quaes haviam de sahir, hum milhão, e setecentos mil cruzados da Decima, e os quatrocentos e cincoenta mil cruzados, que faltavão para a satisfação da dita quantia, se tirarião do real de agoa de Lisboa, seu Termo, e todo o Reino, do Direito novo da Chancellaria, e Caixas de assucar, bens confiscados, e de ausentes, todas as sobras do rendimento da Casa de Bragança, e do que parecesse necessario acrescentar-se de tributo ás Ilhas dos Açores, começando a contribuição este anno.

Estabeleceo-se de novo a Junta dos Tres-Estados, para correr por ella toda a administração do dinheiro dos Povos. Para Ministros desta Junta nomeou o Estado da Nobreza Sebastião Cezar de Menezes, Bispo eleito do Porto, e a D. Alvaro de Abranches do Conselho de Guerra: o Estado dos Povos a Thomé de Sousa, Vedor da Casa d'ElRei, e Ruy Correa Lucas, Tenente-General de Artilharia do Reino: o Estado Ecclesiastico a Pantaleão Rodriguez Pacheco, Bispo eleito d'Elvas, e a D. Pedro de Menezes, Bispo eleito de Miranda. Ajustárão-se outras cousas mais. Côroou estas boas resoluções o devoto, e piedoso zelo, com que ElRei declarou, que tomava por Padroeira, e Defensora do Reino de Portugal a Maria Santissima no Misterio de sua Conceição Immaculada, em o dia 25 de Março, em que a Igreja celebra a Festa da Annunciação da mesma Senhora, que nesse anno cahio em Domingo de Ramos. Pelas tres horas da tarde, jurou a

Conceição Immaculada, e mandou passar a seguinte Provisão:

“ D. João por graça de Deos
 “ Rei de Portugal, e dos Algarves,
 “ daquem, e dalém mar em Africa
 “ Senhor de Guiné, e da Conquista,
 “ Navegação, e Commercio de Ethio-
 “ pia, Arabia, Persia, e da India,
 “ etc., etc. Faço Saber aos que esta
 “ minha Provisão virem, que sendo
 “ ora restituído por mercê muito par-
 “ ticular de Deos Nosso Senhor á
 “ Corôa desses meus Reinos; e Se-
 “ nhorios de Portugal, considerando,
 “ que o Senhor Rei D. Affonso Hen-
 “ riques, meu Progenitor, e primeiro
 “ Rei deste Reino, sendo acclama-
 “ do, e levantado por Rei, em re-
 “ conhecimento de tão grande mercê,
 “ de consentimento de seus Vassal-
 “ los, tomou por especial advogada
 “ sua a Virgem Mãi de Deos, Se-
 “ nhora nossa, e debaixo de sua sa-
 “ grada protecção, e amparo lhe of-
 “ fereceo a todos os seus Successores,
 “ Reinos; e Vassallos, com particu-
 “ lar tributo em signal de feudo, e

“vassallagem. Desejando eu imitar
 “seu santo zelo, e a singular pieda-
 “de dos Senhores Reis meus Prede-
 “cessores, reconhecendo ainda em
 “mim aventajadas, e continuas mer-
 “cês, e benefícios da liberal, e po-
 “derosa mão de Deos Nosso Senhor
 “por intercessão da Virgem Nossa
 “Senhora da Conceição. Estando ora
 “junto em Côrtes com os Tres-Esta-
 “dos do Reino, lhe fiz propôr a obri-
 “gação, que tínhamos de renovar,
 “e continuar esta promessa, e vene-
 “rar com muito particular affecto,
 “e solemnidade a festa da sua Im-
 “maculada Conceição. E nellas com
 “o parecer de todos assentamos de
 “tomar por Padroeira de nossos Rei-
 “nos, e Senhorios a Santissima Vir-
 “gem Nossa Senhora da Conceição,
 “na forma dos Breves do Santo Pa-
 “dre Urbano oitavo, obrigando-mo
 “a haver confirmação da Santa Sé
 “Apostolica, e lhe offereço de novo
 “em meu nome, e do Principe D.
 “Theodosio, meu sobre todos amado,
 “e presado filho, e todos meus des-

“cendentes Successores, Reinos, e
 “Vassallos á sua Santa Casa da Con-
 “ceição sita em Villa-Viçosa, por
 “ser a primeira, que houve em Hes-
 “panha desta invocação, cincoenta
 “cruzados de ouro em cada hum an-
 “no, em signal de tributo, e vassal-
 “lagem. E da mesma maneira pro-
 “mettemos, e juramos com o Prin-
 “cipe, e Estados de confessar, e de-
 “fender sempre (até dar a vida sen-
 “do necessario) que a Virgem Ma-
 “ria, Mãe de Deos; foi concebida
 “sem peccado original, tendo respei-
 “to a que a Santa Madre Igreja de
 “Roma, a quem somos obrigados
 “seguir, e obedecer, celebra com
 “particular officio, e Festa sua San-
 “tissima, e Immaculada Conceição;
 “salvando porém este juramento no
 “caso, em que a mesma Santa Igre-
 “ja resolva o contrario. Esperando
 “com grande confiança na infinita
 “misericordia de Deos Nosso Senhor,
 “que por meio desta Senhora Padroeira,
 “e Protectora de nossos Reinos,
 “e Senhorios, de quem por honra

“nossa nōs confessamos, e reconhe-
 “cemos Vassallos, e tributarios, nos
 “ampare, e defenda de nossos inim-
 “gos: com grande accrescentamento
 “destes Reinos, para gloria de Chris-
 “to Nosso Deos, e exaltação de nos-
 “sa Santa Fé Catholica Romana;
 “conversão das gentes, e redução
 “dos Hereges. E se alguma pessoa
 “intentar cousa alguma contra esta
 “nossa promessa, juramento, e vas-
 “sallagem, por este modo feito, sen-
 “do vassallo o havemos por não na-
 “tural, e queremos que seja logo
 “lançado fóra do Reino; e se fór
 “Rei, o que Deos não permitta, ha-
 “ja a sua, e nossa maldição; e não
 “se conte entre nossos descendentes,
 “esperando; que pelo mesmo Deos,
 “que nos deo o Reino, e sobio á
 “Dignidade Real, seja della abatido,
 “e despojado. E para que em todo
 “o tempo haja certeza desta nossa
 “eleição, promessa, e juramento,
 “firmada, e estabelecida em Côrtes;
 “mandamos fazer della tres Autos
 “públicos, hum que será levado á

"Córre de Roma, para se expedir
 "a confirmação da Santa Sé: Aposto-
 "lica; e os outros dois, que juntos á
 "dita confirmação, e esta minha Pro-
 "visão se guarde no Cartorio da Can-
 "sa de Nossa Senhora da Conceição
 "de Villa Viçosa; e na nossa Torre
 "do Tombou Dada nesta Cidade de
 "Lisboa aos vinte e cinco do mez de
 "Março de Balthazar Redrigues Goe-
 "alho a fez, e anno do nascimento de
 "Nosso Senhor Jesu Christo de mil
 "seiscientos e quarenta e seis. Pedro
 "Alvares da Silva a fez escrever."

Lemos Romanes, e Cancellario
 do Real Collegio de S. Thomaz de
 S. Paulo, e de S. Thomaz de
 S. Antonio de S. Paulo, e de S.

Manoel de Veiga Universidade
 de Coimbra, e hum dos oitenta e quatro
 de navas, que todos os dias se En-
 rudantes, quando com os em qualque
 grão, e se ha de defender, que a Vir-
 gem de Nossa Senhora, e a Conceição
 em grã, e em macula de peccado ori-
 ginal, e com se observava na Universi-
 dade de Salamanca desde o anno de
 1618, e com a dita Carta mandou a

fôrma do tal juramento, que se imprimio no fim dos Estatutos da mesma Universidade. Lêo-se a Carta em Claustro a 20 de Junho do dito anno, em que se assentou fazer-se o juramento com solemnidade possível; e assim no dia 28 do dito mez (precedendo na vespera Illuminação, e repiques de sinos na Universidade; e em todos os Collegios) se ajuntarão os Lentes de todas as Faculdades na Capella da Universidade, onde disse Missa de Pontifical Dom Leonardo de Santo Agostinho, Geral dos Conegos Regrantes, e Cancellario da Universidade; prégo Fr. Leão de Santo Thomaz, Monge de S. Bento, Lente de Vespera de Theologia. Acabado o Pontifical, o Geral Cancellario se poz a hum lado do Altar, com Mitra e Bago, e fez o juramento lendo-o em voz alta, estando todos de joelhos, e elle em pé, e desatando os degrãos do Altar, se assentou no plano do hum cadeira com Massal diante, e logo o Reitor, acompanhado do Secretario, e Bedeis

com massas, posto de joelhos fez o juramento, e o mesmo fizeram os Lentes de todas as Faculdades por sua ordem; e até ao presente se tem observado inviolavelmente este juramento.

Achando-se neste anno D. Felix 1647, Pereira Portuguez em Bruxellas, foi degolado pelos Castelhanos, por lhe acharem em sua casa hum retrato de ElRei D. João, e persuadir aos Portuguezes, que servião a ElRei de Castella em Flandres, que passassem a Portugal. Deo a vida com tanto valor, que, antes de lhe cortarem a cabeça, declarou, que não morria por traidor; porque nunca havia tido ElRei de Castella por seu Rei, pois só o era ElRei D. João IV. de Portugal; e que esperava na misericordia Divina, que na descendencia deste Rei havia vêr o Mundo hum dilatado Imperio.

Neste mesmo anno mandou ElRei em soccorro da Bahia, onde tinha entrado huma Armada Hollandeza, a Antonio Telles de Menezes,

Conde de Villa Pouca, General da Armada, com doze navios, levando por seu Almirante Luiz da Silva Telles, com Patente de Mestre de Campo General. Chegou o Conde de Villa Pouca á Bahia oito dias depois dos Hollandezes haverem desmantelado a fortificação de Taparica. Tomou o Conde posse do Governo; e Antonio Telles da Silva ficou assistindo na Bahia todo o tempo, que o Conde governou.

A 8 de Março morreu o Mestre de Campo Francisco Rebello, grande em valor, e prudencia: foi o terror dos Hollandezes, vencendo-os tantas vezes, quantas pelejava. Neste dia, combatendo com elles, foi morto de huma bala em Pernambuco, a qual lhe entrou pelos peitos.

Negociando em Roma o Padre Nuno da Cunha as pretensões de Portugal, e vendo tudo baldado se resolveo a dar hum papel na mão do Summo Pontifice, que El Rei D. João para este effeito lhe havia mandado, que continha as seguintes razões:

“Que Deos Nosso Senhor havia
 “restituido ElRei á posse do Reino
 “de Portugal, chamando-o não só o
 “direito da herança do Infante D.
 “Duarte seu Visavó, senão também
 “as Leis do Reino, em que não en-
 “trara com violencia (como em ou-
 “tro tempo succedeo a Philippe II.,
 “sem attender ao que lhe escrevera
 “o Summo Pontifice Gregorio XIII.)
 “mas chamado pelos Tres-Estados
 “do Reino, que tirarão da posse Fi-
 “lippe IV. Rei de Castella, por este
 “respeito, e juntamente por quebrar
 “o juramento, com que prometteo
 “guardar os Fóros, e Privilegios de
 “Portugal. E que sem embargo de
 “achar o Reino, quando entrara na
 “posse d'elle, desarmado, e pobre,
 “por haverem os Castelhanos levado
 “tudo quanto era de valor, e estima-
 “ção, havia resistido a traições mui-
 “tas vezes intentadas contra a sua
 “Pessoa, e aos exercitos que procu-
 “rarão a invasão do Reino, ficando
 “sempre as suas armas victoriosas,
 “sem dependencia, nem soccorro de

“algun Principe Estrangeiro. Que
 “desta experiencia podia Sua Santi-
 “dade colligir a enganosa segurança,
 “com que os Castelhanos promettião
 “a Conquista de Portugal, se a paz
 “universal se celebrasse sem este Rei-
 “no entrar nella. Porém os Castelha-
 “nos tinham por mais util, e por
 “mais decoroso fazer a paz com os
 “Hollandezes Hereges, e seus vas-
 “sallos, que com Portugal livre, e
 “Catholico. E que, para se justificar
 “com Sua Santidade, declarava, que
 “em caso que ElRei Catholico não
 “quizesse admittir os justos meios
 “de accommodamento, que elle es-
 “tava prompto para haver de accei-
 “tar, que tomava a Deos por tes-
 “temunha de que em caso, que lhe
 “não bastassem os soccorros de Fran-
 “ça, com que professava inseparavel
 “amidade, que era força valer-se pa-
 “ra sua defenza das armas dos Sue-
 “cos, e Inglezes, com profundo sen-
 “timento de vêr ao mesmo tempo ar-
 “der Hespanha em guerra, e em he-
 “resia, quando só dezejava empre-

“gar o valor de seus vassallos, e des-
“pender os seus thesouros contra He-
“regeç, e Infiéis, espirito herdado
“de seus gloriosos Antecessores. Que
“como filho obediente da Igreja, lo-
“go que fóra acclamado Rei de Por-
“tugal, mandara o Bispo de Lame-
“go do seu Conselho de Estado a
“dar obediencia ao Summo Pontifi-
“ce Urbano VIII., e de que, depois
“de hum anno de assistencia em Ro-
“ma, nem hum audiencia pudera
“conseguir. Que mandando depois
“o Estado Ecclesiastico de Portugal,
“com beneplacito seu, o Prior de So-
“dofeita, Nicoláo Monteiro, Bispo
“eleito de Portalegre, a tratar do
“provimento dos Bispados, que a
“hum, e a outro intentárão os Cas-
“telhanos tirar de dia a vida nas ruas
“principaes de Roma, sem attenção
“a veneração, e respeito, que se de-
“via guardar na presença do Summo
“Pontifice. E que determinando man-
“dar o Marquez de Niza por Em-
“baixador a Sua Santidade, por não
“arriscar a segunda desgraça, mandá-

“ra pedir a Sua Santidade licença,
 “para o poder fazer por Gremonvil-
 “le, Embaixador de França: que Sua
 “Santidade o não permittira, sendo
 “que elle não pertendia mais favor,
 “que dar-lhe obediencia, como Prin-
 “cipe Catholico, ao Vigario de Chris-
 “to. Que sem embargo de todas es-
 “tas experiencias restituira a Autho-
 • “ridade á Sé Apostolica, e á seus
 “Ministros a jurisdicção, que total-
 “mente se lhes havia tirado por or-
 “dem d’ElRei de Castella, depois
 “de prezo o Bíspo Castracane Col-
 “leitor Apostolico, parecendo-lhe
 “justo dar satisfação do crime, que
 “não mandára fazer; e ordenára que
 “se observassem as censuras, que an-
 “tês forão desprezadas; e que os Mi-
 “nistros Reaes se sujeitassem ao Au-
 “ditor do Vice-Colleitor, e lhe pe-
 “dissem absolvição; e antes desta
 “diligencia não permittira que lhe
 “fallassem, nem que exercitassem os
 “seus officios; e havia deliberado,
 “que se restituisssem ao Colleitor,
 “em caso que somasse, os bens Ec-

«clesiasticos, que os Castelhaños
 «usurparão ás Igrejas, e as escriptu-
 «ras, e papeis que tomarão ao Col-
 «leitor; e que mandára cessar as de-
 «mandas sobre este particular; e que
 «se pagasse á Sé Apostolica o que
 «da esmola da Bulla da Cruzada
 «estava applicado á fabrica de S.
 «Pedro de Roma, que de muitos an-
 «nos antes se não pagava. E que ne-
 «nhuma destas finezas era poderosa
 «a obrigar a Sé Apostolica a conge-
 «der Bispos ás Igrejas de Portugal;
 «que era só o que com ancia, e cui-
 «dado desejava. Que a Sua Santida-
 «de havia Christo Nosso Senhor en-
 «tregue a cura das almas; e que to-
 «do o defeito, e damno que pade-
 «cessem as do seu Reino por falta
 «de Pastor, cahia sobre a conscien-
 «cia, de Sua Santidade; e que este
 «prejuizo das almas, por falta de
 «Pastores se estendia com lamenta-
 «vel ruina ao larguissimo dominio
 «da Corôa de Portugal na Azia, na
 «Africa, e na America, deixando-se
 «em muitas partes de administrar os

« Sacramentos por falta de Parrocos.
 « Que os Summos Pontifices costumam
 « marão sempre decidir em negocios
 « de maior importancia em consisto-
 « rio público, ou particular; e que
 « não havendo materia de maior pe-
 « zo, nem de consequencias mais re-
 « levantes por ser utilidade sua se
 « não tratava. E que não sabia a cau-
 « sa, a que pudesse attribuir esta de-
 « monstração; porque entendia, que
 « não poderia haver Cardeal algum,
 « que aconselhasse a Sua Santidade,
 « ser melhor deixar perder tantas al-
 « mas sem Pastor, que permittir-lho
 « por nomeação sua concedida aos
 « Reis seus Antecessores. Principal-
 « mente havendo determinado o Con-
 « cilio Tridentino, que, para o pro-
 « vimento dos Bispados, precedesse a
 « nomeação dos Reis, ou dos Possui-
 « dores dos Reinos. Que El Rei de
 « Castella; como Catholico, se não
 « poderia queixar de que Sua Santi-
 « dade executasse a determinação do
 « Concilio: Que Sua Santidade não
 « costumava ser Juiz nos litigios dos

« Reinos ; e que Philippe II. fôra o
 « primeiro que praticara, e seguira
 « esta opinião, quando tomara a in-
 « justa posse de Portugal. E que os
 « Summos Pontifices ; Predecessores
 « de Sua Santidade, não costumavão
 « attendêr mais, que ao bem das al-
 « mas, parecendo-lhes justo, como
 « Vigarias de Christo na terra, ser
 « Pais communs de todos os Catho-
 « licos. E que Sua Santidade seguio
 « com elle, não diverso caminho, que
 « nem como Rei, nem como filho
 « o tratava, e que podendo segurar,
 « que nem com o pensamento havia
 « de bñquido contra a Santa Sé. Apds-
 « tolica, estava com elle aquella mes-
 « ma aspereza, que pudera usar
 « com hum Principe infiel, ou he-
 « tico. E que Ise lhe multiplicava o
 « sentimento, depois de conhecer o
 « zelo, e experiencia, com que Sua
 « Santidade administrava a Justiça
 « no seu feliz Pontificado. Que só o
 « Estado temporal da Igreja tinha
 « em Italia dependência do Rei de
 « Castella, que o Espiritual não era

e menos obrigado á Monarchia Por-
 tugueza, por exceder a todas no
 zelo do augmento da fé Catholica,
 e levando-a com grande dispendio,
 e trabalho ás mais remotas partes
 do Mundo, e na veneração, e obe-
 diencia da Igreja. Que o Papa Cle-
 mente VII. perdera o Reino de In-
 glaterra, por lhe parecer preciso ac-
 commodar-se ao dictame do Im-
 perador Carlos V.; e que passado
 pouco tempo fizera paes com Hen-
 rique VIII. Rei de Inglaterra; e
 sem attenção ao favor antecedente
 do Pontifice, deixara perder naquel-
 le Reino a fé Catholica, e por tra-
 setara de que se restituíssem, do Igre-
 ja os bens Ecclesiasticos, e que os
 Hereses lhe haviam usurpado. Que
 o Papa Clemente VIII. recebesse no
 gremio da Igreja, a Henrico IV.
 Rei de França, e lhe chamara Rei
 de Navarra, sem attendêr ás dili-
 genças, e contradicções de Philippe
 III. e de seus Ministros. Que era
 certo, que elle não havia de negar
 a obediencia de Sé Apostolica; nem

« ao Summo Pontifice; nem consen-
 « tir heresia, nem scisma nos seus
 « Reinos, como a não admittirão
 « os Reis Portuguezes seus antepassa-
 « dos; porém que se na falta dos
 « Bispos; depois de consultar, como
 « lhe era precisamente necessario, os
 « Ministros Ecclesiasticos, e Secula-
 « res nas materias pertencentes á Igre-
 « ja, se originasse da liberdade mi-
 « litar, commercio, e trato com he-
 « reges; e infies algum successo me-
 « nos decente, e útil á Igreja (o que
 « Deus não permittisse); que espera-
 « va; que não cahisse a culpa sobre
 « a sua consciencia; pois não era el-
 « le a causa de não haver Bispos; nem
 « de faltar Nuncio Apostolico, e Mi-
 « nistros Ecclesiasticos; que pudes-
 « sem resistir aos males, que sobre-
 « viessem. Que na extrema necessida-
 « de lhe seguravão grandes Letrados;
 « que seguramente podia obrar, como
 « se não houvesse accesso, e recurso
 « á Sé Apostolica; e que faltando lhe
 « este, como verdadeiramente succed-
 « dia, tocava neste caso aos Cabi-

« dos, por nomeação, sua eleger Bis-
 « pos, como antigamente se fazia
 « em Hespanha, e ainda se conser-
 « vava em algumas partes. Que Sua
 « Santidade se não poderia descon-
 « tentar desta resolução, quando, co-
 « nhecendo, que elle poderia usar de
 « todos estes remedios, não tratava
 « de definir as suas justas pretensões.
 « E que, se por ultima resolução, Sua
 « Santidade antepuzesse os interes-
 « ses de Castella, á sua justiça, que
 « determinava justificar-se com todos
 « os Principes Christãos para que
 « em nenhum tempo se lhe puzesse
 « a culpa de qualquer modo, que
 « succedesse. »

/ Todas estas razões penetrarão
 muito ao Papa; porém não o deter-
 minarão a decidir-se a favor d'ElRei
 de Portugal, e da mais justa de to-
 das as causas. A Religião, e a pieda-
 de d'ElRei foi tal, que, apesar des-
 tas razões, e do conselho dos Sabios,
 conformando-se com o parecer do
 Tribunal do Santo Officio, que des-
 approvou estas opiniões, a nada pro-

cedes, não podendo conseguir em tres Pontificados, que forão Urbano VIII., Innocencio X., e Alexandre VII., cousa alguma da Sé Apostolica.

Neste anno se offereceo Domingos Leite, para matar o Senhor Rei D. João IV.; e para este effeito partio de Castella acompanhado de Manoel Roque, a quem occultou este segredo: chegando a Lisboa no mez de Maio, alugou humas casas na rua dos Torneiros; e dellas foi insensivelmente alugando todas as que se continuavão, até humas pequenas praça, que ficava por detraz da Igreja de S. Nicoláo. Feita esta diligencia, fez na parede frestas com pontarias oppostas, para segurar o tiro, ou pela frente, ou pelas espaldas d'El-Rei; quando no dia 20 de Junho acompanhava a Procissão do Corpo de Deos. Não surtiu este malvado designio o effeito, que elle desejava; porque, perdendo Domingos Leite, todo perturbado, a pontaria, continuou pela segunda fresta; e igual-

mente não teve effeito. Passou El-Rei livre do perigo; e Domingos Leite voltou para Hespanha com Manoel Roque seu companheiro, onde deo as suas desculpas, que forão admittidas. Segunda vez vem a Lisboa com o mesmo intento, e o communicou a Manoel Roque, o que não tinha feito da primeira vez. Este adiantando-se, com o pretexto de alugar casas, o participou a El-Rei logo que chegou a Lisboa, que promptamente mandou prender a Domingos Leite, o qual confessou o seu delicto, e foi sentenciado a morrer enforcado, cortando-se-lhe primeiro as mãos em vida no Peloirinho, e o seu corpo feito em quartos esteve muitos dias exposto ao público.

Mandou El-Rei render as graças a Deos em todo o Reino por tão assignalado beneficio; e a Rainha mandou, que no lugar, onde Domingos Leite intentara executar o seu designio, se edificasse hum Convento dedicado ao Santissimo Sacramento; e mandou occupar pelos Religiozos Carmelitas Descalços.

A 19 de Abril hum pequeno exercito Portuguez, de dois mil e quinhentos Soldados, de que era Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes, e Cabos principaes João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, D. Antonio Philippe Camarão, e Henrique Dias, combateo contra o exercito Hollandez de sete mil e quatrocentos combatentes, e seis peças de artilharia em Pernambuco junto a huns montes, a que chamão Gararapes: com tão desigual número conseguimos grande victoria, morrendo dos nossos oitenta e quatro, passando os feridos de quinhentos, em que tivemos riquissimos despojos, entrando o Estandarte da República de Hollanda, e vinte e nove Bandeiras. Depois de cinco horas de combate, lhe matamos mil e duzentos homens, em que entráão cento e oitenta Officiaes, e dois Coroneis, hum delles Henrique Huz; e feridos forão quasi todos.

A 20 de Junho amanheceo sobre Olivença hum exercito de oito

mil infântes, e tres mil cavallos, ás ordens de Cosmander, que prometteo a ElRei de Hespanha a Conquista de Portugal, o qual mandou avançar por quatro partes, e destinou para si huma porta na estrada coberta, por onde os Soldados sahião a trabalhar. Avançarão os Castelhanos animosamente, animados pelo Marquez de Laganés. Antes de serem sentidos montarão dois baluartes, e neste tempo tocárão arma os sentinelas: acodirão os Soldados dos corpos da guarda vizinhos, e alguns moradores, que sustentarão com valor o primeiro impeto dos Castelhanos, que derão lugar a acodir os outros. D. Jorge de Menezes, logo que ouviu o rumor, se levantou da cama, e tomando a sua espada, e a primeira roupa que encontrou, veio á rua ajudar, e animar os que já achou batalhando; de sorte que obrigarão aos Castelhanos a voltar ás costas com tal dezacôrdo, que não atinando com o lugar, onde tinham deixado as escadas, se precipitarão abaixo dos

baluartes. Cresceo o combate, e D. João de Menezes, com tres feridas no peito, coberto de sangue combatia com valor. Durou o perigo até que rompeo a manhã. Neste tempo chegando Cosmander foi morto por hum Soldado nosso, com huma bala. Morto elle, cessarão todos os movimentos do corpo do exercito. O Marquez de Laganés se retirou para Badajoz, abatidas as esperanças da Conquista de Portugal, deixando a Praça coberta de sangue, o fosso de mortos, e a campanha de feridos. Os defensores de Olivença tiveram huma gloria immortal; e D. João de Menezes recebeu d'El Rei huma carta de agradecimentos os mais honrosos, escrita em Lisboa a 23 de Junho do mesmo anno.

Depois deste successo, intentarão os Castelhanos outras empresas, mas todas com tal infelicidade, que só servião de augmentar a gloria dos Portuguezes.

O Conde de S. Lourenço com mil e quinhentos cavallos, governa-

dos por D. João Mascaranhas, General de Cavallaria, e dois mil infantres á ordem de André de Albuquerque, entrou em Castella: chegarão as partidas avançadas até Talavera, duas legoas além de Badajoz por Guadiana acima, e fazendo grande preza, se retirou á vista de Badajoz.

Não obtendo nada em Roma o Padre Nuno da Cunha, mandou El-Rei ao Doutor Manoel Alvares Carfilho, com a instrucção de continuar em Roma os requerimentos de Portugal pelo que pertencia a materias Ecclesiasticas; e que visto não haver Nuncio, pedia ao menos, que Sua Santidade nomeasse a hum dos Prelados deste Reino, com o Titulo de Visitador; porque desta sorte podião cessar alguns inconvenientes, que se padecião no Reino; porém este achando a mesma impossibilidade, que os outros, ficou tudo no mesmo estado.

Neste anno morreo D. Antonio Filippe Camarão, que acabou de enfermidade, e nelle hum Soldado de

grande valor, espirito verdadeiramente catholico.

Sahindo de Lisboa Salvador Corréa de Sá, com o Titulo de Governador do Rio de Janeiro, e Capitão General do Reino de Angola, ganhou victórias contra os Hollandezes, conquistou Praças, castigou El Rei de Congo, e a Rainha Ginga, e fez acções de eterna memoria.

Deo El Rei principio a este anno 1649 no ponde Casa ao Principe D. Theodosio, separada do Paço, em hum quarto situado na Ribeira das Naos. Nomeou por seus Gentis Homens da Camara a Henrique de Sousa, Conde de Miranda, a Fernão Telles da Silva, Conde de Villar Maior, a Nuno de Mendonça, Conde de Val dos Reis, e a D. Gregorio de Castello Branco, Conde de Villa-Nova. Pouco tempo depois entraram a servir o Principe, com este mesmo exercicio, D. Luiz de Portugal, Conde de Vimioso, João Nunes da Cunha, D. Thomaz de Noronha, Conde dos Arcos, e D. João Lobo da Silveira, Conde de Oriola,

e Barão de Alvíto. Separou ElRei para sustento da Casa do Principe todo o rendimento do Ducado de Bragança, e deo-lhe outras consignações.

Continuando o Marquez de Niza em Pariz os negocios de Portugal, e vendo as alterações de França descontente pelo governo da Rainha, e da valia do Cardeal Massarini, fez grandes offeras á Rainha da parte d'ElRei D. João, o que ella agradeceo, e deixando o Marquez assistindo aos negocios de França Christovão Soares de Abreo com o titulo de Presidente, chegou a Lisboa com feliz viagem.

Continuando em Roma as pertenções d'ElRei com o Summo Pontifice, solicitadas pelo Padre Nuno da Cunha, o Doutor Manoel Alvares Carrilho, e Fr. Manoel Pacheco, e nada conseguindo, aconselhavão a ElRei grandes Letrados da Europa, que, na falta de recurso á Sé Apostolica, podia usar dos meios, que acima fição apontados; mas elle de

mais nada quiz usar, mais, que de rogos, e supplicas como filho obediente.

Neste anno morreo D. João de Menezes, Varão singular, e de eterna memoria.

As guerras Civis de Inglaterra crescerão com tanto excesso, que El Rei D. João ordenou, a Antonio de Sousa de Macedo, que se retirasse da Corte de Londres, por não querer, que Ministro seu fosse testemunha de huma tão deshumana acção. El Rei Carlos I., depois de experimentar varios revezes da fortuna, foi vendido por quatrocentas mil libras esterlinas aos Parlamentarios de Londres, pelos Escocozes, que o haviam amparado, e passado de Escocia ao Castello de Hombiy, cincoenta legoas de Londres, com guardas do Parlamento, a quem disse, quando tomáráo entrega da sua pessoa, que de melhor vontade hia com os que o haviam comprado, do que ficaria com os que o tinham vendido. E tirado de Hombiy, por ordem de

Parfaiz, o tyranno mais poderoso, que o perseguia, o conduzio a hum grande exercito, que governava unido a Cromowel, artifice nos primeiros annos de obras mecanicas. Este Rei não achando em hum Reino tão bellicoso vassallo algum, que se atrevesse a defender a sua causa, foi tratado indignamente, durante o tempo da sua prisão, até que sentenciado á morte foi degolado em publico cadafalso no dia 10 de Fevereiro deste anno.

A 3 de Junho morreu em Madrid o célebre Historiador, Manoel de Faria e Sousa. Nasceu na Provincia d'Entre-Douro e Minho, no Valle de Viseia. Adquirio em muitos annos de estudos grandes conhecimentos. Foi insigne Historiador, illustrando a sua Nação com as memorias do que obráão os Portuguezes nas Quatro Partes do Mundo; o que deixou escripto em seis volumens. Inclinado á Poesia não só compoz muitas obras, porém mereceo também, como Camões, o nome de Príncipe dos

Poetas. Mereceu a estimulação dos homens Sabios do seu tempo, e tem pelos seus escriptos hum grande nome na Pósteridade.

A 11 de Agosto morreo João Pinto Ribeiro. Nasceo na Villa de Amaranthe de Mansel Pinto Ribeiro, e Helena Gomes da Silva, ambos de nobre familia. Estudando na Universidade de Coimbra a Jurisprudencia Civil, sahio consummado nesta Sciencia. O seu zelo pelo amor da Patria, e incomparavel patriotismo mostrou evidentemente nos serviços, que fez na Restauração deste Reino, como fica dito. Defendeo os Direitos do Senhor Rei D. João IV., com as mais evidentes razões contra os antagonistas da Côroa de Portugal. Depois de ter sido Juiz de Fora da Villa de Pinhel, Ponte de Lima, e outros Lugares, em que manifestou a sua litteratura, e desinteresse, foi Desembargador do Paço, Fidalgo da Casa Real, Contador-Mór da Fazenda, e Guarda-Mór da Torre do Tombo. Foi casado com D. Maria da Fonse-

ca; de quem não teve filhos. Jaz sepultado no Claustro de S. Francisco da Cidade em sepultura propria.

1650 Depois da tragica morte d'El-Rei de Inglaterra Carlos I., seu filho Carlos II. andou percorrendo fugitivo com toda a familia Real, para se livrar do tyranno Cromowel, que tomou a si o governo, com o Titulo de Protector da Republica de Inglaterra. Fugindo igualmente os Principes Roberto, e Mauricio tomáram o porto de Lisboa. Segui-os o General Blac, e apparecendo em Cascaes com huma Armada Ingleza, composta de quinze navios, pedendo, se lhe entregassem os Principes. Sentio ElRei a ousadia, e lhe respondeo com resolução; e receando algum attentado do General Blac, se prevenio, fazendo marchar do Alemtéjo tres Terços de infantaria, e duzentos cavallos; prevenindo os lugares maritimos, nomeando para governar Peniche o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes; Serubal o Conde de Prado D. Francisco

de Sousa; em Cascaes o Conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes. Chamou ElRei a Conselho de Estado, em que elle assistio, a Rainha, e o Principe. Disputou-se sobre a entrega dos Principes Palatinos; em que houverão varias opinões contrarias: porém o Principe D. Theodosio fez huma elegante falla, que o Conde da Ericeira diz conservara em seu poder da propria letra deste Principe; e he a seguinte:

« Persuado-me, que julgaria su-
 « perfluo a qualquer Varão prudente
 « esta exhortação a hum Rei pruden-
 « tissimo, e a semelhantes Ministros
 « em hum negocio manifesto. Oxalá
 « fóra superflua! Mas cresceo tanto
 « o Machavelismo, que só os seus
 « séquazes usurpão o titulo de pru-
 « dentes. Porém deixando esta matê-
 « ria, tratemos do negocio, que se
 « propõe. Flórecia há pouco tempo o
 « Sceptro Anglicano debaixo do Im-
 « perio de Carlos I., dignissimo Rei
 « da Grã-Bretanha, quando por va-
 « rias causas da antiga Religião, e

« de mudar justamente o governo,
 « se levantou a furiosa discordia dos
 « Parlamentarios. Depois de diver-
 « sos, e duvidosos successos foi pre-
 « zo ElRei legitimo pelos subditos
 « rebeldes; e no principio do anno
 « passado, com horrivel dezatino, ex-
 « traordinario furor, viperiosa raiva,
 « nunca vista crueldade, em Lon-
 « dres, em hum theatro publico, sen-
 « do authores Farfaix, e Cromowel.
 « Oh cruel, e inaudita maldade! O
 « Rei da Grã-Bretanha pagou com a
 « cabeça as penas, que os perfidos
 « vassallos merecião, só com razão
 « de ser proprio a hum Rei tão gran-
 « de entregar a vida pelos delitos de
 « seus subditos. Concluidos estes suc-
 « cessos, todos os Principes do Mun-
 « do reconhecerão a Carlos II. por
 « legitimo successor, e Rei de In-
 « glaterra, o qual mandou logo a
 « esta Corte hum Inviado chamado
 « Lista, que offereceo cartas de cren-
 « ça do seu Rei, nas quaes lhe da-
 « va authoridade para tratar com El-
 « Rei de Portugal as proposições fei-

“tas em seu nome pelo Principe Ro-
 “berto seu Sobrinho. Consultado es-
 “te negocio, deliberou ElRei meu
 “Senhor responder a Lista, com a
 “significação da amizade assentada
 “com todos os Inglezes, e que ha-
 “via de admittir livremente nos seus
 “portos as náos daquella nação, sem
 “distinção alguma, e que poderião
 “vender as prezas, e refazer-se de
 “qualquer damno, com declaração,
 “que as que entrassem no porto, ou
 “fossem d’ElRei, ou dos que se-
 “guião a causa do Parlamento, lhes
 “não seria licito sahirem delles an-
 “tes de passarem tres dias. Com es-
 “te concerto entrárão nos portos des-
 “ta Cidade os Principes Roberto, Ge-
 “neral d’ElRei da Grã-Bretanha, e
 “seu irmão Mauricio, trazendo em
 “sua companhia tres navios mer-
 “cantis, tomados aos Paramenta-
 “rios, intentando vendelos para sus-
 “tentar os que os seguião. Occasio-
 “nou este negocio grandes confu-
 “sões, pelo receio prevenido do Par-
 “lamento, e durárão estas dúvidas

« até ao mez de Fevereiro passado.
 « Neste tempo estando aprestados os
 « Príncipes para navegarem, appare-
 « ceo a 20 de Março em Cascaes a
 « Armada Parlamentaria, que con-
 « stava de quinze navios, e Blac seu
 « General declarou por cartas, que
 « era o seu intento pelejar dentro do
 « porto de Lisboa, com os Príncipes
 « Palatinos Roberto, e Mauricio.
 « Vista maduramente esta propôsta
 « nos mais secretos conselhos d'ElRei
 « meu Senhor, se determinou por
 « votos de todos, que primeiro se
 « impedisse com suavidade aos Par-
 « lamentarios tão temerario intento:
 « porém persistindo nelle, com fogo,
 « e ferro se lhes resistisse a entrada
 « da Barra. Este he o facto, ó Pru-
 « dentes, attenção, e perseverança
 « no deliberado, sollicitos da vossa
 « propria utilidade. Até onde chega-
 « rá a voz da nossa maldade, se se
 « permittir a entrada da Barra em som-
 « mada guerra contra estes Príncipes?
 « Em que parte se porá em silencio?
 « Na verdade onde chegarem as ac-

“ções dos Parlamentarios,ahi soará
 “a infamia dos Portuguezes. Que di-
 “rão as Nações estrangeiras, quando
 “se lhes propuzer hum semelhante
 “caso? Aonde está, ó Lusitanos, a
 “hónra antiga, e o valor de vossos
 “Progenitores? Por temor quereis
 “admittir a injustiça dentro de vos-
 “sos limites, e prezais-vos de exce-
 “der a todos em ser magnanimos?
 “Já perdeis a antiga generosidade
 “de vossos Avós? Já vos falta o brio,
 “e já se ausenta de vós a fidelidade?
 “Não vos envergonhaes de entregar
 “nas mãos sacrilegas dos Rebeldes,
 “dentro de hum muro fechado, hun-
 “Principes recebidos como amigos?
 “He possível, que sendo os primei-
 “ros na generosidade, e fortaleza
 “queiraes ser os primeiros desde o
 “principio do Mundo, que degene-
 “reis com tão intoleravel permissão?
 “Pergunto: Que justas, e indignas
 “palavras lançareis contra aquelles,
 “que lêssem nas historias antigas,
 “que forão comprehendidos em tão
 “grande maldade? Contra vós mes-

“ nos dais sentença contradictoria ;
 “ não attendendo á justiça. Por Di-
 “ reito Natural, o Gentilheo se prohi-
 “ be, que dentro das portas se não
 “ intente pelejar; e pelo Divino so-
 “ mos obrigados a defender os hospe-
 “ des. Verdadeiramente entendendo,
 “ que aquelle, que se atreve a sentir
 “ o contrario, deve ser com razão
 “ julgado por impio Machavelista.
 “ Conheccis, que os Parlamentarios
 “ são rebeldes; e por hum vão temor
 “ determinaes resistir á verdade co-
 “ nhecida, peccando contra o Espi-
 “ rito Santo; culpa de que neste se-
 “ culo não sereis perdoados, e no
 “ outro, recebereis castigos eternos?
 “ Affligis vos com o temor do po-
 “ der dos Parlamentarios, que á ma-
 “ nhã se ha de desvanecer, e gran-
 “ geaca por inimigos ElRei da Grã-
 “ Bretanha, os Reis do Franca, Di-
 “ namarca, e Succia; e pôde ser que
 “ propoquez contra vós as armas de
 “ Hollanda. Certo, que sereis dignos
 “ de vos reputarem por doudos, se
 “ tal executardes: pois não será pos-

“sivel acharem-se outros, que sigão
 “igual dezatino. A prova desta ver-
 “dade he evidente. Os Francezes tem
 “denunciado guerra aos Parlama-
 “rios; ElRei de Dinamarca he pri-
 “mo segundo d’ElRei da Grã-Breta-
 “nha: ajuda-o a Rainha de Suecia
 “com dinheiros, e armas, e he voz
 “pública, que determina casar com
 “o Principe Mauricio; os Hollan-
 “dezes tiverão muito tempo em sua
 “companhia ElRei de Inglaterra, e
 “he notorio o estreito parentesco,
 “que tem com o Principe de Oran-
 “je: clama o povo, que se defendão
 “os Principes, que estão debaixo das
 “sombas do nosso Rei Serenissimo,
 “e que se não bastarem os termos
 “suaves, se defendão com ferro, e
 “fogo. Quando ouvistes, que os Prin-
 “cipes, se detinhão contra a vanta-
 “de do Povo, o quizestes seguir; no
 “negocio presente não fazeis caso do
 “seu voto, para mostrardes com evi-
 “dencia, que obraes com paixão;
 “fazendo esta opinião infallivel com
 “a indigna reposta, que destes ao

“seu Inviado d’ElRei de Inglaterra,
 “que veio tratar da paz; e querendo
 “admittir contra a sua armada, reco-
 “lhida nos nossos portos, a dos Par-
 “lamentarios. Quereis, que vos diga
 “o que he isto? He arrojardes a
 “hum precipicio, por vos livrardes
 “de hum touro, que vos investe.
 “Não tendes, que temer os abomi-
 “naveis Parlamentarios; porque ve-
 “mos manifestos todos os signaes,
 “que ameação a sua ruina; sendo o
 “primeiro o terrivel influxo das es-
 “trellas, e aquelle cometa infausto,
 “que appareceu em Londres; que as-
 “sim como prostrou a grandeza de
 “Carlos I., e o reduzio a hum fu-
 “nesto theatro, cortada, e dividida
 “a cabeça, tambem significou, que
 “o Parlamento sem ella morrerá bre-
 “vemente: e constará a qualquer As-
 “tologo mediocrementemente douto, que
 “com a certeza, que póde haver nos
 “discursos humanos, quasi no anno
 “de 1651, será diminuido o poder
 “do Parlamento, e até o de 1655
 “entrará em Londres triunfante Car:

"los II. E tudo isto, que affirmo,
 "consta com evidencia aos que tem
 "observado o nascimento d'El Rei,
 "e da nova Republica; e a revolu-
 "ção dos annos do Mundo. O segun-
 "do signal foi hum grande terremo-
 "to, de que se originou huma ter-
 "rivel tempestade no mar de Hollan-
 "da contra a Armada dos Parlamen-
 "tarios, que levou muitos navios a
 "pique, e a peste, que costuma suc-
 "ceder aos terremotos, affligio de
 "tal sorte o exercito de Cromowel,
 "que não pôde continuar a expedi-
 "ção, que intentava. Platão observa
 "a razão dos números septenario, e
 "novenario, cujo quadrado são 49,
 "e neste anno começou a tyrannia
 "Anglicana multiplicando se sete
 "por nove, fizo 63, e neste número,
 "tirando se o quadrado de sete, fizo
 "56. Busque se a raiz deste quadrado,
 "e achar-se ha menor de quatro Tan-
 "tos parcos, que durará esta Repú-
 "blica. Deixo as intestinas causas da
 "sua ruina, por serem a todos notó-
 "rias: referirei só as palavras de hum

"político, acomodadas ao governo
 "misto, qual he agora o de Inglaterra.
 "O Estado misto (diz elle) per-
 "turba, senão for temperado no mó-
 "do, que convem, como perturbão
 "a harmonia da Musica algumas vo-
 "zes dissonantes; se quizerem, e pu-
 "derem mais que os ouffos, aquél-
 "les que não convem, se forem ex-
 "cessivas as causas, que devião ser
 "moderadas, se elevadas as que de-
 "vião ser iguaes. Considerai, vos pe-
 "ço, que vezes ha mais dissonantes,
 "que as dos Parlamentarios. Sendo
 "infieis, pedem aos Inglezes jurá-
 "mento de fidelidade: mandão ao
 "Summo Pontifice, huma ridicula
 "embaixada, pedindo-lhe que orde-
 "ne aos Hibernos, se unão com el-
 "les, e que lhe concederão liberdade
 "de consciencia. Pependem do Se-
 "renissimo Rei de Portugal, contra
 "o Direito Divino, Natural, e das
 "Gentes, livre entrada neste porto,
 "e como inimigos contra os Principes
 "Roberto, e Mauricio, dando-lhe
 "título de obra justa: pratica ver-

“ganhosa de te dizer, quanto mais
 “de se executar. Estas tres vozes di-
 “sonantes se contém no Tritono. O
 “que indico que pouco mais durará
 “de tres annos a vida desta desorde-
 “nada Republica. E neste sentido
 “vos amesto! não maculeis a honra
 “dos Portuguezes, até agora invio-
 “lada: porque esta permissão pro-
 “nestice a vossa ruina. Para que não
 “succeda, pego que se confundão os
 “conselhos de Achitophal. Tudo ex-
 “perimentai, mas alegei o que
 “for bom. Preponderai as virtudes,
 “estendei ás occasiões, procura a ju-
 “stiza. Vós a admittis, estando pela
 “parte dos Principes, e El Rei de In-
 “glaterra, sendo estes de todo sem
 “juizo. E se não pedis favor ten a
 “causa mais justa, ao menos não a
 “desampareis, para que se não diga,
 “que intentas offendella. Christo in-
 “culpavel perguntou: Que dizem de
 “vós, os homens? E vós, que ne-
 “scio facto seguis o caminho da mal-
 “dade, não quereis considerar, que
 “dirão os homens, não vos atemor-

« risem as Invenções dos Parlamentá-
 « rios: se se forem logo, succeder-
 « nos há bem; se quizerem permaner-
 « cer, eu vos seguro, que o mar,
 « e o vento os lancem dos nossos Por-
 « tos: porque a razão ha de peiojar,
 « pelo que se tem deliberado, e re-
 « cta, e prudentemente se considerá
 « tudo aquillo, que com a justiça se
 « confirma. O contrario só se susten-
 « ta pelo impio Machavellismo. Quan-
 « do alguém diz, que obra com recti-
 « tude razão todas as cousas, e não suc-
 « cedem conforme a razão, não se
 « ha de passar adiante, mas perseve-
 « rar no que ao principio se decretou.
 « O mesmo amoesta hum prudentissi-
 « mo Capitão, dizendo, que em quan-
 « to houver a mesma razão, ha de per-
 « severar immutavel, e así quanto di-
 « xarem as mesmas causas: porque le-
 « sentença de huma pena excellente,
 « que o Sabio deve considerar huma,
 « e outra parte da fortuna; e que não
 « incertos os successos, posto que se-
 « ão certos os conselhos. Com es es
 « fundamentos direi o que sinto. Com

de mil obsequios, e termos suaves se
 devem abrandar os animos dos Par-
 lamentarios, para que desistão do
 intento começado, propostos, con-
 forme o direito commun, os con-
 certos celebrados há pouco tempo
 entre as duas Cordas; porque, ain-
 da que elles se constituão succes-
 sores do Reino de Inglaterra, não
 nos toca decidir esta materia entre
 os Parlamentarios, e ElRei; e as-
 sim fica só licito guardarmos os
 concertos feitos com ambos. Se com
 tudo pertenderem entrar no porto
 contra a nossa vontade, em nê-
 nhum caso devemos deixar nos op-
 rimir das suas armas, antes rebá-
 iremos; porque sempre foi mais im-
 pignar a força com a força, e de-
 pois nos fica tempo para manifes-
 tar os excessos dos Caballeros. A
 verdade é sendo constrangida a de-
 fensa natural, e por infallivel a
 victoria, isto he o qual julgo mais
 conveniente, e nunca me deixarei
 vencer de mais opinões, porque
 só aquellas, que forem boas, me sa-

"berer sujeitar. Rhocion, succedendo
 "felizmente hum negocio contra o
 "que elle havia persuadido, persua-
 "rou tão constante no seu parecer,
 "que disse em huma elegante ora-
 "ção, que se adgrava muito; porém
 "que o seu conselho fôra mais bem
 "fundado, e mais prudente. E jul-
 "gando o parecer contrario por mais
 "feliz, avaliou o seu voto por mais
 "sabio. As mesmas pisadas sigo; por-
 "que, quando se não conformem to-
 "dos com a minha opinião, succo-
 "dendo prosperamente a contraria,
 "espero ser como Rhocion, julgan-
 "do sempre o meu voto pelo mais
 "bem ponderado."

-m. Isto persuadido o príncipe d'El Rei
 -a proteger aos Príncipes Palatinos,
 -mandando a aparelhar a huma Armada
 -da mesma marinha, de que fôz General
 -a Antonio de Sequerra Varejão, e
 -relegado por seu Almirante a D. Pedro
 -almeida Alghuiday irmão do segundo Con-
 -de de Arriente, que havia chegado
 -da Índia por Capitão-Mór dos Nãos.
 -Os Príncipes Roberto, e Mauricio

alegres com este socorro, dando as ordens, e providências necessárias, para recedidos muitos dos seus navios, com a infantaria, que havia chegado do Alentejo, sahirão a 20 de Julho a buscar acompanhados da nossa esquadra a Armada do Parlamento. Os Parlamentarios, tanto que virão sahida da Armada, devastarão o ferro, e se fixerão no mar, e sem mais progresso se tornou a recolher a nossa Armada. Por cujo motivo depois El-Rei a Antonio de Sequeira Varajão do governo da Armada, e eligeo em seu lugar a Jorge de Mello, General das Galés, ficando por seu Almirante D. Pedro de Almeida. Dentro em poucos dias tomáron a sahir as duas Armadas, e experimentando huma grande temporal se espalháron os navios, e no meio desta tormenta, se encontrando Du. Francisco de Sousa a Armada do Parlamento, pelejou com ella muito valerosamente, que acabou a vida pelejando justamente com o qual o acompanhavão, e só

“ berei
“ feliz
“ que el
“ rou-tã
“ que di
“ ção, qu
“ que o
“ fundado
“ gando o
“ feliz, a
“ sabio. A
“ que, qua
“ dos com
“ dendo p
- “ espero, se
- “ do semp
- “ bem pon
- “ Isto p
- a) proteget
- mandando
- de treze na
- a) António
- elegeo por
- de Almeida
- de de Avin
- da Índia
- Os Princes

alegret com este socorro, dando as ordens, e providências necessárias, guardados muitos dos seus navios, com a infantaria, que havia chegado do Alentejo, sahirão a 20 de Julho a buscar acompanhados da nossa esquadra a Armada do Parlamento. Os Parlamentarios, tanto que virão sahida da Armada, levantarão ferro, e se fuzão no mar, e sem mais progresso se tornou a recolher a nossa Armada. Por cujo motivo depois El-Rei a Antonio de Sequeira Varajão do governo da Armada, e elgeo em seu lugar a Jorge de Mello, General das Galés, ficando por seu Almirante D. Pedro de Almeida. Deu-se em poucos dias tomados a sair as duas Armadas, e experimentando huma grande temporal se espalhãto os navios, e no meio desta tormenta, encontrando D. Francisco de Sousa a Armada do Parlamento, pelejou com ella com valorosamente, que acabou a vida pelejando juntamente com os que o acompanhavão, e só

depois de morto se entregou o navio. Manoel Pacheco de Mello tam-
 bem pelejou com a Armada do Par-
 lamento, porém com melhor succes-
 so. Socegada a tormenta, e dividida
 a Armada, encontráão os Parlamen-
 tarios a frota, que vinha do Brasil,
 e nos tomáão quinze navios, e lat-
 gando os nossos mares, desembara-
 ção a saída aos Príncipes, que se-
 guirão a sua derrota, confessando-se
 agradecidos a tantos benefícios, que
 neste Reino receberam, de que tudo
 foi origem o Príncipe D. Theodo-

1651

sio. D. André de Albuquerque com mil
 cavallos, e oitocentos infantes, en-
 trou na Villa de Salvaterra, situada
 huma legoa da Cidade de Xerez, e
 seia de Olivença, fazendo hum gran-
 de estrago, custando a empreza a vá-
 da a tres Soldados nossos, e D. Luiz
 de Menezes levemente ferido.

Neste mesmo anno passou o
 Príncipe D. Theodosio a villa
 Viçosa, e El-Rey, e vendo que se de-

via aos Soldados, mandou pedir a seu Pai dinheiro para satisfazer os soldados, que se devião, depois voltou a Lisboa.

D. Rodrigo de Castro, ganhando a Villa, e Castello de Bodão, mandou degolar o Governador, e quarenta Soldados, que se puzerão em defensão, saqueando, e queimando a Villa, recolhendo-se os nossos áfãos com a gloria, ricos com os despojos.

No primeiro de Janeiro morreo 1652
prezo no Castello de Lisboa D. Jorge de Mascaranhas I. Conde de Castello-Novo, e Marquez de Monte-Alvão, filho de D. Francisco de Mascaranhas, e de D. Jeronyma de Castro. Tinha sido Governador da Praça de Mazagão, e de Tangere. Sendo arguido de faccionario de Castella, foi prezo, e recluso no Castello de Lisboa, onde acabou, dispondo o seu enterro sem pompa, e até prohibio se dobrassem os sinos por sua morte. Jaz sepultado no Convento dos Eremitas de S. Paulo de Setubal.

Juntando-se neste mesmo anno em Paris huma congregação dos Bispos de França, a tratar gravissimos negocios Ecclesiasticos, El Rei D. João Ihe mandou propor o que tinha passado com a Curia de Roma, e perguntar os meios, por onde poderia conseguir do Summo Pontifice os remedios para a Igreja de Portugal. Os Prelados congregados, vendo a justiça da causa, mandáráo a Roma a Christovão Bispo Bellemitano, encarregado dos seus negocios, e da Igreja de Portugal, com huma carta, que dizia:

« Outra vez recorrem a Vossa
 « Santidade os Bispos da Igreja de
 « França, perguntados pelo Sereniss-
 « simo Rei de Portugal sobre o que
 « deve fazer, para que entre os seus
 « Vassallos se não perca de toda a Re-
 « ligião Christã, achando-se as Igre-
 « jas de todo o seu Reino viúvas de
 « Pastores, querendo, que, em razão
 « da correspondencia, que sempre
 « houve no Estado Ecclesiastico de
 « hũa e outro Reino, Ihe declare

“mes. nosso sentimento á cerca deste
 “particular. Este he, Beatissimo Pa-
 “dre, o Estado da Igreja de Portu-
 “gal, o qual nem póde ser mais
 “danhoso ao Povo, nem mais peri-
 “goso á Religião, nem mais apro-
 “posito para excitar contra Vossa
 “Santidade a inveja dos máos. Não
 “ignoramos, que Vossa Santidade,
 “como aquelle que goza desagacis-
 “simo, e experimentadissimo talen-
 “ta, antevio estes perigos, e temem
 “a respeito da Igreja de Portugal ani-
 “mo de verdadeiro Pai, posto que
 “razões de grande consideração des-
 “viarão até agora a Vossa Santida-
 “de de alliviar, e consolar tão mise-
 “ravel yuvez. Porém Nós, que não
 “podemos deixar de nos commover
 “com os grandes danos, e immen-
 “sa dôr de nossa irmã carissima, nos
 “persuadimos, que he obrigação nos-
 “sa importunar segunda vez a Vos-
 “sa Santidade, instando com muito
 “maior vehemencia, para que final-
 “mente se chegue ao dezejado fim
 “de ordenar Bispos para Portugal.

“ Não enviamos já pois a Vossa San-
 “ tidade cartas, senão ao Bispo Bel-
 “ lemitano, o qual por seu grande
 “ engenho, e piedade, e pela estima-
 “ ção que tem entré Nós, não pode-
 “ rá deixar de ser muito acceito a
 “ Vossa Santidade. Ouvi, Senhor, a
 “ Igreja de França, que vos roga, que
 “ acodindo aos perigos da de Portu-
 “ gal, queiraes tambem attender à
 “ Dignidade da Sé Apostolica, e ata-
 “ liar hum scisma, que he o maior
 “ de todos os males. Apartai os lo-
 “ bos, que sem castigo algum estra-
 “ gão o rebanho Portuguez, em quan-
 “ to faltão os Pastores, que vigiem
 “ a saude de suas ovelhas. Aquelle
 “ foi na verdade sempre o primeiro
 “ cuidado dos Summos Pontifices, o
 “ crear novos Bispos, que preparas-
 “ sent o Povo para Deos; ou dar,
 “ quanto mais brevemente lhe fosse
 “ possível, espozos ás Igrejas viúvas,
 “ para que a Religião não padecesse
 “ detrimto com occasião de falta
 “ delles. Porque, se (como diz Cipria-
 “ no) a origem das Heresias he che-

“gar o Bispo, que he hum só, a ser
 “desprezado de alguns subditos, fa-
 “cilmente poderá Vossa Santidade
 “antever quam grande perigo de He-
 “rezias, e Scisma ameaça o Reino
 “de Portugal, em o qual, de tantos,
 “não ha mais que hum só Bispo ve-
 “lho, e achacado. A’s razões d’El-
 “Rei de Hespanha se podem respon-
 “der com huma só palavra: porque,
 “que ha de Vossa Santidade fazer, se-
 “elle para sempre oppuzer inconve-
 “nientes á nomeação dos Bispos, se-
 “não que cobre por armas o que ava-
 “lia por seu; e que ELRei de Portu-
 “gal defenda com as mesmas o Rei-
 “no, que por benefício de restitui-
 “ção alcançou. Vós que pelo Princi-
 “pe dos Prelados sois constituido Sum-
 “mo Pontifice da Igreja, usai do of-
 “ficio de tal, e constitui Pastores ás
 “Ovelhas Portuguezas, para que re-
 “duzão ao rebanho as que andão des-
 “viadas delle, e as livrem das gar-
 “gantas dos Lobos, que bramindo
 “sobre ellas as procurão tragar. Po-
 “rém, para que não sejamos mais mo-

«lestos a Vossa Santidade, remet-
 «temos o mais ao Bispo Bellemitano,
 «que, em nosso nome, tratará com
 «Vossa Santidade este negocio. Es-
 «peramos, que elle alcançará diante
 «de Vossa Santidade o lugar devido
 «á Grandeza Episcopal, á Authori-
 «dade daquelles, que o mandão, ao
 «respeito que os mesmos tem á San-
 «ta Sé Apostolica. Entretanto deze-
 «jamos a Vossa Santidade longa vida
 «por bem, e utilidade da Igreja. Pa-
 «ris anno de 1652.”

O Bispo Bellemitano, antes que
 partisse para Roma, escreveu a El-
 Rei huma carta do teor seguinte:

“O Estado Ecclesiastico de Fran-
 «ça, achando-se em Congresso-Ge-
 «ral em Paris, e sendo perguntado
 «pelo Embaixador de Vossa Mage-
 «stade sobre o estado da Igreja de
 «Portugal, condoendo-se do seu de-
 «zamparo, tratou com ardente zelo,
 «e procurou meios com que pudesse
 «ajudar sua irmã carissima, que lhe
 «pedia soccorro. Escreveo ao Sum-
 «mo Pontifice, fez muitos officios

« com seu Nuncio ; e sendo agora fi-
 « nalmente perguntado segunda vez
 « em nome de Vossa Real Magesta-
 « de, resolveo enviar hum Bispo, a
 « Roma, o qual em nome do Clero
 « de França trate presentemente com
 « Sua Santidade este tão grande ne-
 « gocio, com aquella reverencia, pru-
 « dencia, e zelo que convem, e cui-
 « dadosa, e diligentemente lhe faça
 « as instancias necessarias, até que
 « proveja as Igrejas deste Reino. E
 « acordou o Estado dos Bispos ele-
 « ger-me para esta função, e pôr so-
 « bre meus hombros, posto que fra-
 « goso, e ao peso de toda esta negocia-
 « ção. E eu pois, Serenissimo Rei,
 « que sou aquelle, que muito tempo
 « há tenho o dezanparado de tantas
 « Igrejas, de os danos que delle se
 « podem seguir ás almas, accitei
 « com grande gosto o que, para bem
 « deste negocio, me era mandado :
 « como quem, achando-se o anno pas-
 « sado em Roma ; não receou repre-
 « sentar a Sua Santidade huma, e
 « muitas vezes estes prejuizos das al-

“mas. E se só com o impulso da
 “caridade Christã fui tão solícito do
 “que convinha ás Igrejas de Portu-
 “gal, com quanto mais esforço, ago-
 “ra que sou mandado a isto mesmo,
 “proseguirei empreza de tanta im-
 “portancia. Tenho por certo, que
 “he escusado encarecer mais esta ver-
 “dade. Presente he ao Embaixador
 “de Vossa Magestade, quanto em
 “París trabalhei para vencer as diffi-
 “culdades, que se offerecerão, e
 “quam sinceramente me houve nes-
 “tes particulares, com toda a verda-
 “de. Digo em poucas palavras, que
 “guardarei em tudo a inviolavel fé,
 “que devo a Vossa Magestade; e
 “que não perdoarei a cuidado algum,
 “ou trabalho, até que minha Embai-
 “xada obre o desejado effeito, e eu
 “faça notoria minha fidelidade, não
 “só com palavras, senão tambem com
 “obras. Parti de París a 6 deste mez,
 “para que com mais brevidade pos-
 “sa executar os mandados de Vossa
 “Magestade, que em Roma espero
 “receber. Sou, com tudo constrangi-

«do, para evitar os embaraços, com
 «que os Hespanhoes poderão procu-
 «rar impedir meu caminho, a fazer
 «mais larga jornada; passando com
 «a brevidade possível as altissimas
 «montanhas dos Grysões, esperando
 «ser em Roma pelo fim da Quares-
 «ma. O Author de todos os bens,
 «em cuja mão está o direito de to-
 «dos os Reinos, seja servido de fa-
 «vorecer aos dezejos de Vossa Ma-
 «gestade, para que o fructo, que es-
 «pera de minha diligencia, possa eu
 «com o favor, e virtude do mesmo
 «publicar para gloria sua, consola-
 «ção de Vossa Magestade, paz de
 «todo o Reino de Portugal, e bem
 «espiritual das almas. Escripta a 20
 «de Fevereiro de 1652.”

Satisfeito o Rei com esta nego-
 ciação, se persuadiu conseguir desta
 vez do Summo Pontifice o bem, que
 tanto dezejava para a Igreja de Por-
 tugal; porém não tendo nada effeito,
 ficou tudo no mesmo estado.

No primeiro de Janeiro morreo 1653
 D. Francisco de Castro, filho de D.

Alvaro de Castro, unico Vedor da Fazenda d'ElRei D. Sebastião, e seu Embaixador a diversas Côrtes da Europa, e de D. Anna de Atayde, neto do grande D. João de Castro, IV. Vice-Rei da India. Nasceo em Lisboa em 1574. Estudando em Coimbra, se graduou na Sagrada Theologia. Foi Reitor da mesma Universidade, Presidente do Tribunal da Méza da Consciencia, e Ordens. Depois passou a Bispo da Guarda, em que na confirmação de Paulo V. recebeu novos elogios a sua capacidade. Deste Bispo publicou as Constituições, para reforma dos vicios, e cultura das virtudes, sendo o Pai dos pobres, e o exemplar de todas as virtudes, que com edificação de todos praticava, macerando o seu corpo com jejuns, vigílias, e penitencias. Daquelle Bispo veio a Inquisidor-Geral destes Reinos; e nesta Dignidade jurou a ElRei D. João IV. a 15 de Dezembro de 1640, e foi premiado com a nomeação de Conselheiro d'Estado. O mesmo acto de fidelidade praticou

em Janeiro de 1641, jurando successor desta Monarquia o Principe D. Theodosio. Não obstante as suas virtudes, e a sua fidelidade, sendo suspeito de menos fiel á Patria, soffreo alguns tempos a prizão de hum carcere, até que, conhecida a sua innocencia, sahio solto a 5 de Fevereiro de 1643, e restituído aos seus lugares. Em 1646 jurou na Capella Real o Misterio da Purissima Conceição de Maria Santissima Nossa Senhora. Fundou a grande, e magnifica Capella de = Corpus Christi = no Convento de Bemfica da Ordem do meu Padre S. Domingos, e a Casa do Noviciado do mesmo Convento, deposito das cinzas de seus Grandes Ascendentes. Contando 79 annos de idade, acabou neste dia santamente a vida. Jaz sepultado no presbiterio da parte do Evangelho da mesma Capella que fundou.

A 15 de Maio deste mesmo anno morreo o Principe D. Theodosio. Nasceo este Senhor em Villa-Viçosa a 8 de Fevereiro de 1634. Teve por

Mestre D. Pedro Pueros, Cavalheiro Irlandez, que o instruiu nas Bellas Letras. Logo nos primeiros annos se applicou de tal sorte ás sciencias, que em breve sahio consummado nellas, fazendo os maiores progressos nas Mathematicas, explicando parte dos seis livros de Euclides conforme a expozição de Clavio a João Rodrigues de Sá, e João Nunes da Cunha, que com elle frequentarão o mesmo estudo da Filosofia, e Theologia. Era tal a sua memoria, que aos cinco annos repetia toda a Doutrina Christá, e Misterios da Fé, as Laldainhas dos Santos, e de Nossa Senhora, o Credo da Missa, Prefacio do Commum, Evangelho de S. João, e outras devotas orações da Igreja, sómente de as ouvir aos Sacerdotes no Sacrificio da Missa, e outras pessoas devotas em diversas occasiões. Aos sete annos rezava de memoria o Officio de Nossa Senhora, em cujo exercicio o acompanhou o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, todo o tempo que lhe assistio, como elle

mesmo diz no seu Portugal Restau-
rado. Tinha taes conhecimentos, que
admirou os mesmos Doutores das
Universidades, que o praticarão. Te-
ve toda a precisa instrução do Direi-
to Canonico, e Civil. Da Medicina,
e da Chimica teve bastante luz, dis-
putando com os maiores Medicos.
Soube perfeitamente a Historia, e
della extrahio todos os documentos,
para bem governar. Foi perito nas
Artes de Fortificação, e Pintura: em
fim era hum Principe Sabio, perfei-
to, completo, e virtuoso. Foi tão
grande a innocencia da sua vida, que
se affirma morrer com a graça ba-
ptismal. Tão inclinado á virtude da
esmola, que tudo quanto seus Pais
lhe davão mandava distribuir pelos
pobres, não reservando para si cou-
sa alguma. Principiava o dia com
santos exercicios, gastando muitas
horas na Oração. O seu maior gosto
era conversar com Varões Sabios, e
virtuosos, aos quaes pedia frequente-
mente, que lhe explicassem: = Que
cousa era Deos = recreando-se de

ouvir explicar suas infinitas perfeições, e attributos. Continuamente o andava louvando, repetindo muitas vezes. = Que Grande Deos temos! Que immensa formosura he a sua! = Todas as vezes, que o Relogio dava horas, fazia hum fervoroso acto de contrição; confessava-se quasi todos os dias, commungava todos os Domingos, e todas as Festas maiores do anno, tanto de Christo, Nossa Senhora, como dos Santos da sua devoção. Castigava asperamente o seu corpo com cilicios, disciplinas, e jejuns. Meditava de tal sorte nos Misterios da Payxão, com os braços estendidos em cruz, que muitas vezes ficava transportado. Rezava o Officio Divino, com toda a perfeição. Ouvia Missa com tanta devoção, que derramava copiosas lagrimas todo o tempo, que ella durava. Era tal a sua modestia, que, se acontecia alguma vez ouvir algumas palavras menos modestas, nunca mais tornava a conversar voluntariamente com aquella pessoa a quem as ouvia. Diz Jorge

Cardoso no seu Agiologio Lusitano, e o Conde da Ericeira no Portugal Restaurado, que o Principe D. Theodosio fizera treze confissões geraes, em menos de tres annos, sendo a ultima no principio da enfermidade. Foi este Senhor jurado Principe, e herdeiro deste Reino, a 28 de Janeiro de 1641. A 2 de Maio o nomeou ElRei, por huma Carta Patente, Coronel da Nobreza, com quatro Terços. Em 1645 por outra Carta Patente feita a 27 de Outubro, o declarou Principe do Brazil, e Duque de Bragança, fazendo-lhe doação de todo o Estado desta Casa, com todas as jurisdicções, rendas, e padroados, e datas que pertencião aos Duques de Bragança, na mesma forma das doações da Casa, pelas quaes elle a possuiria até o tempo, em que fôra restituído á Corôa destes Reinos, e que na mesma forma a possuiria o Principe, e passaria a todos os Principes herdeiros do Reino; ordenando, que em nenhum tempo se pudesse unir á Corôa, da qual totalmente a

separava; e que os Successores dos Reis deste Reino se chamariam Príncipes do Brazil, e Duques de Bragança; declarando, que no tempo, que faltasse Príncipe, os Reis governassem o Estado da Casa de Bragança, com a mesma divisão de Ministros do seu Tribunal, independente de todos os outros, na forma que nella se praticava. Foi este Príncipe ornado dos dons da natureza, e da graça. Estimava os Varões doutos, em qualquer Faculdade, ou Arte liberal: admitia os Sabios á sua presença, e os tratava com particular distinção, favorecendo-os, e premiando-os. Tão amigo dos Soldados, que sentia não vêr premiados todos os benemeritos; e quando foi a Elvas assás mostrou o seu amor para com elles, como fica dito. Partio para esta Cidade a 2 de Novembro de 1651, sem licença de seu Pai, acompanhado sómente de D. Luiz de Portugal, Conde de Vimioso, e João Nunes da Cunha seus Gentis-Homens da Camara. Entrando em Elvas, Andre de Albuquerque lhe

offereceo as chaves da Cidade, e montado o Principe a cavallo, debaixo de hum Pallio, o levou de redea D. João da Costa, que governava as Armas da Provincia na ausencia do Conde de S. Lourenço. Depois o seguiu com beneplacito d'ElRei a maior parte da Nobreza. De Elvas passou a Villa-Viçosa, e dahi a Lisboa nos fins de Dezembro do mesmo anno. Depois o nomeou ElRei Generalissimo das Armas de todo o Reino, ficando todos os postos Militares, e Consultas, que tocavão á guerra, ao seu arbitrio, com a mesma jurisdicção, e faculdade, que competia a ElRei, passando as Patentes em seu nome, cuja Patente foi passada em Lisboa a 25 de Janeiro de 1652: o que elle administrou com prudencia, e justiça. Amava de tal sorte o Povo, que muitas vezes repetia: « Que se não houvesse tempo de ver seus Vassallos livres das oppressões, que padecião, que não queria ser Rei de Portugal. » Por cujo motivo foi muito amado de todos. Desde

a idade de treze annos assistio no Conselho d'Estado; e sendo o seu voto sempre o mais seguro, era ouvido de todos como oráculo. Tanto confiava ElRei no seu talento, que nos maiores negocios em Conselho costumava dizer estas palavras: "Queiro ouvir o meu Salomão." Muitos dos seus votos se conservão de sua propria letra, como já vimos, quando tratamos dos Principes Pálarinos. Dizia muitas vezes: "Que o Rei havia de sentir, e chorar, que houvesse criminosos, e desaforados no seu Reino; mas que lhe não havia de faltar com o castigo, e pena; segundo as Leis, e Ordenaçõs delles; porque de outra sorte tomarião ousadia para fazerem muito peor."

Representando em huma occasião certa Dama ao Principe as suas afflições, e necessidades, elle se consternou tanto, que lhe arrebentárão as lagrimas, ao que ella disse: "Sinto muito, Senhor, ter dado a Vossa Alteza motivo de tanta dôr." O qual lhe respondeu: "Não poderei

« ser bom Rei, se meus olhos não
 « chorarem os apertos, e angustias
 « de meus Vassallos. » Tratando este
 Principe com tantas pessoas nunca
 consta, que escandalisasse alguém.
 Convalecendo de huma molestia, de
 que esteve gravemente enfermo, lhe
 perguntou o seu Capellão: = Se na
 força do mal sentia morrer? = Res-
 pondeo: « Que não; mas que tinha
 « grandissima desconsoiação, cuida-
 « que havia de apparecer ante a Divi-
 « na Magestade, sem lhe ter feito
 « nesta vida algum serviço conside-
 « ravel. » Enfermando gravemente,
 cahio de todo na cama em a Quinta
 de Alcantara aos 3 de Maio; acon-
 hecendo ser chegado o tempo de
 terminar seus dias, recebeu com to-
 da a edificação os Sacramentos no
 dia 9. Persuadindo-lhe alguns Reli-
 giosos, obrigados das lagrimas de seus
 Pais, que pedisse a Deus vida para
 a empregar no seu santo serviço, re-
 spondeo: « Que tal não faria; por-
 « que estava de toda o coração re-
 « signado na vontade Divina, e só

«desejava vêr-se na Gloria.” Voltan-
 do-se para seus Pais, lhes disse: «Que
 «se não entristecessem; porque esta-
 «va com grande confiança em Deos,
 «entendendo, que a sua morte con-
 «vinha para a sua salvação, e que
 «lhes promettia ser seu grande inter-
 «cessor, quando se visse na Patria
 «Celestial.” Vindo nesta occasião o
 Juiz do Povo visitallo, e representar
 da parte delle o seu sentimento, e o
 quanto fazia para impetrar do Céu a
 sua saude, lhe respondeo: «Dizei
 «ao meu Povo, que, se Deos me der
 «vida, toda hei de gastar em sua de-
 «fensa, senão, que melhor o defen-
 «derei lá no Céu.” Depois mandou:
 “Que se pedisse ao Reino perdão
 “dos defeitos do seu governo, e pe-
 “dido a ElRei, que se pagasse logo
 “os serviços dos seus criados, lem-
 “brando-lhe juntamente, que man-
 “dasse Pregadores Evangelicos ás
 “Conquistas; encomendou-lhe, que
 “o desempenhasse de hum voto, que
 “havia feito á Rainha Santa Iza-
 “bel, quando passou por Estremoz

de lhe levantar hum Templo, no
 “ lugar em que falleceo.” Dizendo-
 lhe hum Religiozo, que brevemente
 havia de fazer a infallivel jornada
 dos mortaes: respondeo rindo = Nun-
 ca entendi, que tanto se dilatasse. =
 Todo o tempo da molestia passou es-
 te Principe nos mais santos exerci-
 cios, até ao dia 15 de Maio, em
 que abraçado com a Imagem de hum
 Santo Christo na Cruz, dizendo: *Pre-
 be mihi cor tuum, et ego dabo tibi
 cor meum. Sicut desiderat cervus
 ad fontes aquarum; ita desiderat
 anima mea ad te, Deus:* expirou
 na dita Quinta de Alcantara, conta-
 do 19 annos 3 mezes, e 7 dias de
 idade. Foi sepultado no Real Mos-
 teiro de Belem. Era este Principe de
 estatura proporcionada, e de gentil
 presença, com o rosto branco, e co-
 rado, olhos, e cabellos negros, e o
 corpo robusto, antes de debilitado
 pelas molestias. Compoz varias Obras.

Depois da morte do Principe
 D. Theodosio, chamou ElRei Cór-
 tes a 22 de Outubro, para nella ser

Jurado successor destes Reinos seu filho o Principe D. Affonso: o que se fez com as ceremonias costumadas. Antes de se acabarem as Côrtes succedeo ElRei novo golpe, na morte da Infanta D. Joanna, sua filha mais velha a 17 de Novembro, que jaz sepultada no Real Mosteiro de Belem.

Resolutos, o Mestre de Campo General Francisco Barreto, e o General da Armada da Companhia do Commercio, Pedro Jaquez Magalhães, lançarem fora de Pernambuco os Holandezes; de que era Governador o General Segismundo, chamarão a Conselho ao Almirante da Armada Francisco de Brito Freire, aos tres Mestres de Campo, João Fernandes Vieira, André Vidal, e Francisco de Figueiroa, e a todos os Officiaes. Proposto por Francisco Barreto o estado da Guerra, assentaráo todos, apezar das nossas poucas forças, de os atacar. Recolheo-se á Armada Pedro Jaquez de Magalhães; e Francisco de Brito ficou em terra governando

a gente da Armada. Principiárão o sitio alojando-se junto ao Forte de Salinas, o Mestre de Campo Andre Vidal, e na mesma distancia do forte João Fernandes Vieira, e Henrique Dias. Ao amanhecer o dia 15 1654 de Janeiro, começou a jogar a nossa artilharia, e mosquetaria contra o Forte do Rego, e foi respondido com multiplicado estrondo de artilharia dos fortes de Brum, do Mar de Altana, do Forte Velho, e Portas do Recife. Jugárão as batarias de huma, e outra parte até á tres horas da tarde, em que os Hollandezes desparárão mais de seiscentas balas de artilharia, em que ganhámos o Forte do Rego; o que custou a vida a cinco Soldados nossos, e quinze feridos. Sitiamos depois o Forte de Altana, e o conquistamos, capitulando da mesma sorte, que o do Rego, estando esta conquista a vida a quatro Soldados, dezeseis feridos, e morto o Alferes Jacome Rodriguez: no Forte achárão-se vinte Hollandezes mortos, e outros tantos feridos.

Achárão-se neste Forte nove peças de artilharia de bronze, e huma de ferro, e ficava exposta ás suas batarias a Praça do Recife; e depois deste apertado sitio se renderão os Hollandezes, capitulando-se com o General Segismundo, assignando-se as capitulações no dia 26 de Janeiro. Entrou na Praça do Recife Francisco Barreto; e os Mestres de Campo, achando nella, e nos Fortes cento e vinte e três peças de artilharia de bronze, cento e setenta de ferro, munições, e mantimentos para mais de humano, e grande quantidade de outros instrumentos, e massame para o apparelho dos nayios.

Na Paraiba, Rio Grande, e em todas as mais Fortalezas occupadas pelos Hollandezes, não houve difficuldade, nem foi necessaria mais diligencia, que a de lhes mandar guarnição; porque todos os Hollandezes dos Presídios, só com esta noticia, se embarcárão para Hollanda. Esta nova eubhedo de gloria a Francisco Barreto, vendo que sem obstaculo ficava

toda aquella Provincia do Estado do Brazil livre das poderosas mãos dos Hollandezes, que dominarão pelo espaço de trinta annos, principiando em 1624, em que tomáráo a Bahia.

Aqui se devem render louvores ao patriotismo de João Fernandes Vieira, que, pelas suas primeiras acções, he tido como a pedra fundamental deste edificio. Andre Vidal he tambem digno de grande louvor, por sustentar valorosamente a guerra, a que João Fernandes deu principio, acompanhado do Mestre de Campo Martim Soares Moreno, depois o Mestre de Campo Francisco de Figueiroa, e Henrique Dias. Tendo huma particular gloria nesta empreza Francisco Barreto, e Pedro Jaquez de Magalhães.

Sucedeo a Restauração de Pernambuco oito dias depois de haver tomado posse na Bahia do Governo do Estado do Brazil D. Jeronymo de Attayde, Conde de Atouguia, que succedeo ao Conde de Castello Melhor; e com esta grande fortuna deo

principio ao seu feliz governo, tão decantado em toda aquella parte de America.

Francisco Barreto mandou dar a ElRei esta noticia pelo Mestre de Campo Andre Vidal, a qual chegou a Lisboa a 19 de Março, dia, em que ElRei festejava os seus annos; o que foi muito applaudido da Côrte, e de todo o Reino. ElRei fez grandes mercês aos que tiverão parte neste successo glorioso; e a João Fernandes Vieira nomeou Conselheiro de Guerra, e lhe deo a futura successão do Governo de Angola.

1655 A 16 de Dezembro falleceo Manoel Severim de Faria. Nasceo na Cidade de Lisboa, filho de Gaspar Gil Severim, Escrivão da Fazenda, e de D. Juliana de Faria sua Prima., e segunda mulher. Educado na Casa de seu tio Balthazar de Faria Severim, Conego, e Chantre da Cathedral d'Evora, frequentou a Universidade da mesma Metropole, onde fez taes progressos, que se doutorou em Theologia. Recolhido seu Tio

ao Claustro da Cartuxa, com o nome de D. Basilio de Faria, renunciou nelle a Conezia, de que tomou posse a 8 de Maio de 1608, e do Chantado a 16 de Setembro de 1609; seguindo em tudo os passos de seu Tio, tanto na assistencia do côro, como na profusão das esmolas, em que consumia a maior parte da sua renda. Fez huma excellente Livraria, pela qualidade, e raridade, constando de Livros rarissimos, entre os quaes se distinguão as obras do Infante D. Pedro, filho d'ElRei D. João I., impressos seis annos, depois de inventada a impressão em Basilea: a Chronica de D. Affonso Henriques da letra original do grande Andre de Resende, mais copiosa, que a de Duarte Galvão: as Obras do insigne Fr. Luiz de Granada na Lingoa Japoneza: hum Volume escripto no antigo papyro do Egypto: outro em folhas de palma, e abertos com estylo de ferro os caracteres: muitos Volumes na Lingoa Chinense, com preciosas encadernações de varias sedas, e bro-

churas de admiravel artificio. Esta Livraria estava patente a todos os que della se querião aproveitar. Ordenou tambem hum Museo, composto de Estatuas, Vasos, Medalhas, e Moedas Gregas, e Romanas, como tambem Principes Godos, e Reis Portuguezes, entre as quaes merecião particular estimação huma de prata em que estava gravado Sertorio com a Cerva; outra de ouro com a effigie d'ElRei Wamba; e outra do mesmo metal do Martyr S. Hermenigildo. Investigou com grande trabalho diversos Archivos, e Cartorios, donde extrahio aquellas noticias, que o fazem o mais celebrado Antiquario do seu tempo. Por eleição do seu Cabido foi nomeado a 18 de Dezembro de 1634, juntamente com o Deão Fernando de Mello, para cumprir a Duqueza de Mantua D. Margarida de Austria, quando passou por Evora para Lisboa a governar este Reino. Opprimido com o pezo dos annos, e das molestias renunciou as duas Prebendas, que pos-

sua na Cathedral d'Evora em seu Sobrinho Manoel de Faria Severim, romando posse da Conesia a 4 de Abril de 1633, e do Chantrado a 19 de Março de 1642. Concorreo com grande liberalidade para a fundação do Collegio dos Meninos Orfãos de Evora, instituido por seu Sobrinho Manoel de Faria Severim. Conhecendo ser mortal a sua ultima enfermidade, ordenou o seu Testamento, que lhe escreveo a 27 de Agosto o Doutor João da Costa Pimenta, Duzembargador da Relação, e Reitor do Collegio da Madre de Deos. Recebidos os Sacramentos com summa devoção, espirou na Cidade d'Evora, quando contava setenta e dois annos de idade no dito dia. O seu cadaver, acompanhado das Communidades Religiozas, Clero, e Confrarias da Cidade, Nobreza, e Povo, foi conduzido ao Convento da Cartuxa, onde, em hum angulo do Cemiterio, se lhe deo sepultura. Sobre a campa estão abertas as Armas dos Severins, e Farias, com a seguinte inscripção :

« Manoel Severim de Faria ;
 « Chantre, e Conego da Sé d'Evora,
 « elegeo para si esta sepultura assim
 « por sua devoção, como por estar
 « nella o Corpo do P. D. Basileo de
 « Faria seu tio, que falleceo sendo
 « Prior deste Convento a 5 de Abril
 « de 1625. »

Foi Manoel Severim de Faria de boa estatura, muito corpulento, olhos azues, naturalmente descorado, mas de agradavel presença. O nome deste insigne Varão he celebrado pelos mais famosos Escriptores, fazendo-lhe todos os devidos elogios; merecendo honrosa memoria pelo zelo, com que procurou as Memorias da sua patria. Compoz muitas, e excellentes obras, entre ellas tem hum distinto lugar: Discursos varios politicos: Promptuario espirital: Noticias de Portugal. Contém oito Discursos, I, dos meios, com que Portugal póde crescer em grande número de gente, para augmento da Milicia, Agricultura, e Navegação.

II. Sobre a ordem da Milicia, que antigamente havia em Portugal, e das forças militares, que hoje tem para se conservar, e ficar superior a seus contrarios. III. Da Nobreza das Familias de Portugal, com a noticia de sua antiguidade, origem dos Apellidos, e razão dos Brazões das Armas de cada huma. IV. Sobre as moedas de Portugal. V. Sobre as Universidades de Hespanha. VI. Sobre a propagação do Evangelho nas Provincias de Guiné. VII. Sobre as causas de muitos naufragios, que fazem os navios da carreira da India, pela grandeza delles. VIII. Sobre a peregrinação, onde se vê a noticia de alguns Cardeaes Portuguezes, e elogios de alguns Portuguezes insignes. Esta Obra, depois de impressa em 1655, sahio segunda vez addicionada por D. José Barbosa, Clerigo Regular, e Chronista da Serenissima Casa de Bragança, com a vida do Author impressa no principio desta addição em 1740.

Costumava ElRei D. João IV.

1656 sahir hum dia na semana á sua Quinta da Tapada de Alcantara a recrear o seu espirito. No dia 25 de Outubro, achando-se nesta Quinta, teve de voltar ao Paço antes do meio dia, por causa de huma dôr, que sentio em huma ilharga: applicárão-se logo todos os remedios; porém o mal foi crescendo, que era huma supressão de ourinas; e passados seis dias de molestia, em que já parecia ter algumas melhoras, entrando no seu aposento o Secretario d'Estado Pedro Vieira da Silva a fallar-lhe em algumas coisas de importancia, lhe disse ElRei, que o de que primeiro queria tratar era de fazer o seu Testamento. Pertendeo o Secretario animallo, dizendo-lhe, que não estava o mal em estado de ser necessario tratar da morte, que ainda havia de ter vida, que tão precisa era para o bem de seus Reinos: ao que ElRei respondeo: « Que o dispôr para a morte não prejudicava a vida; e « que Deos lhe era testemunha, que « elle lhe não pedia a vida, senão o

“que mais conviesse para a sua salvação.” O Secretario obedeceo com lagrimas. Pedio EIRei humga gaveta, em que tinha o Testamento, que fizera em Salvaterra, em outra igual doença; e depois de communicar com o seu Confessor algumas cousas de consciencia, chamou o Secretario, e lhe declarou o que determinava sustentar, ou alterar do primeiro Testamento. Nesse mesmo dia ás 5 horas da tarde veio o Sagrado Viatico da Freguezia de S. Julião, conduzido pelo Bispo Capellão-Mór, D. Manoel da Cunha, assistido da Rainha, Principe, e Infantes.

Chegou o Capellão-Mór junto ao leito, e perguntando se queria Sua Magestade receber o Corpo de Christo por Viatico? Respondeo que sim. E tomando a perguntar-lhe, se tinha alguma cousa de que se reconciliar, disse, que estava quieto em sua consciencia. Depois da confissão seguiu-se o acto da protestaçaõ da Fé; a qual lida pelo Capellão-Mór, foi EIRei repetindo em voz clara todas as

palavras della, mostrando em alguns pontos particular devoção, como foi na expressão do Sacramento da Eucharistia, na obediencia ao Papa como successor de S. Pedro, Vigario de Christo, e Cabeça da Igreja; e pelo muito, que era devoto do Misterio da Conceição, quando chegou ao artigo, que falla do peccado original, pondo os olhos em huma Imagem da mesma Senhora, que tinha a ilharga do leito, chorou. Offerecendo no fim o Bispo Capellão-Mór a ElRei o livro para confirmar com a acção da mão o que tinha pronunciado, ElRei lhe tomou o mesmo livro com ambas as mãos, e com summa reverencia; e ternura o beijou; dando muitas graças a Deos, e pedindo a todos-lhas dessem por elle, não só por ser criado no gremio da Igreja; e com a verdadeira Doutrina do que devia seguir; mas também porque nem na materia da Fé, nem em nenhuma das proposições, que tinha protestado, nunca tivera a menor duvida; depois que se entendia,

nem deixara sempre interiormente de
 estar disposto a dar a vida por qual-
 quer dellas. Tornando a beijar o li-
 vro, e dando-o ao Capellão-Mór, li-
 das outras orações, recebeu com to-
 da a ternura, e devoção o Sagrado
 Viatico. Depois de hum grande es-
 paço de devota oração, chamou ao
 Capellão-Mór, e lhe disse que esta-
 va resignado na vontade de Deos, e
 lhe não pedia mais vida, que a que
 fosse necessaria para salvação de sua
 alma; e que, na certeza de que se
 achava nos ultimos termos da sua vi-
 da, lhe pedia declarasse a todos os seus
 Vassallos: « Que em todo o tempo
 « do seu governo tivera sempre ten-
 « ção de orar o que lhe parecera mais
 « conveniente ao serviço de Deos, e
 « conservação do seu Reino. Que nas
 « materias Ecclesiasticas procurara
 « sempre seguir as opiniões das pes-
 « soas de letras de maior virtude, e
 « que, para justificação desta verdade,
 « deixava entregue ao Capellão-Mór
 « todos os papeis pertencentes a estas
 « materias. » Depois disto chamou o

Duque de Cadaval; e abraçando-o lhe deu os documentos, que devia seguir; repetindo-lhe as obrigações, que devia ao Marquez seu Pai, e á Marqueza sua Mãi, a quem lhe recommendava, que assistisse com muito respeito; e que á Rainha, e Príncipe não tinha que o deixar recommendado, pois lhe devião as mesmas obrigações, nem a elle as de obediencia, e zelo do que fosse conveniente ao Reino. O Duque assegurou a ElRei o que lhe encommendava com as repetidas provas, que os da sua Casa sempre derão de leaes Vassallos. Pedio, que lhe trouxessem o seu Testamento, que o queria approvar. Feita esta diligencia, mandou entrar os Conselheiros d'Estado, Presidentes dos Tribunaes, e mais Ministros, e depois de pedir a todos perdão de algum escandalo seu, que tivessem recebido, declarou: « Que Deos lhe
 « havia feito mercê de lhe dar ani-
 « mo para perdoar huma offença,
 « que havia tido de alguns de seus
 « Vassallos, por lhe constar persua-

« mirão, que elle por attrecrescentar the
 « souros, devertira os cabedaes da
 « Corôa, que isto procedera dá re-
 « gularidade, com que sempre ajus-
 « tara as despezas pelas receitas; e
 « que a morte, que costuma desco-
 « brir os segredos da vida, faria ma-
 « nifestar esta certeza. Que sobre tu-
 « do lhe encomendava muito a união,
 « e obediencia á Rainha, que erão
 « os unicos meios da conservação do
 « Reino.” Todos lhe beijarão a mão
 banhados em lagrimas; e quando
 chegarão o Camareiro-Mór Luiz de
 Mello, e Gaspar de Faria Severim;
 Secretario das Mercês, agradeceo a
 cada hum em particular o bem, que
 havião servido. Passou ElRei a noute
 em continuos colloquios com huma
 Imagem da Conceição, que tinha á
 cabeceira, de que era devotissimo,
 até que na manhã seguinte fez mais
 alguns apontamentos, e dispozições
 concernentes ao Culto Divino na sua
 Capella, e fallando nella ao seu Ca-
 pellão-Mór; lhe dissé: « Não quiz
 « Deos, que acabasse a Capella: E

«pareço-me, que me fez nisto mer-
 «cê; porque se a acabara, pudera
 «ter vangloria do que fizesse; mas
 «não a acabando, aceitará Nosso Se-
 «nhor a vontade, que tive de o ser-
 «vir, sem eu ter a vangloria de o
 «ter feito.

Na manhã seguinte vendo El-
 Rei, que crescia a febre, mandou cha-
 mar a Rainha, o Príncipe, e Infan-
 tes, e depois de abraçar a todos,
 lhes disse, que, dezejando seguir, e
 imitar a vida, e morte do verdadei-
 ro Mestre Jesus Christo, lhes dizia,
 o que elle na Cruz recommendara a
 sua Mãi Maria Santissima, e a seu
 Discipulo S. João; e continuou com
 estas palavras: «A Rainha encom-
 «mendo creie ao Príncipe como a fi-
 «lhô de ambos, e fio della o fará
 «muito como convem; e ao Princi-
 «pe mando respeite sempre a sua
 «Mãi, e em tudo lhe dedique a obe-
 «diencia, que lhe deve como seu fi-
 «lho.»

E pegando na mão do Princi-
 pe, e na do Infante, disse a estes

« Pedro , não sabes o que perdes : a
 « ambos encommendo, que trateis sem-
 « pre de ser muito zelosos da Reli-
 « gião Catholica , muito obedientes
 « a vossa Mãi, muito amigos, e uni-
 « dos, e conformes; porque este he
 « o unico caminho de vos conservar-
 « des, e ao Reino em paz, união, e
 « justiça.” A Rainha banhada em
 lagrimas retirou seus filhos, por lhe
 não aggravar mais a molestia. Reco-
 lhida a Rainha, mandou chamar o
 Cabido da Sé, e o Senado da Cama-
 ra. Chegou primeiro o Cabido, re-
 representado nas pessoas do Deão An-
 dre Furtado, do Chantre D. Rodri-
 go da Cunha, e dos Conegos Nuno
 da Cunha d’Eça, e D. Luiz da Ga-
 ma. Depois d’ElRei lhe agradecer as
 demonstrações, que tinham feito por
 sua saude: « Lhes encommendou o
 « zelo do Culto Divino, visitas dos
 « Ecclesiasticos, reformação dos cos-
 « tumes, e união dos votos: porque
 « considerando, que com a sua falta
 « poderia ser maior a liberdade, se-
 « ria preciso, que fossem duplicadas

« as prevenções.” Os Capitulares lhe responderão encarecendo os favores de Sua Magestade, a esperança da sua vida, e a satisfação do que lhes ordenara.

Depois de fallar ao Cabido, entrou o Senado da Camara, de que era Presidente D. João de Sousa da Silveira, Vereadores, Procurador, Misteres, e Juiz do Povo: ElRei esforçando a voz já debilitada: « Si-
 « gnificou o grande dezejo, que sem-
 « pre tivera de administrar justiça,
 « e de que o governo de Lisboa fos-
 « se, como cabeça do Reino, o me-
 « lhor regulado, para que deste exem-
 « plar sahisses todos os effeitos, que
 « sempre trabalhara correspondessem
 « ás disposições. Que era tempo de
 « lhe pagar o Povo o amor, que sem-
 « pre lhe tivera; e que na certeza de
 « que havia de acabar a vida muito
 « de pressa, rogava a todos, que, não
 « faltando ao agradecimento que lhe
 « devião, não diminuisses o zelo de
 « administrar justiça, nem o amor
 « da conservação do Reino. Que lhes

«entregava a Rainha, Principe, e
« Infantes, para que os servissem, e
« guardassem da industria, e poder
« de seus inimigos.»

O Presidente a penas pôde responder com poucas palavras debulhado em lagrimas, certificando a ElRei do amor, e fidelidade de todos os seus Vassallos.

Não se esqueceo ElRei de falar ao Juiz do Povo, e ao seu Escrivão, que estavam de joelhos para os pés da cama; e dando-lhes a mão com grande benignidade lhes disse:
« Meu Juiz do Povo, meus homens
« bons, bem conheco o muito, que
« me amais, e todo este Povo, e
« que sois muito sollicitos em meu
« serviço, e zelosos do bem com-
« mum. Eu tambem me alegrava mui-
« to todas as vezes, que vos via, as-
« sim como a vossos antecessores, e
« Homens do Povo, porque tenho
« de vós outros grande satisfação.
« Eu estou muito conforme com a
« vontade de Deos neste estado. Ahi
« vos fica a Rainha, e meus filhos;

«encommendo-vo-los muito, e fio
 «de vós, e do amor que me tendes,
 «tratareis muito de sua conservação,
 «e serviço, e da quietação de todos
 «como fieis Vassallos.»

O Juiz do Povo derramando mui-
 tas lagrimas lhe referio o sentimen-
 to, que o Povo tinha da sua doença;
 e o muito, que o amava, e concluiu
 dizendo: = Rei, e Senhor, se Deos
 for servido levar para si a Vossa Ma-
 gestade, nós ficamos mui desampara-
 dos. = Ao que ElRei lhe replicou:
 «Não ficareis, não ficareis: que fi-
 «cades bem encommendados. E levan-
 «do-me meu Senhor Jesus Christo á
 «gloria, como confio nos mereci-
 «mentos de seu precioso sangue,
 «lá rogarei por vós, e por esta Mo-
 «narquia.» Beijarão outra vez a mão
 a ElRei, e sahirão todos tristes, e
 magoados.

Deo também ElRei ordem, para
 que lhe chamassem os Condes de Vi-
 mioso, de S. João, S. Lourenço,
 Castello-Melhor, e Ruy Fernandes
 de Almada, prezos pela infeliz pen-

dencia do jogo da pella, em que foi morto D. Luiz de Portugal, Conde de Vimioso, e ferido o Conde de S. João seu conhado; e porque as partes não havião cedido ao perdão da morte do Conde, estavam todos em varias prisões: Chegáão á presença d'ElRei, menos o Conde de S. João, que se dilatou por estar preso na Torre velha. Logo que ElRei os vio, os chamou ao seu leito, e com semblante sereno lhes disse: «Que se havia sentido muito o tempo, que se havião faltado da sua presença, e a causa desta separação; porém que se não queria acabar a vida sem os ver, e os deixar amigos: que os havia mandado chamar, para conseguir hum, e outro effeito; e para que tomassem nelle exemplo do quanto convinha perdoar agravos, se protestava que morria sem odio, e nem querer satisfação alguma de seus inimigos, que por muitas vezes, como era notorio, o havião mandado matar: e que além desta obrigação catholica, os devia conven-

«cer, quanto necessitava o Reino com
 «a falta de união de todos os seus
 «Vassallos para a defesa de seus fi-
 «elhos, e conservação da Corôa de
 «seus Descendentes.” O Conde de
 Vimioso disse a ElRei, que perdoa-
 va a todos, que tinham concorrido
 para a morte de seu irmão: o que
 ElRei agradeceu. Chegando depois
 o Conde de S. João, ElRei lhe re-
 petio tudo o que ficava dito diante
 dos outros, ao que o Conde respon-
 deo: = Que não era elle hum Vas-
 sallo, que deixasse de obedecer a S.
 M. para tão justo, e necessario fim,
 como o que lhe propunha da conser-
 vação do Reino. = Continuou ElRei
 dizendo: «Dou muitas graças a Deos
 «que á imitação de Christo posso di-
 «zer-vos na ultima hora: *Pacem re-*
 «*linquo vobis, pacem meam do vo-*
 «*bis*: eu vos dou paz, eu vos deixo
 «em paz, eu vos rogo não queiraes
 «ir contra esta minha vontade, pois
 «he tão conveniente para vossa quie-
 «tação, e do Reino. E para que eu
 «nesta parte vá consolado, me ha-

“veis de prometter de serdes amigos.” Todos assim o prometterão, estando presente a Rainha, e beijando-lhe a mão sahirão compungidos de tão edificante acção.

Mandou tambem chamar a D. Rodrigo de Menezes, Regedor das Justiças: e agradecendo-lhe o bem, que exercitava aquella occupação, lhe encommendou dissesse da sua parte aos Desembargadores: “Que lhes lembrava quanto, em todo o tempo que reinara, tratara da subsistencia da justiça; e que assim lhes encommendava, que não faltassem á observancia della: porque sendo hum dos attributos Divinos, era hum dos principaes fundamentos da conservação das Monarchias.” D. Rodrigo só pôde responder a esta pratica com as suas lagrimas. Persuadido ElRei ter satisfeito a tudo o que convinha para o governo do Reino futuro, que deixava, se entregou de todo ao que pertencia ao eterno. Mandou chamar a Fr. Domingos de Santo Thomaz, e Fr. Martinho

da Fonseca, Mestres em Theologia ; da Ordem do meu Padre S. Domingos, e seus Prégadores ; e depois de lhes communicar materias muito importantes á sua consciencia, lhes disse : “ Que com toda a verdade affirmava, que, ainda que sempre mostrava grande inclinação á justiça ; e aos Ministros , que a guardavão, que não se lembrava, que executasse acção alguma de justiça, entendendo que a encontrava ; porém que este zelo, e ainda outras virtudes muito menores, bem sabia, que procedião da Divina Misericordia ; pois em si não podia ter mais que defeitos : ” o que tudo admirou a estes Religiozos. Erão muitas as rogativas, que de continuo se fazião á Deos, pela saude d’ElRei, e numerosas as procissões de penitencia com devotissimas Imagens. Entre ellas meêce particular menção a dos meus Religiozos da Provincia d’Arrabida. Esta devota, e edificante procissão, depois de haver entrado na capella, onde rezárão huma devotissima La-

dainha, e tomarão huma disciplina, que, como diz certo Escriptor daquelle tempo, mais parecia cruel, do que aspera, entoárão na Camara d'ElRei (que os mandou chamar á sua presença pelo muito amor, que nos tinha) no seu tom capucho algumas preces, que ElRei folgou muito de ouvir, advertindo, ainda naquelle estado, que guardavão regras da Musica, e disse ao Camareiro-Mór: "Que não ouvira, havia muitos tempos; cousa, que tanto o deleitasse, nem trouxesse á memoria a harmonia, e consonancia, que iria no Céo." Depois lhe fallou Fr. Innocencio, a quem ElRei lançou os braços ao pescoço. E querendo este Religiozo animallo com os seus annos, e com esperanças de Deos lhe dar saude, lhe disse ElRei: "Rogai a Deos, que em mim se cumpra sua Divina vontade." E beijando ElRei a Reliquia se recolheo a procissão. Chegando D. Miguel de Almeida, este venerável velho coberto de cans, carregado de annos, e banha-

do de lagrimas, a despedir-se d'ElRei, disse: "He possivel meu Rei, e meu "Senhor, que ides vós de tão poucos annos, e que fico eu de noventa!" ElRei lançando-lhe os braços ao pescoso lhe disse: "Vou com "grande descanso, porque vos deixo "para assistirdes á Rainha, e a meus "filhos." No Domingo pela manhã onzeno da doença lhe perguntou o Bispo Capellão-Mór, se queria receber o Sacramento da Unção, a que respondeo, que de muito boa vontade. Dilatando-se algum espaço a preparação para receber este Sacramento, disse ElRei ao Camareiro-Mór, que queria que o ungissem: advertio-lhe elle, que já Sua Magestade o tinha dito; respondeo: "Quando mo "perguntarão, satisfiz a proposta; e "agora quero mostrar, que eu peço e dezejo este Sacramento, para "bem de minha alma." Ministrou-lhe o Capellão-Mór este Sacramento, e o recebeu com profunda devoção. Depois de Ungido, tornou-se a reconciliar, disse o Confessor Missa,

e commungou segunda vez por devoção com muitas lagrimas, todo abrazado no amor Divino. Repetio, e ouvio repetir muitas orações; e na segunda feira 6 de Novembro perto do meio dia, no meio das suas maiores agonias disse por duas vezes em voz clara, e intelligivel, pondo os olhos em huma Imagem de Nossa Senhora da Conceição, a que chamava sua Companheira, porque sempre a tinha a ilharga da cama. = Virgem da Conceição, valei-me: Virgem da Conceição acodi-me. = Logo o Camareiro-Mór lhe meteo a véla na mão; e rezando-se o officio da agonia espirou com huma convulsão de nervos, contando cincoenta e dois annos, sete mezes, e dezoito dias, dos quaes foi vinte e seis Duque de Barcellos, dez de Bregança, dezeses menos vinte e quatro dias Rei de Portugal. O Conde Camareiro-Mór lhe cerrou os olhos; e depois de o encommendarem a Deos todos os que estavam presentes lhe beijarão a mão. Nessa tarde se ajuntarão no

Paço os Conselheiros d'Estado; alguns Titulos, e Officiaes da Casa: em presença de todos abriu o Secretario d'Estado o Testamento d'El-Rei, e se achou, que deixava nomeada a Rainha D. Luiza por Tutora, e Curadora de seus filhos, Regente, e Governadora do Reino: ordenava que se acabasse a Capella Real: que se proseguisse, e aperfeiçoasse o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra: que se repartissem vinte mil cruzados de esmolas pelos Mosteiros pobres: que sepultassem o seu corpo na Capella-Mór, no Mosteiro de S. Vicente de Fora (e foi o primeiro que se enterrou neste Mosteiro) que se dissessem com a brevidade possível o número de Missas, que, depois de cem mil, a Rainha achasse, que era conveniente; e que se instituíssem quatro Missas quotidianas. Os Povos sentirão em extremo a morte deste bom Soberano. Foi ElRei D. João IV. de meãa estatura, muito gentil antes das bexigas, que lhe mudarão o primeiro semblante, cabello

louro, olhos azuis, alegres, agradaveis, a barba mais clara, que o cabello, o corpo grosso, e robusto. Foi este Monarca, como dizem os Escriptores, vencedor na Europa, defendeo-se em Africa, pelejou na Azia, e triumphou na America. Inclinado á caça, e á Musica, não deixou de ser muito zeloso do Culto Divino. Tão amante de Deos, e devoto do Santissimo Sacramento, que nunca o nomeava sem grande reverencia. Ao Mysterio da Conceição consagrou o mais particular affecto, e devoção, como já vimos.

Creou de novo diversos Titulos, e renovou outros em pessoas da mesma familia.

Ao Principe D. Theodosio herdeiro do Reino ordenou por huma Carta Patente, se chamasse Principe do Brazil, e Duque de Bragança, a 27 de Outubro de 1645.

Ao Infante D. Pedro seu filho fez doação da Cidade de Béja com o titulo de Duque, renovando esta Dignidade, que tivera ElRei D. Ma-

noel antes de ser Rei, por mercê de ElRei D. João II. Foi passada a doação em Lisboa a 11 de Agosto de 1654.

A D. Nuno Alvares Pereira de Mello, quarto Marquez de Ferreira, quinto Conde de Tentugal, creou Duque de Cadaval. Foi passada a Carta a 18 de Julho de 1648.

A D. Affonso de Portugal, Conde de Vimioso, fez Marquez de Aguiar a 8 de Setembro de 1643.

A D. Alvaro Pires de Castro, VI. Conde de Monsanto, creou Marquez de Cascaes a 19 de Novembro de 1645.

A D. Vasco Luiz da Gama, V. Conde da Vidigueira, fez Marquez de Niza a 18 de Outubro de 1646.

A D. Francisco de Faro fez Conde de Odemira a 9 de Julho de 1646.

A Mathias de Albuquerque creou Conde de Alegrete no primeiro de Junho de 1644.

A D. Fernando de Mascarnhas creou Conde de Serem a 18 de Abril de 1643.

A D. Francisco de Sousa Conde de Prado a 17 de Março de 1644.

A D. Fernando de Menezes confirmou o titulo de Conde da Ericeira a 11 de Abril de 1646.

A Antonio Telles de Menezes creou Conde de Villa-Pouca de Aguiar a 5 de Agosto de 1647.

A D. Miguel de Almeida creou Conde de Abrantes, renovando este titulo, que já tiverão seus antepassados, passada a Carta a 12 de Novembro de 1645.

A D. João da Costa creou Conde de Soure a 15 de Outubro de 1652.

A Fernão Telles de Menezes creou Conde de Villar-Maior, a 29 de Agosto de 1652.

A D. Vasco Mascaranhas Conde de Obidos a 19 de Maio de 1646.

A D. Vasco Lobo, Barão de Alvito, creou Conde de Oriola a 19 de Dezembro de 1652.

A D. Antonio de Noronha

creou Conde de Villa-Verde a 10 de Dezembro de 1654.

A D. Pedro de Castello-Branco fez Visconde de Castello-Branco junto a Sacavem a 25 de Setembro de 1649.

A Thomé de Sousa fez Vedor da Fazenda por Carta de 12 de Janeiro de 1646.

Este Thomé de Sousa, quarto Avô do actual Excellentissimo Marquez de Borba, Fernando Maria de Sousa Coutinho, IV. Conde de Redondo, e hum dos Governadores do Reino, foi sexto filho de Fernão de Sousa, e de sua segunda mulher D. Maria de Castro, filha de D. Simão de Castro, Senhor de Reriz, Bemviver, e por falta de seus irmãos succedeo na Casa. Era hum delles D. Diogo de Sousa, Arcebispo d'Evora, de que fallaremos no anno da sua morte de 1678. Teve Thomé de Sousa cordial affecto á Casa Real de Bragança, a quem seu Pai servio até depois da morte da Senhora D. Catharina, assistindo na mesma Casa que

serviá, tendo a confiança dos maiores negocios; e no Cartorio desta Casa se conserva certa doação, feita pelo Duque o Senhor D. Theodosio I. em 20 de Junho de 1538; que assás prova tudo isto. No mesmo Cartorio existem conhecimentos legaes de donativos feitos tanto por Thomé de Sousa, como por seus Descendentes; á Casa Real: e he tradição constante, e muito respeitavel da mesma Casa, que Thomé de Sousa, depois de ter trabalhado o mais, que lhe foi possivel, na causa da Patria, sendo hum dos de maior influencia na restituição da Real Corôa ao Senhor Rei D. João IV., como temos visto, offerecêra toda a sua prata, ouro, e ricas preciosidades ao mesmo Senhor em huma rica Berlinda, que ainda hoje se conserva nas cocheiras Reaes; e he igualmente tradição, que em agradecimento, e memoria deste donativo, o Senhor Rei D. João IV. sahia todos os annos em dia do Corpo de Deos nesta Berlinda. Isto mesmo tenho ouvido

por vezes da boca do mesmo Excellentissimo Marquez de Borba. Sendo Thomé de Sousa herdeiro de immensas riquezas de seu Pai, por sua morte só restarão dividas a seu filho, de cujas dividas fazem menção os Alvarás, passados para as Commendas de Santa Maria de Gondar da Ordem de Christo, e de Santa Maria de Messejana da Ordem de S. Tiago; declarando, que primeiro se pagassem as dividas que ficárão; de cujos Alvarás ha copias legaes. Falleceo em Elvas a 19 de Novembro de 1648. Foi casado com D. Francisca de Menezes, filha de D. João de Castello-Branco, e de D. Cecilia de Menezes, filha de D. João Coutinho V. Conde de Redondo, por quem se deduzirão os direitos da Casa de Redondo, a D. Cecilia de Menezes de quem forão filhos, D. Francisco de Castello-Branco VIII. Conde de Redondo, e D. Francisca de Menezes, em quem recahiu o direito da Casa, de cujo matrimonio nascerão os seguintes filhos: Fernão de Sousa, Vedor dos Senho-

res Reis D. Affonso VI., D. Pedro II., e D. João V., que o creou I. Conde de Redondo nesta familia, de que lhe passou Carta a 2 de Março de 1707. D. João de Sousa, Arcebispo de Braga, e de Lisboa, de quem fallaremos em o anno da sua morte de 1710. D. Cecilia, e D. Maria de Menezes Religiozas do Mosteiro de Santa Martha.

Restituiu as rendas ao Mosteiro de Alcobaça, que estavam unidas a Abbadia Commendataria, tornando-as aos Monjes na mesma forma, em que lhas dera seu invicto Avô, e Predecessor D. Affonso Henriques, confirmando, e ratificando a Doação por Carta de 4 de Fevereiro de 1642.

Foi casado o Senhor Rei D. João IV. com a Rainha D. Luiza Francisca de Gusmão, de quem trataremos, quando chegarmos ao anno da sua morte.

Nascerão desta união o Principe D. Theodosio, de quem já tratamos:

A Senhora D. Anna; nasceo em

Villa-Viçosa a 21 de Janeiro de 1635, e falleceo no mesmo dia. Jaz no Mosteiro das Chagas da mesma Villa.

A Senhora Infanta D. Joanna : nasceo em Villa-Viçosa a 18 de Setembro de 1636 : falleceo a 17 de Novembro de 1653, e jaz no Real Mosteiro de Belém, juntamente com seus irmãos.

A Senhora D. Catharina : Rainha da Grã-Bretanha, de que faremos menção no Tomo V.

O Senhor D. Manoel : nasceo em Villa-Viçosa a 6 de Setembro de 1640, e falleceo no mesmo dia. Jaz no Mosteiro dos Eremitas de Santo Agostinho.

ElRei D. Affonso VI., de que vai a tratar o Capitulo II.

ElRei D. Pedro III., que occupará o Capitulo I. do Tomo V.

Teve fora do matrimonio a Senhora D. Maria, nascida a 31 de Abril de 1644, de huma Senhora limpa de sangue, que entrando depois no Convento de Chellas professou a vida Religioza. Educada em casa

do Secretario d'Estado Antonio de Cavide, entrou a 25 de Março de 1650 no Mosteiro de Santa Thereza de Jesus, das Carmelitas Descalças de Carnide, por ordem de ElRei seu Pai, a receber as instruções da Madre Michaella Margarida de Santa Anna, filha do Imperador Mathias, e Parenta do mesmo Senhor Rei D. João IV., Fundadora do dito Mosteiro de Carnide em 1642, sendo vinte e dois annos successivos Priora. Estimou ElRei muito esta filha, e que assás prova a seguinte Carta, que lhe escreveo antes de morrer :

« Minha filha, foi Deos servido,
 “ que a primeira vez que tendes car-
 “ ta minha, seja despedindo-me de
 “ vós, dando-vos a minha benção
 “ acompanhada de Deos, que fique
 “ com vosco, e lembrai-vos sempre
 “ de mim, como eu o fio de vós. Es-
 “ crita em Lisboa a 4 de Novembro
 “ de 1656. Vosso Pai, que fica com
 “ grande sentimento de vos não vêr.”

Rei.

Seu Pai no Testamento feito a 2 de Novembro declarando-a por filha lhe faz a mercê da Commenda maior de S. Tiago, e das Villas de Torres-Vedras, e Collares, e dos lugares de Azinhaga, e Cartaxo, que logo fez juntamente Villas com jurisdição á parte; e estas doações de juro, e herdade para sempre sujeitas á Lei Mental: e se no decurso do tempo houvesse dúvida, ordenava ao seu Successor, satisfizesse tudo em equivalente. Ordenava mais o darem-se-lhe cincoenta mil cruzados para compôr a sua Casa. O Senhor D. Afonso VI. confirmou a doação por hum Decreto de 18 de Novembro do mesmo anno; e o Senhor D. Pedro II., que muito a estimou, lhe escreveu de seu proprio punho nesta forma:

« Honrada D. Maria minha ir-
 « mã. Eu o Principe vos envio muito
 « saudar, como aquella que muito
 « amo, e prezo. A' Junta da Incon-
 « fidencia mandei ordenar, vos man-
 « dasse entregar todo o dinheiro,

“que da verba do Testamento d’El-
 “Rei meu Senhor, e Pai, que San-
 “ta Gloria haja, e declarações de
 “Antonio de Cavide constou vos to-
 “cava, e juntamente aquelles redi-
 “tos, do que estava dado a juro, e
 “de hum, e outro podeis dispôr co-
 “mo de cousa vossa; e porque te-
 “nho entendido, vos são necessarias
 “pessoas, que vos assistão assim den-
 “tro da Clausura, como fora della,
 “me mandareis declarar as que vos
 “faltão, para melhor conveniencia
 “do vosso serviço, assim das Reli-
 “gias, que dentro vos hão de as-
 “sistir, como das seculares cá defo-
 “ra, as quaes vos mandarei nomear
 “muito á vossa satisfação, e aprazi-
 “mento. Em Lisboa a 13 de Novem-
 “bro de 1677.”

Principe.

A Rainha D. Maria Francisca a
 foi visitar a Carnide, e lhe fez gran-
 des honras, merendando no seu apo-
 sento. A Côrte lhe dava o tratamen-
 to de Alteza. Viveo sempre neste

Mosteiro em Habito de Religioza ; ainda que era de materia mais fina. Propondo-se-lhe para Espozo o Duque de Cadaval cõm approvaçãõ Regia, respondeo: = Que não sahiria da Clausura senão em postas a tomar outro Espozo: que ella já tinha á muito tempo. = Rejeitou tambem ser Commendadeira de Santos, dizendo: = Que D. Maria Josefa de Santa Thereza não deixaria o Convento de Santa Thereza, nem depois de morta. = Suas rendas erãõ todas distribuidas pelos pobres. Principiou a Igreja de Santa Thereza das Carmelitas descalças de Carnide a 15 de Outubro de 1662, que se vio acabada a 15 de Outubro de 1668. Ornou-a de excellentes retabulos, ricas alfaias, e preciosa Custodia para expor o Santissimo Sacramento. Fez a Capella do Senhor dos Passos, mandou lavrar os dois côros das Religiozas, e outras obras mais, em que gastou acima de duzentos mil cruzados, e estabeleceo para seu fundo os redditos annuaes de quarenta mil cru-

zados; por cujo motivo veio a ser a Padroeira do Convento, por Escriitura pública de 15 de Outubro de 1685. No mesmo anno deo principio á fundação do Convento de S. João da Cruz dos Carmelitas Descalços do mesmo lugar de Carnide, de que se lançou a primeira pedra a 24 de Junho, com huma inscripção em latim, que dizia: ser a Fundadora daquelle Mosteiro D. Maria filha d'ElRei D. João IV., Rei de Portugal; reinando seu irmão ElRei D. Pedro II., no anno de 1685. Deixou no seu Testamento o Padroado destes dois Conventos, e outros muitos pios legados. Falleceo, recebendo todos os Sacramentos com summa edificação, a 7 de Fevereiro de 1693, quando contava quarenta e nove annos de idade, e quarenta e três de Clausura. Seu corpo jaz no côro debaixo em hum lavrado Mausoleo, com hum epitafio em latim, que declara ser filha do Senhor Rei D. João IV., que entrou de seis annos na Clausura, que foi a Fundadora daquelle Igreja, e

Côro para as Religiozas; e o día, mez, e anno da sua morte, acima dito. Por sua morte se recolheo El-Rei por cinco dias, e tomou luto de capa comprida por hum mez, e fez aviso á Côrte para praticar o mesmo. Ao seu enterro forão assistir alguns Cavalleiros d'Estado, e Titulos.

CAPITULO II.

Vida, e Acções do Senhor D. Affonso VI., e XXII. Rei de Portugal.

1656 **P**ELA morte do Senhor Rei D. João IV. ficou seu filho o Senhor D. Affonso, na idade de treze annos, Successor da Côroa de Portugal. Nasceo este Senhor a 21 de Agosto de 1643 em Lisboa, estando seu Pai em Evora. Foi baptisado a 13 de Setembro na Capella-Real pelo Bispo Capellão-Mór D. Manoel da Cunha, leva-

do á pia pelo Marquez de Ferreira ; Mordomo-Mór da Rainha, sendo Padrinho o Principe D. Theodosio. Nas Côrtes celebradas em Lisboa a 22 de Outubro de 1653 foi jurado Principe Herdeiro deste Reino. Destinou-se logo o dia 15 de Novembro para o Auto do levantamento, e juramento, que os Grandes, Seculares, e Ecclesiasticos, e mais pessoas lhe havião de fazer: o que se praticou ás tres horas da tarde. O Infante D. Pedro fez o officio de Condestavel com o estoque dezembainhado, e levantado em ambas as mãos, ajudando-o a sustentar Ruy de Moura Telles, Estribeiro-Mór da Rainha, por ser o Infante de oito annos. Antonio Telles de Menezes, Conde de Villa-Pouca de Aguiar, fez o officio de Alferes-Mór do Reino, levando a Bandeira. Depois d'ElRei estar sentado no throno, e todos os mais nos seus lugares, depois do mesmo Rei ter jurado, e promettido guardar os forros, costumes, privilegios, graças, liberdades, e franquezas, que pelos

Reis seus Predecessores forão concedidos, disse o Rei d'Armas de Portugal: = Manda ElRei Nosso Senhor, que neste acto venhão jurar, e beijar a mão os Grandes, Titulos, Seculares, e Ecclesiasticos, e mais pessoas da Nobreza, assim como se acharem, sem precedências, nem prejuizo do direito de algum. = O primeiro, que jurou, foi D. Miguel de Almeida. Conde de Abrantes, Mordomo-Mór da Rainha, Mãe d'El-Rei, em cujo nome fez o dito juramento, por virtude da carta do poder, e procuração da mesma Senhora, a qual foi lida em voz alta pelo Secretario d'Estado. Jurou em segundo lugar o Infante D. Pedro, como Infante, porque como Condestavel havia ser o ultimo. Seguirão-se depois os Duques, e todos os mais Senhores na forma do costume. Jurou em ultimo lugar o Secretario d'Estado Pedro Vieira da Silva. Acabado o acto, desceo ElRei do seu throno, com o Sceptro Real na mão, e foi á Capella, onde se cantou o *Te Deum*

Laudamus, com geral contentamento de seus Vassallos.

Ficando ElRei debaixo da Tutoria de sua Mãi, esta lhe deo o quarto, que havia sido do Principe D. Theodosio, continuando por Mestre d'ElRei, e de seu irmão o Infante D. Pedro, Nicoláo Monteiro, Prior de Cedofeita, depois Bispo do Porto; e para seu Ayo lhe nomeou D. Francisco de Faro, Conde de Odemira.

Chegando a Madrid a noticia da morte d'ElRei, foi excessivo o contentamento dos Castelhanos, e logo ElRei Filippe fez marchar para as fronteiras do Alemtéjo as suas tropas com mais calor. Despedio commissarios a levantar infantaria; mandou fazer nas fronteiras celleiros públicos de trigo; acceitou a offerta dos Grandes, que se obrigavão a conduzir a Badajoz grande número de cavallaria, e fez espalhar, que na seguinte Primavera partia a recuperar Portugal, pelos mesmos passos de seu Avô D. Filippe II., tudo fomen-

tado por D. Luiz de Haro. Chegando estas noticias ao Governador da Provincia do Alemtéjo, o Conde de Soure, este o participou á Rainha, para logo se cuidar na defensão do Reino. Sem demora se derão as precisas providencias, distribuindo a Rainha as ordens para levas, e remontas, e mandando dinheiro para as fortificações. O Conde de Soure, deixando o governo da Provincia a André de Albuquerque, chegou a Lisboa nos fins de Janeiro, onde foi bem recebido da Rainha, e de todos os mais Ministros, honras devidas á sua capacidade. Porém os seus achaques, e a falta de providencias, que lhe derão para defender o Alemtéjo, o obrigárão a não voltar, nomeando-se então em seu lugar o Conde de S. Lourenço. Nomeou tambem a Rainha a Manoel de Mello, Mestre de Campo, e Governador da Praça de Moura, Governador da Provincia do Alemtéjo; e a Affonso Furtado de Mendonça, Mestre de Campo, e Governador de Campo-Maior, Capitão-General da Artilharia.

1657

Nos principios de Abril partio o Conde de S. Lourenço para o Alem-téjo, e chegou a Elvas, onde foi muito bem recebido. André de Albuquerque lhe deo aviso de todas as prevenções dos Castelhanos, e do modo, com que o Duque de S. German se prevenia, tendo chegado a Badajoz nos principios de Janeiro, procurando com todo o cuidado a nossa ruina. Com effeito o Duque marchou com o seu exercito para Olivença a 12 de Abril, com pouco mais de seis mil infantes, e dois mil e quinhentos cavallos. Constava a guarnição de Olivença de quatro mil infantes, bastantes munições, e mantimentos para muitos mezes. Logo que o Conde de S. Lourenço teve a noticia de que os Castelhanos estavam sobre Olivença, mandou a Lisboa pela posta o General de Artilharia, Affonso Furtado de Mendonça, a dar parte á Rainhã. Depois voltou com a reposta dizer ao Conde, que ella lhe prometia todo o soccorro possivel: sahio o nosso exercito d'Elvas em odia de

Sabbado 28 de Abril, constando de dez mil infantes, dois mil de cavallo, quatorze peças de artilharia, e as mais munições precisas, indo a infantaria dividida em vinte batalhões, e em vinte e oito esquadrões a cavallaria. Erão Mestres de Campo dos Terços da Provincia, o Conde de S. João, o Conde da Torre, o Barão de Alvito, que succedeo no governo a Manoel de Mello, Simão Correa da Silva, Pedro de Mello, D. Manoel Henriques, Agostinho de Andrade Freire, João Leite de Oliveira, Diogo Sanches del Poço: de Lisboa o Conde de Miranda, e outros. Elegeo o Conde por Capitão da sua guarda a D. Luiz de Menezes. Marchou o exercito toda a noite; e ao Domingo, antes de amanhecer, se adiantou o Governador de cavallaria, Manoel de Mello, com dois mil cavallos, e mil mosqueteiros, a facilitar junto a Jerumenha a passagem do Guadiana, a quem seguio todo o exercito por huma ponte de barcas, que se formou sobre o

rio. Tanto que passou o exercito, occupou o sitio, que o Mestre de Campo General lhe destinou para se alojar. Ficou o quartel debaixo da artilharia de Jerumenha, com a frente em Olivença, e a retaguarda em Guadiana. O nosso exercito havia crescido em numero de doze mil infantas, e de dois mil e duzentos cavallos.

O Conde de S. Lourenço se resolveo a buscar os Castelhanos nos seus alojamentos; aquartelando o exercito no sitio da Atalaya de Castello-Velho, que distava dos quarteis pouco mais de tiro de mosquete; porém, não tendo isto effeito, marchou com o exercito a 4 de Maio, huma só legoa; e no dia seguinte ao amanhecer marchou em batalha, levando todo o corpo de cavallaria no lado direito da infantaria. Depois de intentarem tomar o Forte de S. Christovão por duas vezes, e não o conseguirem, marcharão a sitiár Badajoz.

Chegando a 15 de Maio á vista daquella Praça, mandou o Conde de

S. Lourenço conduzir d'Elvas toda a artilharia grossa , que era necessaria para dar principio ás batarias , e ao sitio. Demos hum assalto á Praça, porém com máo successo ; o que o Conde sentio assim pelas disposições, e circumstancias d'elle, como pelo desengano de se impossibilitar o soccorro de Olivença. Passou depois o Guadiana, e ficou alojado sobre o Rio Caia ; e no dia seguinte continuou a marcha para Jerumanha, só com o fundamento de animar ossitiados : a este tempo chegarão de Olivença as capitulações, que Manoel de Saldanha havia feito com o Duque de S. German, para a entrega desta Praça : o que se fez, sahindo livre a guarnição com armas, e bandeiras, os moradores com sua roupa, e mantimento, recebendo Manoel de Saldanha na Praça a 30 de Maio a guarnição Castelhana, sahindo elle com dois mil e trezentos infantes, e huma companhia de cavallos. Esta perda foi bem sensivel, e tão desagradavel ao Conde, á Rainha, e a

toda a Côrte, que se seguiu ser Manoel de Saldanha castigado com pena de degredo para a India por toda a vida.

Victorioso o Duque de S. German com a tomada da Praça de Olivença, depois de a deixar em estado de defesa, marchou com dez mil infantes, e quatro mil cavallos a sitiá-l-a Mourão, que ficava cinco legoas distante de Olivença, menos de hum de Monçaraz, interpondo-se á corrente do Guadiana entre as duas Praças em igual distancia de ambas. Chegou o Duque áquella Praça a 13 de Junho, onde governava o Capitão de Cavallos João Ferreira da Cunha. Não tinha Mourão mais defesa, que hum antigo, e pequeno Castello, em que só havia mantimentos, e munições para quatro mezes. Mostrá-l-rão os sitiados constancia, e valor na defesa da Praça; porém, não podendo resistir por mais tempo, entregá-l-rão o Castello no fim de seis dias de sitio, com honradas capitulações.

Perdidas as duas Praças de Olivença, e Mourão, nomêa a Rainha Tenente-General daquelle exercito a Joanne Mendes de Vasconcellos; a Andre de Albuquerque Mestre de Campo General, e ao Conde de S. Lourenço chama para lhe assistir ao Conselho. Chegando o Conde de S. Lourenço a Lisboa, parte Joanne Mendes de Vasconcellos para o Alem-têjo, com o Titulo de Tenente-Rei.

Apenas chega a pôr sitio á Praça de Mourão, acha a cavallaria inimiga repartida em varios troços, fazendo perdas consideraveis, e os paisanos nos campos d'Elvas, Villa-Viçosa, e Monçaraz, e o Duque de S. German reconhecendo com grande parte da cavallaria Campo-Maior, com o mesmo destino d'Olivença. Sahindo Joanne Mendes de Vasconcellos com o exercito d'Elvas a 22 de Outubro, constando de nove mil infantes, e dois mil e duzentos cavallos, e dez peças de artilharia, fez retirar para longe os inimigos, que se julgavão vencedores: distinguindo-se

muito neste encontro Andre de Albuquerque, João Vanichelli, D. João da Silva, D. Martinho Ribeira, José Pessanha, Fernão de Sousa Coutinho, e outros. Movendo-se Joanne Mendes de Vasconcellos com o grosso do exercito para o alojamento de Terena, em quanto D. Sancho Manoel com a vanguarda ganhava os postos sobre Mourão, conseguimos no quinto dia de sitio 28^o de Outubro capitular, e a entrega no dia 30. O exercito d'Elvas, e a Praça ficou entregue ao Mestre de Campo, Francisco Pacheco Mascaranhas, marchando para Lisboa Joanne Mendes de Vasconcellos a regular o plano da futura campanha, tendo deixado o exercito em quartéis de inverno.

Pouco tempo se dilatou Joanne Mendes de Vasconcellos em Lisboa, depois de ajustadas as prevenções da campanha; mas antes de partir soube, que estava nomeado para Mestre de Campo General D. Rodrigo de Castro. Declarava a sua Patente, que serviria de segundo Mestre de Cam-

po General. Chegou Joanne Mendes de Vasconcellos a Elvas; e, pouco depois da sua chegada, mandou ao Tenente-General de Cavallaria, Diniz de Mello de Castro, fazer huma entrada pela parte de Alcantara, que daquelles campos conduzio huma grande preza, a qual lhe não poderão tirar os Castelhanos com quatrocentos cavallos.

1658

Sahio o exercito d'Elvas a 12 de Junho constando de treze mil infantes, tres mil cavallos, vinte peças de artilharia, dois morteiros, e todo o mais necessario. Sahindo d'Elvas desfilado, ficou alojado junto ao Rio Caya. A 13, dia do Portuguez Santo Antonio, passou o Caya, e marchou formado a alojar-se no sitio de Santa Engracia, vizinho ao Forte de S. Christovão. Em quanto o exercito se aquartelava, esteve a cavallaria formada na campanha, distante das muralhas de Badajoz, o que bastava para não ser offendida das balas da artilharia. Estava o Forte de S. Christovão situado defronte de Badajoz,

da parte de Portugal, não havendo mais distancia entre elle, e aquella Praça, que a largura do Guadiana, que não he grande. Constava a sua guarnição de quatro mil infantes, e dois mil cavallo. Apenas o nosso exercito marchou para esta Praça, logo appareceo a Cavallaria formada da ponte, com as costas para o Guadiana, fazendo frente á nossa, que esperava se quartelasse o exercito. Algumas horas se passarão sem movimento de parte a parte. Deo principio ao combate Vasco Martinz, provocado por hum Castelhana a pelear, dezafiando-o com arrogancia: travou-se huma escaramuça, que o General de Cavallaria, Andre de Albuquerque, deo ordem a D. Luiz de Menezes, que avançasse, pois que elle lhe mandava dar calor. Investio D. Luiz com os batalhões inimigos, que achou visinhos, e obrigou os Castelhanos a voltarem as costas, procurando huns salvar-se no rio, outros em a ponte; porque os da Cidade lhe

fechárão as portas, não deixando entrar dentro nem ao Duque de Ossuna, que se retirou por aquella parte. Forão mortos muitos Officiaes, e Soldados; e depois se deo principio ás baterias contra o Forte de S. Christovão.

Na manhã do quinto dia, em que se começárão os ataques, sahio de Badajoz o Duque de Ossuna com dois mil cavallos; e passando o Guadiana, e Caya fez alto junto aos Olivaes d'Elvas: logo Andre de Albuquerque unio a cavallaria, que constava de dois mil, e quinhentos cavallos: compassou os batalhões; passou o Caya; e observando que a cavallaria inimiga persistia no mesmo sitio, aconselhado do Commissario-Geral João Vanichelli, mandou pedir a Joanne Mendes de Vasconcellos mil mosqueteiros: o que elle promptamente fez ás ordens do Mestre de Campo, Diogo Mendes de Figueiredo. Com elles bateo os Castelhanos, voltando o Duque de Ossuna as cos-

tas, ficando prisioneiros mais de trezentos inimigos, fora os que se afo-garão na passagem do Guadiana.

Disposto Joanne Mendes de Vasconcellos a passar o Guadiana, e continuar o sitio de Badajoz, o fez a 15 de Julho; ficando sobre o rio Xévo-ra fabricado hum quartel, que foi entregue ao Mestre de Campo, João Leite de Oliveira. Neste quartel teve principio a linha de circunvallação, a qual rematava na ponte de barcas, que se lançou no Guadiana, na breve distancia, que ficava por cima de Badajoz: e com estas fortificações pareceo ficava cerrado o cordão da parte de Portugal. Deo-se principio ao quartel da Côrte, tanto que o exercito passou o rio, no mesmo sitio em que a ponte estava lançada; e para se facilitar commodamente esta obra, se occupou hum monte, chamado o Cerro do Vento, em que se plantou huma bateria de artilharia. Porém, como se não podia continuar a linha de circunvallação, sem se ganhar o Mosteiro de S. Gabriel,

que ficava pouco distante da muralha, e hum grande Forte, que os Castelhanos haviam levantado em humma Ermida visinha ao Mosteiro da invocação de S. Miguel, que constava de cinco baluartes fabricados de terra, e faxina, e os parapeitos a prova de artilharia, ordenou Joanne Mendes de Vasconcellos, a Andre de Albuquerque, e a D. Rodrigo de Castro, já neste tempo Conde de Misquitella, marchassem a occupar o Mosteiro de S. Gabriel, para ficar mais facil a empreza do Forte de S. Miguel. Marchou Andre de Albuquerque, e chegou ao Mosteiro antes de amanhecer; e depois de reconhecido o poder dos inimigos, determinou pelear com elles. Apenas começou a subir o monte, se retirarão os inimigos com muita pressa, e pouca reputação, tendo já dado principio a hum Forte, no Cerro das Maias, que, se o conseguissem, lhe seria muito vantajoso. Retirados os inimigos, marchou Andre de Albuquerque para o Mosteiro de S. Gabriel, que

facilmente foi ganhado, rendendo-se alguns infantes, que o guarnecião. Passamos a reconhecer o Forte de S. Miguel, acabado com toda a perfeição, communicando-se por huma linha com a Praça, e tão visinho a ella, que o defendia com cincoenta peças de artilharia, assestadas para este effeito, com a guarnição de dois mil cavallos, e seis mil infantes, governados pelos Cabos, e Officiaes Maiores do exercito de Castella.

Observadas estas difficuldades por André de Albuquerque, e o Conde de Misquitella, se resolveo em conselho intentar-se o assalto do Forte a todo o risco. Para este effeito fez o General de artilharia, Affonso Furtado de Mendonça, levantar huma bateria de seis meios canhões tão visinha ao Forte, que o mesmo Forte a cobria de artilharia da Praça. Foi o Terço do Conde de S. João hum dos que assistirão ao trabalho de se fabricar; este, intentando reconhecer o Forte, sem o reparo da trincheira, que estava levantada, lhe veio huma

lhãos recuperar seus postos, e foram derrotados depois de quatro horas de combate, rendendo-se o Forte á discrição dos vencedores, sahindo os Castelhanos sem armas, e os Irlandezes com ellas, tendo-se antes retirado o exercito com o favor da nevoa, que se levantou do Guadiana, estando o Sol claro. Deixámos o Forte guarnecido com quatrocentos infantas, e entregue ao Governador Fernão Martinz de Seixas, Sargento-Mór do Terço de D. Manoel Henriques. Foi este successo glorioso pelo valor, com que se conseguiu, vencendo-se as maiores difficuldades, e morrendo muita gente de parte a parte.

Ficárão feridos o Duque de Cadaval com huma perigosa bala em hum hombro, e outra ferida mais leve. O Tenente-General Diniz de Mello e Castro, com sete feridas, e outros muitos Capitães. Ficárão mortos os Capitães de Cavallos, Alvaro de Miranda Henriques, Francisco Sodré Pereira, e o Capitão de Infan-

taria Antonio da Franca, que cahindo morto de huma balla ao avançar o Forte, detendo-se os Soldados por esta occasião, os reprehendeo seu irmão Duarte da Franca, que era seu Alferes, e saltandò o corpo, arrimou á trincheira huma escada; morrerão mais tres Tenentes, e trezentos Soldados Portuguezes. Os Castelhanos forão em maior numero: e era hum objecto bem lamentavel vêr o Mosteiro de S. Gabriel convertido em Hospital, onde se vião montões de pernas, e braços cortados, e se ouvião os clamores de tantas victimas da guerra. Perderão mais todos os Soldados do Terço, que derrotou D. Luiz de Menezes.

No dia seguinte ao do rendimento do Forte, achando-se em defensão o quartel da Côte, teve principio o segundo, a que se deo o nome de S. Gabriel, pela visinhança do Mosteiro, que durou quatro mezes. Entregou-se ao Conde de Misquitella: brevemente se poz em defensão; e passamos a levantar o quartel de Revilhas,

que era o ultimo, e que Joanne Mendes de Vasconcellos entregou ao Conde Camareiro-Mór; e depois de varias escaramuças, vindo de Castella hum grande exercito, commandado por D. Luiz de Haro, a soccorrer Badajoz, fizemos para Elvas huma brilhante retirada. Tal foi o exito do memoravel sitio de Badajoz.

Logo que D. Luiz de Haro teve noticia da retirada do nosso exercito, passou a Badajoz, e a 15 de Outubro se alojou junto ao rio Caya da parte de Portugal. Constava o exercito de quatorze mil infantes, cinco mil cavallos, artilharia, munições, e mais petrechos de guerra. Passando no dia seguinte o Caya, rendeo com pouca resistencia as pequenas Villas de Santa Eulalya, e Villa-Boim, incapazes de se defenderem; em cujas operações gastou cinco dias o exercito Castelhana; e a 22 de Outubro, antes de amanhecer, chegou a occupar sobre a Praça de Elvas o Mosteiro de S. Francisco.

Nas preparações dos Castelhanos,

para continuarem o sitio d'Elvas, e nas dispozições dos sitiados, para defendella, se passarão os primeiros dias do sitio. A 14 de Novembro deo André de Albuquerque á execução a ordem, que tinha da Rainha para sahir d'Elvas com Affonso Furtado de Mendonça, e todos os mais Officiaes de guerra, e fazenda, que forão necessarios para se previnir o exercito, que havia de soccorrer Elvas. Sahindo daqui, ás 10 horas da noite, pela porta de S. Vicente com os mais referidos, chegarão sem perigo a Estremòs, apezar de serem sentidos dos inimigos. Ficou o Governo da Praça entregue a D. Saicho Manoel, e Pedro Jaques de Magalhães governando a artilharia; e ficarão os Mestres de Campo com os seus Terços na Praça, que com a gente Auxiliar, e Ordenanças se contarão onze mil praças; porém a maior parte della enferma pelo muito, que tinha padecido na campanha de Badajoz.

Fizerão os sitiados algumas sortidas com feliz successo, onde presio-

nirão junto das linhas alguns Soldados. André de Albuquerque, quando entrou em Estremôs, achou governando aquelle districto a D. João Forjaz, Conde da Feira, em quem concorrião todas as virtudes, que o fazião digno de maior dominio.

Nomeando a Rainha ao Conde de Cantanhede, D. Antonio Luiz de Menezes, Governador das Armas, para o soccorro d'Elvas, por Carta de 20 de Novembro, elle partio logo para o Alemtéjo, e chiégou a Estremôs, onde o esperava André de Albuquerque, com grande satisfação de o ter por General.

Os Castelhanos padecião muito pelo rigor do inverno, frios, e faltas de reparos, adoecendo immensos, e fugindo grande número para nós, cujo máo exemplo não foi imitado dos Portuguezes; pois passando de tres mil os que entrárão em Portugal, durante o tempo do sitio, não constou passar hum só Portuguez para o exercito Castelhanao.

Já a este tempo tinha sido sitia-

da a Praça de Monção a 7 de Outubro, que governava o Tenente Mestre de Campo General, Lourenço de Amorim Pereira: aqui derão os Portuguezes evidentes provas de valor, e constancia, renovando a memoria do famoso cerco de Diu. Entrarão pela Provincia d'Entre-Douro e Minho os Castelhanos, e Gallegos commandados pelo seu General o Marquez de Vianna: poz-se neste dia o exercito sobre a Praça: combateo-se de parte a parte de dia, e de noite, no espaço de quatro mezes, permanecendo os sitiados constantes na defesa da Praça: obrarão sempre prodigios de valor, que espantou os mesmos Castelhanos. Reduzidos os defensores á ultima extremidade, se renderão com honrosas capitulações, sahindo da Praça duzentos e trinta e seis homens, resto de dois mil, que nella havia.

Sahio de Estremôs o nosso exercito, commandado pelo Conde de Cantanhede, em hum Sabbado 11 de Janeiro. Era seu Mestre de Campo o

General de Cavallaria, André de Albuquerque, e de infantaria D. Rodrigo de Castro, Conde de Misquitella, Capitão-General de Artilharia, Affonso Furtado de Mendonça: os Tenentes-Generaes de cavallaria da Provincia do Alentejo são Achim de Tamaricurt, e Diniz de Mello de Castro: da Provincia da Beira, Manoel Freire de Andrade, e Gilvaz Lobo: do Reino do Algarve, Pedro de Lalanda: Commissarios-Geraes de cavallaria, João da Silva de Souza, e João Vanichelli. Constava a Infantaria de oito mil Soldados, dois mil e quinhentos pagos, os mais Auxiliares, e Ordenanças, divididos em dezesseis Esquadrões, governados pelos Mestres de Campo, Pedro de Mello, D. Manoel Henriques, Antonio Galvão, Fernando de Mesquita Pimentel, Bartolhomeo de Azevedo Coutinho, Gabriel de Castro Barbosa, Luiz de Souza de Menezes, Luiz de Mesquita Pimentel, Alvaro de Azevedo Barreto, Antonio de Sá Pereira, Gregorio de Castro de Moraes. O Ter-

ço de Manoel Velho, que havia fallecido em Estremôz, governava o Tenente Mestre de Campo General, Affonso de Barros Torvão: o de Mertola, o Capitão-Mór Lucas Barroso Sembrano: o de Moura, o Sargento-Mór Balthazar de Sá de Soutomaior: o do Conde da Torre, o Sargento-Mór, Manoel Nunes Leitão: o de Francisco Pacheco Mascaranhas, o Sargento-Mor Manoel da Silva Dorta. Compunha-se a cavallaria de dois mil e quinhentos cavallos, e quatrocentas egoas, e constava o trem de sete peças de artilharia de campanha, com todas as prevenções convenientes. Na retaguarda do exercito marchavão duas mil cargas de munições, e mantimentos, e duas mil cabeças de gado, para se introduzirem na Praça, se fosse possivel.

Apenas chegou o nosso exercito na segunda feira 13, e divisou as dilatadas linhas dos Castelhanos, foi excessivo o alvoroço em todos os Soldados, relusindo visivelmente nelles o ardente desejo de pelejar. O Conde

de Cantanhede, para dar aos sitiados a certeza da sua chegada, mandou disparar a artilharia; a que a Praça, e o Forte de Santa Luzia responderão com repetidas salvas, que em huma, e outra parte multiplicavão o alvoroço. D. Sancho Manoel acompanhado dos Officiaes, e pessoas particulares, ornados de galas, e plumas, montarão a cavallo; e sahindo da Praça com a cavallaria, carregarão furiosamente os sentinellas, e companhias da guarda do Quartel da Côrte, onde não achárão maior resistencia; recolhendo-se á noite na Praça, onde accommodou o General de artilharia, Pedro Jaques de Magalhães, no baluarte do Principe, que dominava o sitio, por onde o exercito determinava romper a linha, vinte peças de artilharia das mais grossas, de que os Castelhanos receberão muita perda, na batalha do dia seguinte. Ordenou D. Sancho Manoel, que naquella noite estivesse exposto o Santissimo Sacramento; e os Soldados se prepararão não só com as armas, mas tam-

bem com supplicas ao Ente-Supremo, confissões, e outros exercicios.

Tomando quartel o nosso exercito, se adiantarão a reconhecer os alojamentos dos inimigos André de Albuquerque, e o Conde de Misquittella; e achando as suas linhas bem fortificadas, voltarão a dar conta ao Conde de Cantanhede, que ao mesmo tempo recebia o aviso de Francisco de Brito Freire, de haver chegado aos Castelhanos o soccorro de tres mil infantes, e quinhentos cavallos. Este, cada vez mais constante na sua resolução, determinou romper as linhas. Os Castelhanos fizeram o seu conselho; e havendo votos de nos darem batalha fóra das linhas, resolveo D. Luiz de Haro esperar-nos dentro dellas.

Amanheceo o dia de terça feira 14 de Janeiro, o mais feliz, e ditoso para a Nação Portugueza; e logo o Conde de Cantanhede, na frente dos seus Soldados, lhes fallou nestes termos:

« Os meus annos, e as minhas

« experiencias, valorosos Portuguezes,
« me tem dado tão verdadeiro co-
« nhecimento dos successos futuros,
« que do governo politico, e do so-
« cego da paz passei voluntariamente
« ao exercicio militar, e á incerteza
« dos successos da guerra, não só
« por sacrificar a vida pela liberdade
« da Patria, que todos restauramos,
« senão por entender, que das mes-
« mas difficuldades, que se offerecerão
« para juntar este exercito, havião
« de sahir os instrumentos do soccor-
« ro d'Elvas, apezar da opposição
« dos Castelhanos. Com grande con-
« tentamento considero lograda esta
« esperança; porque no heroico va-
« lor, que vejo manifesto em cada
« qual dos vossos semblantes, reco-
« nheço que acertei, como Gedeão
« por Divina Providencia, na esco-
« lha dos companheiros, que elegi
« para esta generosa empreza, tendo
« por infallivel, que não poderá nes-
« te instante haver no Mundo oppo-
« sição, que bastasse a resistir a vos-
« sos impulsos, quanto mais á debe-

« lidade de huma fraca trincheira de-
« fendida por huma Nação, tantas
« vezes vencida por vós outros, e
« vossos antepassados, e agora enga-
« nada, presumindo, que determina-
« mos romper a linha por outra par-
« te; o que se verifica, reconhecen-
« do-se que não tem nella guarnição;
« porque o exercito está dividido em
« todos os quartéis, tão distantes huns
« dos outros, que muito primeiro ha-
« vemos nós chegar a romper a li-
« nha, que elles a defendella: vanta-
« gem, que desde logo nos começa
« a segurar a victoria. He D. Luiz
« de Haro o General, que tenho por
« opposto, a que não reconheço van-
« tagem; e os mais cabos deste exer-
« cito excedem tanto aos dos inimi-
« gos, como tem mostrado as muitas
« occasiões, que delles triunfárão,
« e entre Soldados, e Soldados, vos
« mesmos conheceis a differença, sem
« necessitar a minha estimação de
« explicar o que nella venero, espe-
« rando vêr brevemente provadas es-
« tas infalliveis proposições, e liber-

« tados nossos parentes, e amigos si-
 « tiados na Praça, que temos á vista,
 « tanto mais opprimidos do contagio,
 « que dos Castelhanos, que na guer-
 « ra das sortidas, que he a que só
 « tem sustentado, por se não atreve-
 « rem os Castelhanos a caminhar com
 « aproches, sempre tem sahido glo-
 « riosamente victoriosos; porém tão
 « lastimosamente offendidos das en-
 « fermidades, que me assegura D.
 « Sancho Manoel, que ha dias, que
 « morrem trezentos homens; e como
 « he infallivel, que se logo lhe não
 « acodirmos, perecerão todos, de-
 « vemos gastar o tempo mais nas
 « obras, que nas palavras, seguran-
 « do-vos, que vereis as minhas em
 « tudo conformes. He tempo, valo-
 « rosos Soldados, de investir aquel-
 « las linhas, de vencer aquelles ini-
 « migos, de soccorrer aquella Praça,
 « e de livrar aos nossos venerados,
 « e legitimos Principes do cuidado,
 « com que aguardão a noticia deste
 « successo. »

Ainda bem não tinha acabado

de fallar, quando logo todo o exercito com hum só rumor manifestou o ardente dezejo, em que todos estavam de investir as linhas. Dado o signal se começou o combate. Os Terços da vanguarda do exercito, assistidos de André de Albuquerque, e do Conde de Misquitella, rota a linha, ganhárão hum dos cinco Fortins, que a guarnecião. Com tão feliz principio marchou o Conde de Cantanhede em batalha, e fez retirar os primeiros defensores da linha.

Os Duques de S. German, e de Ossuna vendo que o seu exercito caminhava á ultima ruina, fazião as possiveis diligencias de reduzir os Terços de cavallaria á forma conveniente, e engrossar por todas as partes os soccorros. Vendo André de Albuquerque, que o Terço de D. Luiz de Menezes perdia o terreno, que havia ganhado, não podendo tolerar, que os seus Soldados voltassem as costas aos inimigos, arrojou o cavallo ao centro do Esquadrão, exhortou aos que se retiravão, e persuadindo-

os a que voltassem as caras, os levou junto da estacada do Forte, e tocando nas estacas com a bengala, os advertio como havião de arranca-las; obedecerão os Soldados, emendando o erro antecedente. Logo huma bala tirada do Forte acertou no peito de André de Albuquerque, entrando por entre o extremo do braço direito o lançou por terra morto, assistido do Vedor-Geral, Jorge da Franca, e do Contador-Geral Antonio de Torres, que lavados em lagrimas levárão o seu corpo a Elvas.

Quasi ao mesmo tempo, que morreu André de Albuquerque, recebeu o Duque de S. German huma bala de mosquete no alto da cabeça, o que servio a afrouxar mais o combate. O Conde de Cantanhede marchou a segurar com o soccorro o triunfo na entrada da Praça, tendo-se exposto em todos os conflitos aos maiores perigos. D. Sancho Manoel vem exercitar o posto de André de Albuquerque, deixando a Praça entregue a Pedro Jaquez de Magalhães.

Durou a peleja muitas horas, com a victoria indecisa, até que cortadas as linhas, e desbaratados inteiramente os Castelhanos, se declarou a victoria a favor dos Portuguezes. O Conde de Cantanhede, continuando a marcha, entrou em Elvas a render na Sé as graças devidas ao Deos das victorias, por tão assignalado beneficio; e voltando ao exercito, se a quartelou, quando cerrava a noite, em o valle que fica entre a Praça, e o Forte de Nossa Senhora da Graça, que nessa mesma noite se rendeo ao valor do General de Artilharia, Affonso Furtado de Mendonça, que o atacou com os Terços do Condê de S. João, Simão Correa da Silva, e companhias de outros, com que se reforçárão. Os Castelhanos, valendo-se do beneficio da noite, se retirárão para Badajoz os que escapárão da batalha, e com tanta confusão, e desordem, que muitos perecerão na corrente do Caya, e Guadiana. Ao amanhecer espalhando-se os Soldados pelos quar-

teis dos inimigos, recolherão riquíssimos despojos.

Foi esta perda para Castella humma das maiores, que tiverão em muitos seculos; porque, depois de terem entrado de socotro naquelle exercito trinta e seis mil homens, achou D. Luiz de Haro para defender as linhas no dia da batalha quatorze mil infantes, e tres mil e quinhentos cavallos; e passando-se mostra em Badajoz no dia depois da batalha, se não achárão mais, que cinco mil infantes, e mil e trezentos cavallos, e destes perecerão muitos em pouco tempo. Entre mortos, e prisioneiros passárão de dez mil. Recolherão-se no nosso trem de artilharia dezeseite peças de varios calibres; tres morteiros, cinco petardos, quinze mil armas, muitas bandeiras, quantidade de munições, e conduzirão-se para a Praça grande número de mantimentos. Os mortos do nosso exercito forão os mais principaes André de Albuquerque, Varão de tão singulares virtu-

des, que do exercicio de Soldado, que teve no principio da guerra do Brazil, chegou ao de General, passando por todos os postos. Grangeou de todos geralmente o amor, e estimação. Temeo a Deos, venerou os seus Soberanos, e amou de tal sorte a Patria, que por ella deo a propria vida. Nasceo este Heroe na Villa de Cintra a 20 de Maio de 1620, sendo seus Pais Gaspar de Albuquerque, e D. Angela de Noronha, filha de D. Pedro Lobo, e D. Brites da Silveira. Foi André de Albuquerque Alcaide-Mór de Cintra, Commendador de S. Mamede de Sortes, na Ordem de Christo, tão valoroso, que a elle se deveo a maior parte do triunfo deste dia. Morreo de trinta e nove annos, estando contratado a casar com D. Anna de Portugal, filha de D. João de Almeida, Vedor da Casa do Senhor Rei D. João IV., que era Dama do Paço. No dia seguinte da batalha deo o Conde de Cantanhede ordem á sepultura do corpo de André de Albuquerque, com todas as

funebres demonstrações militares, que merecia a memoria de hum Va-
rão tão assignalado pelas suas excel-
lentes virtudes. Foi sepultado no Mos-
teiro de S. Francisco. Todos os Es-
criptores lhe fazem os maiores elo-
gios.

Não foi menos sensivel a morte
de D. Fernando da Silveira, irmão
do segundo Conde de Sarzedas, o
Conselheiro de Guerra. O Mestre de
Campo Luiz de Souza e Menezes.
Os Capitães de Cavallos João Ferrei-
ra da Cunha, e André Gatino, dez
Capitães de infantaria, dois Ajudan-
tes, dez Alferes, e cento e setenta e
sete Soldados. Ficarão feridos os
Mestres de Campo, o Conde de S.
João, o Conde da Torre, Simão Cor-
rea da Silva, Bartholomeo de Aze-
vedo Coutinho, Antonio Galvão, o
Tenente Mestre de Campo General,
Ascenço Alvares Barreto, Luiz Fran-
cisco Barem, quatro Sargentos-Mó-
res, hum Ajudante de Tenente, vin-
te e tres Capitães de infantaria, oi-
to Ajudantes, vinte e dois Alferes,

trinta e dois Sargentos, e seiscentos Soldados.

Foi esta victoria das maiores consequencias para Portugal: do contrario se seguia a invasão em todo o Reino, soffrendo os golpes das espadas de huma Nação enfurecida. Respirou Portugal, recuperárão os Povos novos alentos, so-ou em todo o Mundo o valor dos Portuguezes: as Nações estrangeiras á vista desta victoria contrahem novas allianças, donde se conclue ser esta victoria o segundo fundamento da conservação desta Monarquia, e da liberdade da Patria.

Chegou esta noticia a Lisboa; a tempo; que ElRei estava assistindo ao Sermão do primeiro dia da festa, que a Nobreza costuma fazer ao Santissimo Sacramento da Freguezia de Santa Engracia, para desaggravar o Deos Sacramentado, pelo insulto feyto naquella Igreja, no tempo do governo de Castella. Prégava o Padre D. Prospero dos Martyres, Conego Regular de Santo Agostinho. Suspens

deo-se o Sermão no espaço, em que se cantou o *Te Deum Laudamus*; e depois o finalisou rendendo a Deos as graças por tão assignalada victoria.

Voltou ElRei ao Paço entre vivas, e applausos do Povo.

Com licença da Rainha passou o Conde de Cantanhede a Lisboa, a lograr os bem merecidos applausos da victoria. Quando o Conde chegou á casa, onde ElRei o esperava, deo este alguns passos a recebelo, honra singular, porém merecida por seus esclarecidos feitos.

A 4 de Maio deste anno, deo a Rainha principio á fundação do Collegio dos Religiozos Dominicos Irlandezes da Cidade de Lisboa, no sitio do Corpo-Santo, lançando neste dia a primeira pedra D. Francisco de Sotomaior, Bispo de Targa, eleito de Lamego.

Ficando o Reino depois das campanhas de Badajoz, e Elvas falto de muita gente, se resolveo a Rainha mandar por Embaixador a França o

Conde de Soure, pedir a ElRei Christianissimo o soccorro de quatro mil homens de infantaria, e mil cavallos, que serão pagos por Sua Magestade Christianissima. Partio o Conde de Lisboa a 13 de Abril, em huma Náo Inglesa, levando por Secretario da Embaixada a Duarte Ribeiro de Macedo, pessoa de conhecida estimação. Nesta viagem recebeo a noticia da total mudança do governo de Inglaterra; porque Ricardo Cromuel, que havia succedido a seu Pai no governo Supremo, e titulo de Protector, estava deposto, e reduzido á vida particular, e o Parlamento occupava a authoridade Soberana: que o Tratado de paz entre as Côroas de França, e Castella se tinha por ajustado; porque em Flandres se havia publicado suspensão de armas, até nova ordem. Sentio o Embaixador esta noticia, persuadido não poder concluir os negocios, de que hia encarregado. Continuava o governo da Monarquia de França a Rainha Regente, D. Anna de Austria; e entra-

va ElRei seu filho Luiz XIV. na idade de vinte e hum annos, sendo primeiro Ministro d'Estado, o Cardeal Julio Mazarini, que tinha levado a França a hum alto grão de gloria, pelas victorias que havia conseguido o Marechal de Turenne, hum dos melhores Generaes, que teve a Europa, cujo nome será eterno nos Fastos daquela Monarquia.

Propondo-se para Esposas de Luiz XIV. quatro Princezas, que erão: D. Catharina, depois Rainha de Inglaterra; Henriqueta de Inglaterra, que foi Duqueza de Orleães; Margarida de Saboya, que casou com o Duque de Parma; e D. Maria Theresá de Castella, foi esta proferida ás outras.

Entre os Pyreneos, onde acabão, e comecção a dividir Hespanha de França, se fabricou huma especie de Palacio de madeira na Ilha dós Fayzões, entre Fuente Rabia, ultima Praça de Guipuscua, e Andaya, ultimo lugar da Biscaia: aqui se celebrou o Congresso, em cujo Tratado era Portu-

gal excluido de todo o soccorro de França tanto *directe*, como *indirecte*. Depois se virão neste Palacio os dois Monarchas de França, e Castella, e se concluiu o casamento da Infanta D. Maria Thereza com Luiz XIV.

O Cardeal, depois desta ultima deliberação, teve huma larga conferencia com o Conde de Soure; em que o desenganou de não poder concluir o que pertendia, persuadindo, para evitar os estragos da guerra aceitar o que se lhe propunha, a que o Conde respondeo: que se desenganasse, que Portugal não havia admittir a menor subordinação a Castella. No dia seguinte da conferencia buscou o Marquez de Choup ao Conde Embaixador, e lhe mostrou da parte do Cardeal a instrução, que levava. Continha ella tres Capitulos: no I. com palavras plauziveis se encarrecia tudo o que se tinha obrado, todas as diligencias, que se haviam feito pela inclusão de Portugal na paz, chegando-se a offerecer por ella todas as

Praças, que, no decurso de vinte e cinco annos, tinham occupado as Armas Francezas com preço inextimavel de sangue, e thezouros; porém que não dando os Ministros de Castella ouvidos a esta pratica, antes declarando ser effeito della, hum obstaculo invencivel para a inclusão da paz, se passara a procurar os meios de algum accomodamento, que evitasse damnos de huma guerra, que não podia terminar-se sem lamentavel ruina. Erão os meios, que se propunhão no II. Capitulo: que o Reino de Portugal se reduzisse ao Estado do anno de 1640, esquecendo-se tudo o que se tinha passado, sem que se pudesse intentar acção, ou castigo algum pelos damnos recebidos, antes huma inteira restituição de todos os bens, que os Vassallos Portuguezes tivessem em qualquer parte da Monarchia de Castella. Dizia o III. Capitulo: que a Casa de Bragança seria conservada em todos os foros, prerogativas, e grandezas que tinha; e que seus suc-

cessores serão Governadores, e Vice-Reis perpetuos de Portugal; e para segurança da observação destas condições, ficaria por fiador ElRei Christianissimo, havendo-se por infracção da paz qualquer alteração que tivessem, e promettia defender com as armas tudo o que se firmasse no Tratado. O Conde desprezou tudo isto; e tendo novas conferencias com o Cardeal, que o persuadio com fortes razões a estar por estes Capitulos, nada se concluiu.

No tempo, em que aconteceu o que fica referido, chegou o Marquez de Choup a Elvas, onde entrou a 7 de Dezembro: daqui passou a Lisboa, onde o esperava, por ordem da Rainha, D. Lucas de Portugal, Mestre Sala d'ElRei, e o conduzio ás casas do Marquez de Montealvão, que estavam adereçadas por ordem da Rainha: teve hospedagem tres dias, e audiencia no fim delles, acompanhado de D. Lucas. Nomeou-lhe a Rainha por conferentes, aos Condes de Odemira, e Cantanhede, e assistia

a esta conferencia o Secretario d'Estado Pedro Vieira da Silva. Juntos os Ministros, e o Marquez de Choup na Secretaria d'Estado, principiou o Marquez a pratica com hum largo exordio do estado dos negocios da Europa, da necessidade, em que se achava ElRei Christianissimo de concluir a paz, e dar repouso a seus Vassallos, das diligencias, que continuara sobre a inclusão de Portugal, e que ultimamente não pudera conseguir mais, que as condições apontadas em hum papel, que offereceo, e são as mesmas, que ficão referidas. Logo que se lêrão, respondeo o Conde de Odemira, ser impraticavel o que se propunha. O Conde de Cantanhede, levantando-se, disse: que, se a Nobreza, e Povo soubessem o que continhão as proposições, que se haviam lido, que nenhum dos que estavam presentes estavam seguros naquelle lugar. Acabou-se a conferencia; e dando o Secretario d'Estado conta della á Rainha, foi despedido o Ministro, que voltou para França, sa-

hindo daqui a 22 de Dezembro, tão admirado do que ouvio, que, quando chegou a França, não fez mais, que exaggerar ao Cardeal Mazarini a resolução, e constancia dos Portuguezes, fundada, além do valor natural, no lusimento, e número de tropas, e fortificações das Praças.

Tendo nomeado a Rainha Embaixador para Hollanda a D. Fernando Tello de Faro; este junto com o Duque d'Aveiro fugirão para Castella; por cujo motivo foi aquelle sentenciado á morte, e o degolárão em estatua, queimando-o com o mesmo theatro, cuja execução se fez em Agosto deste anno. Este teve a mesma sentença, e se executou em 1663, cõfiscando-se-lhes todos os seus bens.

Governando o Conde de S. João 1660 a Provincia de Tras os Montes, na ausencia do Conde de Misquitella, marchou com oito mil infantes, trezentos cavallos, e duas peças de artilharia a atacar Alcanizes, povoação de Castella a Velha, situada seis léguas da raya das Cidades de Bra-

gança , e Miranda. Chegou ; e avançando por muitas partes , se rendeo o Forte , custando muitas vidas aos defensores. Deteve-se na Villa quatro dias ; e depois de saqueada , e queimada , se retirou com os Soldados , ricos de despojos , e animados a grandes emprezas.

No dia 19 de Março deste anno se disse a primeira Missa solemne , e se depositou o Santissimo Sacramento no Sacrario do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Marvilla , do qual julgo a proposito dar a noticia da sua origem. Divulgada a fama dos milagres de Santa Brizida , Princeza Sueca , teve devoção Henrique V. , Rei da Grã-Bretanha , de fundar hum Convento desta Religião ; e antes de começar as guerras com a França , mandou ao celebre Mosteiro de Vasteno em Suecia (primeiro da Ordem Brigitana) buscar quatro Religiozas , que em Londres edificárão o sumptuoso Convento de = Monte Sion = a quem dotou com largas rendas. No anno se-

guinte professarão doze Noviças, filhas dos Principaes Cavalleiros, fazendo esta função o Arcebispo de Cantuaria, Primaz de Inglaterra, com assistencia de toda a Casa Real. Depois Henrique VIII., negando a obediencia á Igreja, e excommungado por huma Bulla do Papa Clemente VII. em 1536, mandou sahir estas Religiozas para fora, dando-lhes huma pequena congrua. Daqui fugirão ellas para o Estado de Flandres, e se recolherão em hum Convento da sua ordem. Passando aqui alguns tempos, tornarão para o Convento de Londres no segundo anno, em que governarão os Reis Catholicos, D. Philippe II., e a Rainha D. Maria. Porém morrendo esta, e entrando a governar a Rainha D. Izabel, pertinaz Herege, tornarão as Religiozas a passar a Flandres. Aqui forão tão perseguidas, que, para escapar á furia dos Hereges, se virão obrigadas a fugir para a Cidade de Anvers, onde estiverão hum anno muito incommodadas. Depois passando a Malinas,

ahi permanecerão alguns annos, em quanto esta Cidade esteve sujeita a Castella; porém sendo tomada pelo Duque de Orange, forão barbaramente tratadas, e postas em risco: por cujo motivo tornárão a fugir para a Normandia de França, fazendo assento na Cidade de Ruan. Aqui estiverão quinze annos; mas depois invadida esta Cidade por Vandoma, Principe Herege, navegárão fugindo para a Hespanha; porém, não podendo chegar a algum dos seus portos, forão impellidas pelos ventos a entrar a barra de Lisboa, e a 20 de Maio de 1594, se virão neste Reino, escapando a duas fragatas Inglezas, que vinhão em seu alcance. Obtida a licença dos Governadores do Reino para desembarcarem, o fizerão acompanhadas da Nobreza da Côrte, recolhendo-se ao Real Convento da Esperança vinte e tres Freiras Inglezas. Os Governadores do Reino, dando-lhes humas casas no sitio do Mocambo, que huns dias antes se tinham tomado pelo fisco, ahi fundá-

rão o seu Convento, para o que muito as ajudou Philippe II. O Arcebispo de Lisboa as foi visitar, e pôr em clausura; e a mais Nobreza toda lhes fez os maiores obsequios.

Para este Convento fugio, por conselho do veneravel Padre Antonio da Conceição, chamado o Beato Antonio, D. Leonor de Mendanha, nascida na Cidade de Lisboa a 28 de Janeiro de 1576, na Freguezia de Santa Justa, filha, e unica herdeira de Jorge Vaz de Campos, e de D. Izabel de Mendanha, a qual se chamou Madre Brizida de Santo Antonio. Aqui viveo quarenta annos occulta a sua virtude. Depois intentando fundar hum Convento da mesma Ordem, por conselho do seu confessor o Beato Antonio, para Portuguezas, pedio ao Arceediago da Sé de Lisboa Fernão Cabral, natural do Algarve, lhe quizesse vender huma quinta, que tinha em Marvilla, ao que elle respondeu, que de tres quintas, que tinha naquelle sitio, todas lhe dava. Elle mesmo chamou Mestres, deli-

neou a obra, e deo logo para ella doze mil cruzados, e outras coisas mais; abriu pedreiras, e principiou o Convento com licença do Senhor Rei D. João IV. O Arcediago fez huma Escriptura, em que dotava aquella quinta para a fundação do Convento, a qual assignou a Madre Brizida de Santo Antonio, e nomeou as Fundadoras delle. Succedendo no dia 17 de Agosto de 1651 arder todo o Convento do Mocambo ás nove horas da manhã, se recolherão logo as Religiozas acompanhadas de toda a Fidalguia ao Convento da Esperança; o que a Madre Brizida em nome de todas muito agradecco, onde estiverão até que se fez de novo o Convento, onde hoje existem, e donde tornárão a sahir no tempo da invasão dos Francezes, como veremos no seu competente lugar. Morrendo a Madre Brizida a 29 de Junho de 1655, se levantarão muitas contradicções a respeito do Convento de Marvilla, as quaes vencidas, se recolherão as Religiozas ao dito Con-

vento no dia 18 de Março com toda a solemnidade, acompanhadas da principal Nobreza, tendo primeiro beijado a mão á Rainha D. Luiza de Gusmão, e a seu filho ElRei D. Affonso VI. No dia 19 se fez o que fica dito. O Cabido elegeo para Prelados do novo Convento o Arcediago Fundador, o Bispo eleito d'Elvas, e Antão de Faria da Silva: estes nomearão por Abbadeça a Madre Thereza de Jesus, Prioriza a Madre da Ordem Ignez de S. Sebastião, Porteira a Madre Aleixa de Santa Brizida; as quaes governando doze annos praticarão tudo, o que no seu Convento se observava, até que governando as Portuguezas mudarão na forma, que hoje se vê, não por abuso, ou relaxação, mas por se julgar ser mais conveniente ao espirito, e por conselho do Arcebispo D. Antonio de Mendonça.

O Arcediago foi hum grande Bemfeitor deste Convento, concorrendo com todo o necessario para elle. Renunciando a Cadeira no filho

do Conde de Óbidos, se desligou da obrigação de assistir na Sé: fez no pateo deste Convento humas pequenas casas, onde vivia com toda a decencia. Poucos mezes antes de fallecer, determinou com seu irmão Fr. Pedro de Santo Agostinho erigir hum Igreja na parte onde hoje se vê, e para este intento mandou cortar hum arvoredo á entrada do pateo; e quando já tinha aberto os alicerces, falleceo a 17 de Março de 1666; sepultou-se no dia seguinte, em que se completavão seis annos de fundação. Depozitado seu corpo na Capella-Mór, foi depois trasladado para a nova Igreja no mesmo lugar, e na pedra da campa se vê o seguinte epitafio:

“Sepultura do Arcediago da Sé
de Lisboa Fernão Cabral, Funda-
dor deste Convento.”

Seu irmão continuou a obra, aproveitando-se do que tinha deixado o Arcediago, que forão casas, quintas,

hum baú de prata dourada, e outras cousas mais. Este Fr. Pedro de Santo Agostinho, irmão do Arcediago, era Religiozo da Provincia dos Algarves: sendo sagrado Bispo de Constança para coadjutor do Bispo de Coimbra D. Manoel de Noronha, foi depois nomeado por ElRei D. Pedro II. Deão da sua Capella de Villa-Viçosa.

Depois veio D. Izabel Henriques reedificar o Convento de Marvilla. Foi esta Senhora, filha de Diogo Rodriguez Lisboa, e de D. Branca Torres, casada com Diogo Lopes Torres; a qual acabando a Igreja, e fazendo os dormitorios se recolheu no mesmo Convento com sua filha, D. Juliana, a 25 de Março de 1681. Deo logo duas alampadas de prata, hum Pallio rico com varas do mesmo metal, seis castigaes para o Altar-Mór, a cruz para as procissões, outra para o Santo-Lenho, hum cofre para o Santissimo, Custodia, côroas para as imagens, e diademas para os Santos, e outras cousas mais de grande valor.

Instituiu neste Convento quatro Capellas, com rendas sufficientes, e a dois destes Capellães avantajou a esmola para serem confessores da Comunidade. Viveo dez annos, e tres mezes nesta Clausura. Falleceo a 16 de Julho de 1691, passando já de oitenta annos de idade. Está sepultada no coro de baixo.

Sua filha D. Juliana continuou a vivêr no mesmo Convento, fazendo-lhe muitas obras, e muitas esmolas; deixando por sua morte hum legado de cem mil reis annuaes para a Comunidade, e cincoenta para varias festas particulares do Convento, augmentou a congrua aos dois Padres Confessores, e aos dois Capellães. Falleceo D. Juliana Maria de Santo Antonio a 3 de Agosto de 1714, com setenta e quatro annos de idade. Está sepultada no coro de baixo.

Tem este Convento flôrecido em muitas virtudes, de sorte que sempre mereceo a estimação dos Sobe-
ranos, e de todos os Nobres do Reino. O primeiro Marquez de Marial-

va D. Antonio Luiz de Menezes, vencedor de insignes batalhas, quando se recolheu a sua casa; primeiro que entrasse nella, veio á Igreja de Marvilla prostrar as Bandeiras diante da Imagem da Conceição, que o valor Portuguez tirou das mãos dos inimigos. Ainda hoje neste Convento se faz tudo com a maior perfeição. Porém está reduzido a onze Religiozas, não tendo para sua sustentação mais do que cento e sessenta réis diarios na forma da Lei, para cada huma, apesar do seu grande rendimento, que todo está por administração, ha muitos annos, para pagamento de dividas antigas. Faço esta memoria em obsequio das onze Religiozas, que existem; pois se fazem dignas disso pela sua muita virtude. D. Antonio Caetano de Souza, insigne Escriptor, elogiando esta Religioza Comunidade, diz que: «aquellas prudentes virgens (fallando das Inglezas) forão Authoras de dois tão exemplares Mosteiros, que militão debaixo da Regra de Santa Brizida.

« Na observância daquellas virtuosas;
 « e primeiras filhas de sua Madre
 « Santa Brizida, que apparecerão na
 « nossa Cidade de Lisboa, depois se
 « erigio o Mosteiro da Conceição de
 « Marvilla, que fiôrece em observan-
 « cia; e Religião, edificando de sor-
 « te o seu regular modo de vida,
 « que he esta Casa benemerita da
 « universal estimação da Côrte.

O Padre Mestre Fr. Estacio da
 Trindade, Eremita Descalço de Santo
 Agostinho, frequentando muito este
 Convento de Marvilla, e confessan-
 do muitos annos algumas Religiozas,
 rompe nestes elogios: « Vi as agra-
 « daveis noticias dos meos, por on-
 « de das desgraças de Inglaterra trou-
 « xe a Divina Providencia a Portugal
 « as venturas; pois daquellas se ori-
 « ginou a de possuir neste Convento
 « hum mineral de virtudes, e hum
 « thezouro de toda a Santidade.”

O Padre Manoel Monteiro, da
 Congregação do Oratorio, fallando
 do Convento de Marvilla em 1744,
 diz assim: « A fundação de hum Con-

«vento, que a Providencia do Altis-
 «simo por meios impenetraveis trans-
 «plantou a este Reino, e nelle fa-
 «voreceo com tão especial benigni-
 «dade, que não só permittio que se
 «erigisse, e estabelecesse, mas que
 «singularmente se acreditasse, sendo
 «espelho da vida Monastica, modelo
 «da Regular observancia, e exem-
 «plar da perfeição Religioza, como
 «se mostra nas admiraveis vidas das
 «Religiozas, que até agora tem fa-
 «lecido; e tambem se está mostran-
 «do nas daquellas, que ainda estão
 «vivendo, que mediante a Divina
 «Graça, e a sua perseverança, pro-
 «mettem á Historia não menos glo-
 «riosa materia.” A’ vista destes elo-
 gios nada posso acrescentar mais do
 que dizer, que sendo presentemente
 só onze Religiozas de sessenta, que
 sempre teve este Convento, nella
 flôrece o mesmo espirito, a mesma
 virtude, e a mesma Religião, soffren-
 do com toda a paciencia, e confor-
 midade a dura, e pezada mão dos
 tempos, leuvando ao seu Divino Es-

poso, sem faltarem aos actos de Comunidade, apesar das suas molestias, e avultadas idades.

A 9 de Junho deste mesmo anno entrou ElRei Carlos II., filho de Carlos I., em Londres com notaveis demonstrações de alegria, e contentamento de seus Vassallos, que o chamarão ao Throno de Inglaterra, o qual casou com a nossa Infanta D. Catharina, como veremos.

1661 No anno seguinte morreo o Cardeal Mazarini.

Ajustando ElRei Philippe tratados de paz em S. João da Luz com ElRei de França Luiz XIV., seu genro, applicou todas as forças da sua Monárquia contra Portugal, nomeando por Capitão-General seu filho illegitimo D. João d'Austria, auxiliado por mercedor dos maiores empregos daquella Côroa; e não contando mais que trinta e tres annos de idade, tinha todo o conhecimento da guerra pela experiencia das batalhas, em que se tinha achado. Este, chegando a Casra a 27 de Março,

se deteve poucos dias; e passando a Badajoz, se começaram por todas as partes a manifestar as prevenções da campanha, e ao mesmo passo se augmentavão as guarnições das nossas Praças. D. João d'Austria juntando o seu exercito marcha a reconhecer a Praça de Campo-Maior, com tres mil cavallo, e seiscentos infantes. Sendo avisado disto o Conde de Atouguia, manda marchar para Campo-Maior a D. Luiz da Costa, com quatrocentos cavallo, e outros tantos infantes, seguido do Conde de Schomberg, e do General da cavallaria, com quatro batalhões. Entrou D. Luiz da Costa naquella Praça com tempo conveniente. Chegando D. João d'Austria a reconhecer Campo-Maior, por entre balas de artilharia, e mosquetaria, e observando que para render aquella Praça, era necessario maior exercito do que aquelle, que havia convocado, se desenganou de dar principio á conquista de Portugal por aquella empreza, e se retirou para Badajoz. Sahindo daqui em 13 de

Junho se alojou com dois dias de marcha sobre Arronches, cuja Villa tomou, guarneceo, e fortificou. Depois retirando-se daqui com muita pressa para Albuquerque, quando o Conde de Atouguia o buscava para o atacar no seu quartel, não conseguiu D. João d'Austria na empreza de Arronches o credito, que pertendia.

He digno de memoria Manoel Ferreira, Alferes da companhia de cavallos do Tenente-General, Diniz de Mello de Castro, que sendo mandado por pratico do palz, e só com nove cavallos, por não ser sentido, encontrou na estrada da Ribeira para Almendralejo duas companhias de infantaria, levantadas de novo, que marchavão de Granada para Badajoz: investindo-as com valor, as desbaratou com confusão, deixando-lhes feridos os dois Capitães, e muitos Soldados, voltando carregado de despojos, sendo os de maior estimação as duas Bandeiras das companhias, que o Conde de Atouguia mandou a El-Rei.

Não melhorava ElRei com os annos nem de inclinações, nem de exercicios, tendo grande communicação com Antonio Conti, e seu irmão João Conti, que haviam facilitado a entrada a outros homens de baixa condição.

A 15 de Março morreu o Conde de Odemira. Nos dias da sua doença foi visitado por ElRei, e pelo Infante. Deixou elle sua filha mais velha, viuva do Conde da Feira, casada com o Duque de Cadaval, por lhe não ficarem filhos do primeiro matrimonio.

Neste anno se desposou a Infanta D. Catharina com ElRei de Inglaterra Carlos II. 1662

A grande gloria, que o Marquez de Marialva havia conseguido na batalha de Linhas d'Elvas, fez com que a Rainha o nomeasse Governador da Provincia do Alemtéjo, para onde partio logo, e fez progressos proprios do seu valor.

Tendo a Rainha dado, a 4 de Junho, quarto ao Infante D. Pedro,

e dispondo-se a entregar o governo a seu filho ElRei D. Affonso VI., mandou a 16 de Junho prender Antonio Conti, seu irmão João Conti, e outros tambem socios do partido d'ElRei; e nesse mesmo dia forão conduzidos a hum navio, que os levou desterrados para a Bahia, sem que ElRei o soubesse, fazendo-se tudo isto durante o tempo em que esteve no despacho.

No dia 23 de Junho, juntos no Paço todos os Tribunaes, Nobreza, e principaes do Povo, entregou a Rainha os Sellos Reaes a seu filho, e dimitindo com elles de si o governo, ficou ElRei de posse do Reino. Foi este o ultimo successo do governo da Rainha D. Luiza.

Logo que a Rainha se separou do governo, deo principio á fundação do Convento das Religiozas Agostinhas Descalças em huma quinta, de que-lhes fez offerta o Conde da Ponte, situada sobre o Téjo no sitio do Grillo.

1663

Nomeou ElRei para Governador

da Provincia do Alemtéjo o Conde de Villa-Flôr D. Sancho Manoel, que, partindo para o Governo nos primeiros dias de Março, tratou com grande actividade das prevenções do exercito, e defesa da Provincia.

A 6 de Maio mandou D. João da Silva, que assistia em Elvas, aviso ao Conde de Villa-Flôr, que D. João d'Austria sahira com o seu exercito de Badajoz, e ficava alojado sobre as Barrocas de Caya. Constava o exercito de doze mil infantes, seis mil e quinhentos cavallos, dezoito peças de artilharia, em que entravão seis meios canhões, tres morteiros, quantidade de munições, e mantimentos conduzidos em tres mil carros, e muitas bagagens. Alojou-se o exercito de Castella no Ameixial distante huma legoa de Extremôs para a parte d'Evora; e vindo sobre esta Cidade a tomárão. De Extremôs sahio o nosso exercito a 22 de Maio a socorrer Evora, que constava de onze mil infantes pagos, e Auxiliares divididos em vinte e hum esquadrão,

e de tres mil cavallos, repartidos em sessenta e quatro batalhões, de quinze peças de artilharia, com todas as munições necessarias; porém chegando a Évora acháráo rendida a Praça, tendo D. João d'Austria entrado triunfante nesta Cidade. D. João d'Austria mandando tres mil cavallos, e dois mil infantès a Alcacer do Sal, Villa situada sobre o Rio Sado, que junto á Praça de Setubal desagúa no mar Oceano, conseguem os Castelhanos a entrada nesta Villa.

Resolverão-se os nossos Cabos dar a batalha no sitio do Ameixial; para ahi fazem marchar o exercito. Era Governador das Armas D. Sancho Manoel, Conde de Villa-Flôr: General de cavallaria Diniz de Meljo de Castro: da artilharia D. Luiz de Menezes: Governador das armas estrangeiras, com exercicio de Mestre de Campo General, o Conde Schomberg. Seguiu o exercito a marcha sem alguma oppozição; e depois de tomar varios pontos; se alojou sobre Odegebe, rio que nasce na Serra

de Ossa, e corre humia legoa distãnte de d'Evora. Marchou ao mesmo tempo D. João d'Austria na volta do mesmo rio; e na passagem delle padeceo tanto estrago da nossa artilharia, que ficou o campo juncado de cadaveres.

No dia 8 de Junho á tarde, se achava D. João d'Austria aquartelado com a maior parte do exercito em hum monte tão eminente, que elle mesmo o comparou ao Castello de Milão; e na Carta, que escreveo a ElRei seu Pai depois da batalha, lhe dizia: «Que não formara a natureza melhor, nem mais segura praça d'Armas dõ que aquella emittencia.» Por outras estava dividido o resto do exercito, e em todas o atacarão ao mesmo tempo os nossos, subindo (dizia tambem D. João de Austria na mesma carta) como gateando. Subirão os nossos por entre choveiros de balas, e, apezar da dura resistencia, chegarão ao alto daquelles montes: combâterão o inimigo com bal valor, que em pouco tempo

foi totalmente desbaratado hum exercito, que poucas horas antes se considerava incontrastavel, tanto pela capacidade dos Cabos, como pelo valor dos Soldados, e fortaleza do sitio.

A perda dos Castelhanos nesta batalha foi muito consideravel: ficarão no campo mais de quatro mil mortos de todas as Nações; e os prisioneiros passarão de seis mil, em que entravão dois mil e quinhentos feridos. Forão os Officiaes de maior supposição cinco Mestres de Campo Castelhanos, dois Coroneis Alemães, quatro Commissarios-Geraes de Cavallaria, hum Tenente Mestre de Campo General, onze Capitães de cavallos, setenta e cinco de infantaria, vinte e dois reformados, trinta Alferes, grande numero de Officiaes menores, e de pessoas de qualidade, entrando nellas o Marquez de Liche, herdeiro de dois validos, e cinco vezes grande de Hespanha; o Mestre de Campo D. Angelo de Gusmão, filho do Duque de Midina de las

Torres; O Conde de Escalante D. João Henriques: e das tropas Estrangeiras o Conde de Fiesca; o Conde de But; o Conde de Locesquein, Tomarão-se oito peças de Artilharia, que erão todas as que trazia o exercito, hum morteiro, grande quantidade de armas, mil e quatrocentos cavallos, que se trepolarão pelas companhias, fóra outros muitos de que se não fez lista, tomados pelos paizanos, e soldados. Mais de dous mil carros carregados de alfaias preciozas, em que entrava quantidade de prata, ouro, e joias; dezoito carroças, tres dellas da pessoa de D. João d'Austria, a sua Secretaria com todos os papeis, que continhão os segredos mais importantes; doze Bandeiras de infantaria, quantidade de Estandartes de Cavallaria, e o mais importante para a gloria militar, que foi a de D. João com as Armas Reaes de Castella, por huma parte custozamente orçadas, e da outra huma empreza, que mostrava o Sol em campo celeste, dando resplendor á Lua entre Estrel-

las, com huma letra que dizia: *Si no es Sol, será Deidad.*

Dos Portuguezes morrerão mil soldados, e ficarão quinhentos feridos. Entre os mortos causou grande sentimento a perda de Manoel Freire de Andrade, General da Cavallaria da Beira, pelo seu grande valor, zelo, e actividade; Diogo Soares de Almeida, Mestre de Campo do Terço dos Auxiliares do Crafo; Fernão Martins de Seixas, Tenente de Mestre de Campo General; Christovão de Brito, Capitão de Arcabuzeiros da guarda do Conde de Villa-Flor, e os Capitães de Cavallos, Luiz Vaz de Sequeira, Estevão Soares, João Torres de Sequeira; os Capitães de Infantaria Paulo Nogueira, João da Silva Barboza, Pedro Alvares, João de Moura, Manoel Gonçalves de Carvalho, Domingos de Almeida, e Jeronimo Moreira: e ficarão muitos officiaes feridos. D. João d'Austria, perdida a batalha, se retirou para Aronches, e daqui para Badajoz.

... O Conde de Villa-Flor mandou

Logo Jeronimo de Mendonça, levou a ElRei a alegre noticia da Victoria. Chegou a Lisboa no dia seguinte, que era Sabbado 9 de Junho, ás onze horas da noite. Logo que se divulgou a noticia, baixou ElRei, acompanhado do Infante, á Capella dar as graças ao Altissimo. Forão muitas as Festas que se fizerão; e ElRei, mandou fazer suffragios, e dizer quantidade de Missas pelos Officiaes, e soldados que morrerão na batalha.

Conseguida esta Victoria, marchou o exercito vencedor a recuperar a Cidade d'Evora com o soccorro de tres mil e quinhentos infantes, e trezentos cavallos, que de Lisboa conduzio o Marquez de Marialva, seguido de muitos Titulos, e Cavalleiros principaes da Corte: o que com effeito conseguirão tomando por capitulação a Cidade d'Evora no dia 24 de Junho. Ficarão nos Baluartes montadas treze peças de Artilharia, em que entravão seis meios canhões. Sahirão da Praça tres mil e duzentos

infantes, e oitocentos e doze cavallos.

Em quanto D. João d'Austría passa de Badajoz a Madrid a tratar com seu Pai dos meios de se vingar da offensa recebida, vem o Conde de Villa-Flor com licença d'ElRei receber os applauzos devidos ao seu merecimento.

No dia 2 de Julho vindo o Duque de Ossuna tomar a Praça de Almeida, a investio por cinco partes, sendo em todas ellas repellidos os Castelhanos pelo valor dos Portuguezes. O Duque de Ossuna, reforçando os soccorros, e animando os combates, se considerava senhor da empreza; porém a vigilancia, com que a todas as partes acodia Diogo Gomes, e o valor, com que defenderão a brecha os Capitães de cavallos de Tras os Montes, obrigou o Duque a retirar-se para a Cidade de Rodrigo com perda de quatrocentos infantes. Morrerão na Praça cincoenta soldados, e ficarão outros tantos feridos; e logrou

Diogo Gomes universal estimação do valor, e acerto com que preservou na defenza della toda aquella Provincia.

Nos primeiros dias de Janeiro 1664 passou ElRei, acompanhado do Infante a Santarem, a lançar a primeira pedra na Igreja de Nossa Senhora da Piedade dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho, situada no chão da Feira, a 25 de Janeiro, orago, a que a devoção attribuiu a Victoria do Canal; affirmando-se, que, sendo de barro a materia de que era formada, se virão na vespera daquelle dia na milagroza Imagem movimentos sobrenaturaes á vista de todo o povo. O como esta Imagem escapou na invasão dos Francezes em 1810, nós o veremos, tratando dos estragos da Villa de Santarem, no seu competente lugar.

O Conde de Villa-Flôr, passando a Lisboa, se deo por desobrigado do governo das Armas da Provincia do Alemtéjo, sendo logo nomeado em seu lugar o Marquez de Marialva

com o Título de Capitão General, que neste mesmo anno tomou a Praça de Valença aos Castelhanos.

Resolvida a Rainha a deixar a Corte, se recolheu no dia 17 de Março, Sabbado de Ramos, ao Convento do Grito, que ainda não estava acabado. Sâhi do Paço acompanhada d'ElRei, do Infante, e de toda a Nobreza, que a seguirão até entrar nas ditas, poucas e imperfeitas, casas do Convento.

Logo neste anno chegarão a Lisboa Antonio Conti, e João Conti por ordem occulta d'ElRei; porém não podendo existir na Corte se retirou Antonio Conti á sua quinta de Oeiras, e depois foi mandado residir na Cidade do Porto. João Conti se contentou com a Thesouraria, e Beneficio de S. Miguel de Freixo: tendo ambos rendas sufficientes para passarem a vida.

A 20 de Março, intentando ganhar Valença o Principe de Parma, General da Cavallaria Estrangeira de Castella, com dous mil, infantes, e

tres mil e quinhentos cavallos, se vio obrigado a retirar-se com grande perda para o Membrilho.

Elegendo ElRei D. Filippe General do Exercito da Extremadura ao Marquez de Carracena, este afirma logo dar-lhe pouco cuidado a conquista de Portugal; porque todos os infortunios, que Castella havia padecido na guerra antecedente, dizia elle, se originarão mais da ignorancia dos Cabos, que commandavão os exercitos, que do valor dos Portuguezes; porque todos se empenhãõ em conquistar Praças fronteiras, havendo ser o principal, e unico objecto a empreza de Lisboa; porque só cortando-se a cabeça, acabava de hum golpe o corpo de huma Monarchia; que D. Luiz de Haro fora desbaratado sobre a Praça d'Elvas, e D. João d'Austria depois de haver ganhado Evora: e que se huns, e outros se não houverão dilatado nestas emprezas de poucas consequencias, e marchassem a Lisboa, lograrião melhor os seus intentos, e não darião

lugar á união das forças Portuguezas, ao passo que desbaratavão as proprias: que Scipião sem Cartago não triunfaria dos Africanos, e Cezar sem Roma não conseguiria o dominio do imperio; e que sendo maior perigo dos conquistadores perder batalhas, que até esta fortuna dos conquistadores os destruia; porque, não podendo comprar as victorias sem o preço de muitas vidas, se arruinavão nas felicidades; e por conclusão consistia a conquista de Portugal em ganhar Lisboa, ou ao menos a Villa de Setubal, para que huma só acção arrastrasse muitas consequencias, e os soccorros maritimos pudessem sustentar hum dos dous lugares, que se conquistassem. Tal foi o discurso, que expôs a ElRei Philippe o Marquez de Carracena. Approvou ElRei a resolução; e nomeou ao Duque de Aveiro General d'Armada, e o mandou passar a Cadiz apparelhar trinta Navios, e vinte Galés, em que haviam de embarcar oito mil soldados, grande numero de munições, manti-

mentos, e petrechos de guerra, que não teve effeito.

No principio de Maio, chegou o Marquez de Carracena a Badajoz com o seu poderozo exercito. O Marquez de Marialva prevenio outro.

No primeiro de Junho se poz em marcha o exercito Castelhana com intento de ganhar Villa Viçosa. Consta va elle de quinze mil infantes, sete mil e seiscentos cavallos, quatorze peças de artilharia, dous morteiros, grande numero de munições, e quantidade de carruagens de mantimentos. Entrou o Marquez o tirretorio de Villa Viçosa, dando no dia 13, e 14 os primeiros assaltos áquella Praça, a que os valorosos defensores resistirão com valor, e admiração do Marquez de Carracena. A 15 intentarão os Castelhanos queimar a estacada; porém, sendo rebatidos, perderão os instrumentos desta operação.

De Extremós parte o Marquez de Marialva a soccorrer Villa Viçosa. Consta va o nosso exercito de quinze mil infantes, divididos em vinte e oito

esquadrões: a cavallaria se compunha de cinco mil e quinhentos cavallos; compunha-se o trem da artilharia de vinte peças, e tudo o mais preciso para a manobra: era Mestre de Campo General o Conde Schomberg; General de cavallaria Diniz de Mello de Castro: da artilharia D. Luiz de Menezes, entrando neste exercito quasi toda a Nobreza de Portugal.

Ao romper da manhã 17 de Junho, distribuidas as ordens, e signalados os postos, se poz o exercito em movimento: formados os dous exercitos no sitio de Montes-Claros, se dividirão os Generaes pelos postos mais importantes. O Marquez de Marialva, depois de haver corrido todos os postos com semblante alegre e risinho, proferio estas palavras.

« Segunda vez, valerosos solda-
 « dos, por Divina permissão corre por
 « minha conta exhortar-vos a conse-
 « guirdes, rompendo pelos perigos de
 « huma batalha, as consequencias de
 « huma victoria; e se na primeira,
 « na occasião de Linhas d'Evas, jul

« gastes as minhas razões forçosas,
 « he agora razão, que as avalieis in-
 « vencíveis; pois se multiplicarão de
 « sorte as experiencias do vosso valor,
 « e da vossa felicidade, que podeis
 « contar esta victoria (que supponho
 « infallivelmente alcançada) como tri-
 « buto indispensavel, que vos paga
 « a fortuna. Compunha-se o pequeno
 « exercito, com que rompemos as
 « linhas d'Elvas, de poucas tropas
 « pagas, as mais Auxiliares, e Or-
 « denanças: e com este inferior par-
 « tido vencemos hum exercito forti-
 « ficado, numerozo, e veterano: se-
 « guirão-se a este tão multiplicados
 « e gloriosos successos, que, ainda que
 « o tempo fora mais dilatado, me não
 « pudera dar lugar para referillos: va-
 « lha-se cada hum de vós da sua me-
 « moria, que he o melhor mappá;
 « em que costumão debuxar-se as
 « glorias; lembrando-vos porém das
 « campanhas antecedentes; porque
 « forão muitas as circumstancias ma-
 « ravilhosas da batalha do Canal, da
 « recuperação d'Evora, da batalha de

“Castello-Rodrigo, da Tomada de
“Valença, e dos progressos das Pro-
“vincias de Entre Douro, e Minho,
“Beira, e Traz os Montes, que, não
“podendo desenganar a arrogancia
“de nossos inimigos, esta os obriga
“a buscar-nos na desordem, tendo-nos
“por invenciveis no valor; porém
“vencendo as nossas experiencias até
“a incontrastavel ligeireza do tempo,
“temos conseguido formar o exerci-
“to em perfeita regularidade, com
“vantagem singular no sitio, que oc-
“cupamos. Espero, que rebatamos o
“primeiro impulso dos Castelhanos,
“na certeza de que esta primeira ac-
“ção nos segura a victoria; porque,
“como he tão distante a divisão, que
“fica entre o corpo de cavallaria,
“e infantaria inimiga, e tambem em-
“baraçado o terreno, difficultosamen-
“te poderá tomar fórma o exercito
“de Castella, desvanecido o impetó
“do primeiro combate: e como re-
“conheço, que sois todos tão destros,
“que não dependeis de mais ordens;
“que das vossas experiencias, execu-

«tai o que vos ensinarem os acciden-
 «tes deste conflicto, valendo-vos da
 «doutrina, que aprendestes nos suc-
 «cessos passados, e conseguireis infal-
 «ivelmente na presente occasião su-
 «perior victoria a todas as outras,
 «que tendes alcançado.»

Esta falla excitou nos corações de todos os mais ardentes desejos do combate, e de praticar acções dignas de immortal memoria. O Marquez de Carracena tambem animou os seus soldados com outra falla; arguindo aos Cabos antecedentes, desapprovando o seu systema, dizendo: ser Portugal muito grande Reino para se ganhar Praça a Praça; e muito pequeno para resistir á perda de huma batalha, principalmente não podendo ser soccorrido dos seus alliados, senão pelas incertezas da navegação: concluindo, que, se ganhassem aquella batalha, se podia dar sem duvida Portugal por conquistado. O Marquez de Carracena subio ao alto da grande serra da Vigayra, que ficava em igual distancia de hum, e outro cor-

ad
inc
nan
ois c
a ta
t, e
a a
e C
via a
tros
ualic
vendo
i pelo
fa seg
ndo a
nos,
te con
render
Praça
ia, qu
Com
da, e al
que não
opa,
o c

dito havia pas
a marcha. Logo que
tário, marcharia par
passarão de outra parti
S Pampayo; ocupou
to o sítio de S. Colm
dia o seguinte queimada
ranho, e nella as fibe
e biscoitos, que ali
Cito inimigo, e de
destruidos foi en
mais sitiado a Vi
Forte se enre
de Bover
Notam
o c



...nacez D. Matheo
...do Imperador Te-
...pe teve tres filhos, e
...foi D. Margarida de
...ta mulher do Impera-
...Jaz sepultado no Most-
...al. Deixou o governo
...que a Rainha na mo-
...filho Carlos II., que
...Coroa, de que hou-
...berão entre ella,
...ris.

1666

...mo morreu a Rai-
...D. Anna d'Austria,
...a XIV.

...po passou ElRei D.
......sumpções
......berão
......ha na
......a sua
......atido
......inter-
......ElRei:
......que
......ris
......o a



po. Avistado hum; e outro exercito; se deo principio á batalha ás oito horas da manhã; e foi tão violenta; que; depois de sete horas de combate; ás três da tarde cederão os inimigos a victoria, e obrigou o Marquez de Carracena a retirar-se, seguido do Duque de Ossuna, que como particular havia assistido nesta campanha; e de outros officiaes, e pessoas de grande qualidade. O Marquez de Marialva, vendo, que a infantaria persistia em pelejar, marchou com os Terços da segunda linha, e rezerva; e investindo acabou de desbaratar os Castelhanos, e entrou victorioso, e triunfante com o exercito por Villa-Viçosa, rendendo-se, antes de chegar áquella Praça, hum grande corpo de infantaria, que se havia retirado de Borba. Com esta victoria ficou tão prostrada, e abatida a vaidade Castelhana; que não só Portugal; mas toda a Europa, triunfou da sua desgraça.

Passarão de quatro mil mortos, que ficarão na campanha, do exercito

de Castella, e de seis mil priziõneiros, em que entrãõ muitos Grandes de Hespanha. Tomãõ-se tres mil e quinhentos cavallos, que se dividirão pelas companhias, e pelo Reino, quatorze peças de artilharia, dous morteiros, quantidade de balas, todas as armas da infantaria; porque toda a que se achou na batalha ficou em Portugal: oitenta e seis Bandeiras de infantaria, dezoito de cavallaria, os timballes do Marquez de Carracena, e do Principe de Parma, e outras muitas cousas mais pertencentes ao exercito.

A nossa perda não passou de setecentos mortos: os feridos passarão de dous mil.

Chegando o exercito a Villa-Viciosa, entrou o Marquez de Marialva na Ciudadella; e deo os seus agradecimentos aos valerosos Soldados, que, com tanto credito de suas pessoas, e glória de seus descendentes, se achãõ nesta acção.

Logo o Marquez de Marmandou dar parte a ElRei deste

cesso; e chegando a noticia no dia seguinte ás sete horas da tarde, baixou ElRei, e o Infante á Capella a dar as graças ao Senhor por tão assignalado beneficio. Da Capella sahio ElRei até á Sé, acompanhando o Santissimo Sacramento, que levou o Bispo de Targa (eleito de Lamego) e voltou ao Paço acompanhado da Nobreza, e seguido do Povo, que com vozes de alegria applaudia huma tão grande Victoria.

Recolhido ElRei ao Paço, despachou o Conde de Castello-Melhor hum correio ao Marquez de Marialva com carta d'ElRei; em que lhe agradecia o valor, e acerto com que havia procedido, e outras para os Cabos, e Officiaes-Maiores, e ordem para continuar nos progressos, na forma que julgasse mais conveniente ao credito, e utilidade das suas Armas.

Foi esta a ultima das seis batalhas, que os Portuguezes ganharão aos Castelhanos, depois da acclamação do Senhor Rei D. João IV., e a vi-

gessima primeira contando as de outros Seculos, como dizem os Escriptores, entre elles o Conde da Eriçeira, além de memoraveis recontros, em que os Portuguezes sempre sahirão victoriosos. Todas as Nações da Europa admirarão a victoria de Montes-Claros. Ella decidio ultimamente da sorte de Portugal, e da desgraça de Castella.

O Marquez de Carraena, retirando-se a Badajoz com as poucas tropas, que escapárão da batalha, escreveu a El Rei dando-lhe parte da infelicidade, que havia padecido, dizendo: que, observando os preceitos militares, atacára a batalha com firmes esperanças da victoria: que a pleiteara com grande ardor todo o tempo, que lhe fora possivel; porém, que, depois de passadas muitas horas de furioso combate, fora desbaratado com tão consideravel perda do exercito de Portugal, que brevemente determinava penetrar a Provincia do Alemtéjo, resolução de que esperava a consequencia de felizes successos;

porém, que, para executar este intento, necessitava de soccorros promptos; de gente, e dinheiro. Esta carta, levada por hum seu confidente, foi entregue na mão d'El Rei, que o achou no Bom-Retiro; e quando a lia, chegando aquelle ponto, em que o Marquez declarava, que o exercito fora desbaratado, a deixou cair das mãos, dizendo: = Parece, que lo quiere Diós = e sem dar outra resposta ao Official, que lhe levou a carta, se recolheu com mostras de grande sentimento.

Poucos dias depois de aquartelado o exercito, voltou o Marquez de Marialva a Lisboa a receber os bem merecidos louvores de seu heroismo.

O Marquez de Carracena deitava mostrar ao Mundo o dezejo, em que estava de emendar o máo successo de Montes-Claros; por cujo motivo, não podendo conseguir maiores progressos, fazia varias entradas em lugares abertos, e quasi despovoados, e conseguia referirem-se estes succes-

308 nas Gazetas Castelhanas, dando-se títulos de Cidades populosas aos lugares em que entravão. Porém, conhecendo-se o engano, excitou contra si a raiva dos Castelhanos, que lhe foi mais sensivel, que a perda da batalha.

A 28 de Outubro sahio o Conde de Prado, Governador das Armas de Entre-Douro e Minho, com o exercito em campanha, passou o Rio Minho junto ao Forte de Gayáo: deteve-se dois dias para aperfeçoar a forma da marcha; passados elles, a continuou em tres linhas, e entrou em Galiza sem opposição. Depois de saqueado o districto de Val de Rosal, passou asperissimas Serras, e destruiu os Valles de Minhóz, e Frago-so, havendo desbaratado a Villa de Gondomar. Depois empregou o exercito em saquear a Villa de Boucas, que fica sobre o mar, junto a Vigo. Luiz Poderico, Vice-Rei de Galiza, juntou cinco mil infantes, e oitocentos cavallos; e occupou a Portela de S. Colmado, sitio, por onde o exer-

cito havia passar, querendo continuar a marcha. Logo que os nossos os avis-tárão, marcharão para Redondela, e passarão da outra parte da ponte de S. Pampayo: occupou o nosso exercito o sitio de S. Colmado; e foi no dia seguinte queimada a Villa de Por-rinho, e nella as fabricas de farinhas, e biscoitos, que alimentavão o exer-cito inimigo, e de todos os lugares destruidos foi grande o despojo. De- pois sitiárão a Villa da Guarda, cu- jo Forte se entregou por capitulação a 20 de Novembro.

Neste mesmo anno a 7 de Setem- bro morreo ElRei Philippe, na idade de sessenta e hum annos, havendo rei- nado quarenta e cinco, e governado Portugal dezenove annos e sete me- zes. Casou a primeira vez com a Prin- ceza D. Izabel de Borbon, filha de Henrique IV. Rei de França, de que teve oito filhos, o Principe D. Bal- thazar, que morreo mancebo, a Prin- ceza D. Maria Thereza, que casou com ElRei de França Luiz XIV., os seis morrerão meninos. Casou segun-

da vez com a Princeza D. Marianna d'Austria, filha do Imperador Fernando III. de que teve tres filhos, e huma filha, que foi D. Margarida de Austria, primeira mulher do Imperador Leopoldo I. Jaz sepultado no Mosteiro do Escorial. Deixou o governo do Reino entregue á Rainha na menoridade de seu filho Carlos II., que lhe succedeo na Corôa, de que houverão perigosas dissensões entre ella, e D. João d'Austria.

1666

A 20 de Janeiro morreo a Rainha de França D. Anna d'Austria, Mãi d'ElRei Luiz XIV.

Por este tempo passou ElRei D. Affonso á Salvaterra, acompanhado do Infante D. Pedro. Aqui receberam a noticia da molestia da Rainha sua Mãi, que por cartas participou a seus filhos o estado da sua saude, e se despedia delles, deitando-lhes suas maternaes benções. Dizia a carta d'ElRei: « Filho, fico em tal estado, que se duvidão os Medicos da minha vida, e eu com elles entendo, que não posso durar muito. Resolvi-me a

« fazer a Vossa Magestade, este aviso ;
 « porque não sei, se o tempo dará lu-
 « gar a outra prevenção. No aperto
 « desta hora só lembra o remedio da
 « alma, e achando-me impossibilita-
 « da para o descargo della, só de vós,
 « como meu filho, posso fazer esta
 « confiança. Tudo vos digo, lembram-
 « do-vos que sou vossa Mãe, e tudo
 « espero de vós, quando reconheçais
 « as obrigações com que nascestes,
 « Aqui espero a morte entre as lagrimas
 « mas daquelles a que fallo, sendo o
 « meu maior sentimento o seu desapa-
 « paro. Peço-vos, que depois de fa-
 « zerdes o que deveis pela minha al-
 « ma, pagueis por mim o muito que
 « eu devo aos que me acompanhãõ,
 « e juntamente que nas minhas fun-
 « dações acabeis de fazer o que não
 « pude, pois Deos assim o quer, e
 « elle permittir que acabe sem que
 « vos veja, só a minha benção vos
 « deixa, porque só esta tenho que
 « deixar-vos, advertindo-vos, que me
 « não ha de Deos de pedir conta da
 « não tratar sempre a Vossa Magestade

«tade como filho, que espero guar-
 «de, e defenda a Vossa Magestade
 «largos, e felizes annos. Xabregas
 «26 de Fevereiro de 1666.»

«M. I. Leopoldo V. e. etc. etc. etc. etc. etc.
 «instante por sup. etc. etc. etc. etc. etc.
 «1707. Obsta. O. etc. etc. etc. etc. etc.
 «Dizja a Carta do Infante:»

«Filho, o tempo, que me pode
 «durar a vida, he tão pouco, que por
 «instantes me vejo acabar. Sou Vos-
 «sa Mãe, e estando de occatinho pa-
 «sara a sepultura, e não vos quero dei-
 «xar sem a minha benção, com ella
 «vos encomendo o temor de Deos,
 «e a obediencia do vosso irmão, em
 «que vos fica toda a felicidade; e
 «ultimamente que depois da minha
 «morte vos lembreis da minha alma,
 «que tudo deixeis ao meu amor. Deos
 «vos guarde felizes, e dilatados an-
 «nos. Xabregas 26 de Fevereiro de
 «1666.»

«M. I. Leopoldo V. e. etc. etc. etc. etc. etc.
 «instante por sup. etc. etc. etc. etc. etc.
 «1707. Obsta. O. etc. etc. etc. etc. etc.
 «Dizja a Carta do Infante:»

«A carta para sua filha a Rainha»

da Grã-Bretanha D. Catharina dizia assim:

«Filha, o tempo que me pôde
«durar a vida na occasião em que
«mando fazer esta a Vossa Mage-
«dade he tão pouco, que por instan-
«tes me vejo acabar. O estado, em
«que me achio de presente, não dá
«lugar a maiores legados, que a mi-
«nha benção, esta vos lanço da ca-
«cema em que fico, lembrando-vos
«com ella o lugar em que estaes, e
«as obrigações com que fostes para
«elle: sois filha da Igreja Catholica,
«e ainda mais que minha, nisto vos
«digo tudo quanto posso nesta ho-
«ra, fiando do vosso amor, que vos
«lembrareis muito da minha alma,
«que vo-lo soube eu merecer em mi-
«nha vida. Xabregas 26 de Fevereiro
«ro de 1666.»

Fez também neste dia sexta fei-
ra o seu Testamento, em que no-
meou a EIRÊI seu filho herdeiro, e
Testamenteiro.

No dia 27 Sabbado, recebeu o
Viatico por mão do Vigario dos Oli-

paes, por não faltar no exemplo da
 obediencia á Freguezia. A's dez ho-
 ras da manhã se deu recado á Rai-
 nha da chegada do Marquez de Gou-
 vea, Mordomo-Mór d'ElRei seu fi-
 lho, e Simão de Vasconcellos e Sou-
 za, Governador da Casa do Infante,
 que ámbos lhe trazião a resposta das
 suas cartas. Mandouy que entrassem,
 e ámbos lhe beijádo a mão, com
 grande sentimento de amor, e lhe en-
 tregádo as cartas, e despedidos os
 Fidalgos, as mandou ler, que ouviu
 com muita attenção. Dizia a carta
 d'ElRei.

« Como desgosto, que merece
 « esta nova, que por certidão de Vossa
 « Magestade recebo, fico de caminho
 « com toda a pressa, pedindo a Deos,
 « que permita tenha eu a consolação
 « de beijar a mão de Vossa Mages-
 « tade, e, para que seja a Vossa Ma-
 « gestade presente esta minha resolu-
 « ção, despacho ao Marquez de Gou-
 « vea meu Mordomo-Mór, ordenan-
 « do-lhe que com a maior brevidade
 « chegue aos pés de Vossa Magesta-

«de, e acontecendo, que a desgraça
 «de todos seja de maneira, que eu
 «o não faça a tempo de o dizer a
 «Vossa Magestade, as obrigações de
 «filho de Vossa Magestade com, que
 «nasci, me não esquecerão nunca,
 «e conforme a isso experimentarão
 «as pessoas, que servem a Vossa
 «Magestade, que mais, que se amim
 «fora, estimo em os serviços, que a
 «Vossa Magestade tem feito, e que
 «as fundações de Vossa Magestade
 «ajudarem com todo o calor, como
 «por esta carta faço, e espero em
 «Deos, que ha de dar a Vossa Ma-
 «gestade isto que refiro. Guarde Deos
 «a Real Pessoa de Vossa Magestade
 «como dezejo, e hei mister. Salva-
 «tetras 26 de Fevereiro de 1666. Bei-
 «jas as mãos de Vossa Magestade o
 «seu muito obediente filho.

Rei.

Continha a carta do Infante o
 seguinte:
 «Minha Mãe, e Senhora, se

com tão poucas regras pudera' expli-
 car as ancias, com que fica o meu
 coração, depois de haver recebido
 a carta o que Vossa Magestade me
 fez mercê escrever, conhecera Vos-
 sa Magestade o como correspon-
 dentes as lagrimas exteriores ao sen-
 timento, que a alma padece na con-
 sideração da falta de humá tão gran-
 de Mãe, como Vossa Magestade;
 e de hum. tão obediente filho, co-
 mo eu sou, se pôde erer, qud pela
 doutrina de Vossa Magestade não
 faltará nunca no temor de Deos,
 e na obediencia d'El Rei meu Sen-
 hor. Fio da Misericordia Divina,
 que me não castigue tão rigorosa-
 mente, e que ha de dilatar a Vossa
 Magestade por muitos annos a vida,
 que hei de mistar. A Real Pessoa
 de Vossa Magestade guarde Deos,
 como eu mais que todos dezejo.
 Solterra 26 de Fevereiro de 1666.
 Filho mais obediente.
 O Infante.

Ouvindo a Rainha estas cartas com grande ternura, esperava ansiosa seus filhos; porém vendo que não vinhão levantou a mão, e lançou a bênção para a porta, por onde elles devião entrar. A's oito horas entrou ElRei, e Infante acompanhados do Conde de Castello-Melhor, e de Simão de Vasconcellos; puzerão-se de joelhos, e pedirão a sua Mãe a bênção, e não podendõ ella já responder-lhes, mais que com a ternura dos olhos, lhe tirou a mão que estava cuberta D. Izabel de Castro; seus filhos lhe beijarão a mão, e feita esta cerimonia, voltarão ao Paço; e pouco depois ás nove horas da noite expirou, tendo recebido todos os Sacramentos, e pedido a todos geralmente perdão, contando cincoenta e tres annos, quatro mezes, e quinze dias de idade.

Em virtude do seu Testamento foi o seu Real corpo depositado na Igreja de = Corpus Christi = no Hospicio dos Carmelitas Descalços, em quanto se não acabava a Igreja do

Mosteiro das Religiozas Descalças de Santo Agostinho, que ella havia fundado, e dotado. Porém logo que elle se acabou, foi para ahi trasladado o seu corpo por seu neto, o Senhor Rei D. João V., a 17 de Junho de 1717, onde jaz de traz do Altar-Mór.

Por morte da Rainha se entregou ElRei de tal sorte aos seus divertimentos, que o governo do Reino estava todo no poder do Conde de Castello-Melhor. Isto não obstante, mandou continuar as obras, que sua Mãi tinha principiado, e tomou em muita consideração toda a familia, que pela mesma sua Mãi lhe foi recommendado.

Neste mesmo anno se ajustou o casamento d'ElRei D. Affonso VI com a Princeza D. Maria Francisca Izabel de Saboya, Duqueza de Nemours, e de Aumalle, por Francisco de Mello Torres, Marquez de Sandede, e Conde da Ponte, como Procurador, e Embaixador extraordinario d'ElRei D. Affonso na Córte de França.

De Pariz partio a Princeza a 29 de Maio, chegando a Arrochella em vinte e dois dias, cento e vinte legoas de Pariz, acompanhada do Marquez de Sande, e outros. Vindo em huma Armada de dez navios de guerra, em que embarcou a 4 de Julho, chegou a Lisboa a 2 de Agosto, dando fundo na Junqueira ao meio dia. Abordo da Capitania chegou o Conde de Castello-Melhor, e a Marqueza sua Mãi, a quem ElRei havia nomeado Camareira-Mór da Rainha, ficando a Marqueza assistindo a sua Ama: voltou o Conde a buscar ElRei, o qual sahio do Paço ás seis horas da tarde, ricamente vestido, acompanhado do Infante. Chegou o Bergantim d'ElRei á Capitania, em que a Rainha vinha embarcada. A porta da Camara veio receber a ElRei. Chegou o Infante a beijar-lhe a mão, e não consentio que ajoelhasse. No dia seguinte foi o desembarque. Seguidos os Monarchas de toda a Corte, se apeirão já de noite na Igreja das Religiozas Flamengas Reco-

letas da Ordem do meu Padre S. Francisco, Convento que fica unido á Quinta d'El-Rei, chamada da Tapada de Alcantara, que estava prevenida para sua assistencia, os dias que fossem necessarios, para se preparar a sua entrada em Lisboa. Lançou as benções aos desposados o Bispo de Targa, eleito de Lamego, e Capellão-Mór. Acabada a cerimonia, tornarão os Reis a entrar nas carroças, e passarão o breve transitó, que fica da Igreja á porta da Quinta. Acompanhou o Infante os Reis até á porta da segunda antecâmara, e se recolheu para a Quinta de Luiz Cezar de Menezes, que se lhe havia prevenido, por ficar pouco distante d'El-Rei.

Pouco depois partio a Armada para França; e acabados os arcos triumphaes, que erão dezeseis, entrarão os Reis em Lisboa a 29 de Agosto; onde se fizeram muitas, e grandes festas á sua chegada. Pouca distancia do primeiro arco estava levantado hum theatro, que occupava o Presi-

dente do Senado da Camara, Vereadores, e mais Ministros daquelle Tribunal. Acabada a Oração, que lhe fez Christovão Soares d'Abreu, Vereador mais antigo, entregou o Presidente da Camara Ruy Fernandes de Almada as chaves da Cidade a ElRei, que ordenou as desse á Rainha, e ella, acceitando-as, lhas tornou a entregar. Entrárão os Reis na Sé, onde se cantou o *Te Deum Laudamus*, e depois se recolherão ao Paço. A Rainha se agradou muito de tanto applauso, e magnificencia, com que foi recebida nesta Cidade.

No dia seguinte ao da entrada d'ElRei, sahio o Infante da Côte com a sua Casa, e foi assistir na Quinta de Queluz, duas legoas distante de Lisboa. Porém adoecendo a Rainha, vinha o Infante varias vezes de Queluz assistir no Paço, e á noute se tornava a recolher á dita Quinta. Por evitar este incommodo disse a Rainha ao Infante ser melhor assistir na Côte-Real durante os dias da sua molestia, o que elle acceitou.

Melhorando a Rainha, se continuárão as festas, que tiverão principio a 15 de Outubro.

Seguirão-se depois as dissensões entre ElRei, o Infante, e o Conde de Cattello-Melhor; por cujo motivo sahio este da Côrte despedindo-se d'ElRei, andando algum tempo incognito em Portugal. Passou incognito por Castella a França, de França a Saboya, e de Saboya a Inglaterra; e em dezoito annos, que esteve ausente da sua Patria, procurou sempre os interesses, e a gloria de Portugal, principalmente na assistencia da Rainha D. Catharina de Inglaterra, quando a furia dos hereges se conjurou contra a sua innocencia, e incomparaveis virtudes, como veremos, tratando desta Rainha, e por sua mediação alcançou d'ElRei no anno de 1667 licença para voltar a este Reino, e assistir na Villa do Pombal com a sua familia, e pouco depois lhe foi permittido o viver em Lisboa. Foi Luiz de Vasconcellos e Souza III. Conde de Castello-Melhor; Senhor

do Valelhas, Almendra, e Mouta Santa, Alcaide-Mór, e Comendador do Pombal, Senhor do Condado da Calheta, Reposteiro-Mór, Escrivão da Puridade, do Conselho d'Estado, e depois do Conselho d'Estado do Senhor Rei D. João V. Nasceu em 1636; e morreu a 15 de Agosto de 1720. Foi Ministro cheio de zelo, vigilância, e muita capacidade.

Ausente o Conde de Castello-Melhor da assistencia d'ElRei, intendendo o Infante, e todos os que lhe assistião, cessarião os movimentos que perturbavão o Reino: Intentou o Infante congraçar-se com ElRei, apartando-lhe do animo todo o receio, e desconfiança, de que elle estivesse persuadido; porém ElRei não só se não congraçou, mas concebeo contra o Infante temor, e odio em summo gráo.

Crescerão as perturbações no Reino; e pareceo o remedio mais saudavel a tantos males convocarem-se Côrtes, para que com a união dos Tres-Estados se desse forma ao go-

verno do Reino, e se pudessem atalhar as novidades escandalosas. Approvou o Infante esta opinião; porém, como para o ajuntamento das Côrtes era percibida a vontade d'ElRei, e esta era opposta a que se fizessem as Côrtes, o Senado da Câmara de Lisboa representou a ElRei em huma larga Consulta as muitas, e grandes materias, que exigião a união dos Tres Estados do Reino, por não ser possível determinarem-se sem estarem juntos; mas ElRei insistio em não consentir na convocação das Côrtes, apesar de o persuadirem a isso todos os Conselheiros d'Estado. Nesta perplexidade houverão varias opiniões; e foi o resultado dellas entregar-se o governo á Rainha, e ao Infante, ficando em ElRei a authoridade sem exercicio: o que o Marquez de Sande expoz ao Conselho de Estado, e não feve mais effeito, que a indignação d'ElRei.

Divulgando-se a incapacidade d'ElRei para o matrimonio, entrou o dissabor em todo o povo; e a Rai-

nha reduzida a grande afflicção determina deixar a Córte; e no dia 21 de Novembro pelas tres horas da tarde, assistida da familia, que a costumava acompanhar; entrou no Convento da Esperança da Ordem de Santa Clara; e logo que entrou entregou ao seu Mordomo-Mór huma carta, que levava escrita para ElRei, e continha as seguintes razões:

“ Deizei a Patria, a Casa, os
 “ Parentes, e vendi minha fazenda,
 “ por vir acompanhar Vossa Magestade com desejo de o fazer á sua
 “ satisfação, e tenho sentido muito
 “ a desgraça de o não poder conseguir,
 “ por mais que procurei; e obrigada
 “ da minha consciencia me resolvi
 “ em tornar para França nos Navios
 “ de guerra, que aqui chegarão. Peço
 “ a Vossa Magestade me faça mercê
 “ de dar-me licença para isso, e de
 “ me mandar entregar o meu dote;
 “ pois que Vossa Magestade sabe muito
 “ bem, que não estou casada com
 “ elle, e espero da grandeza de Vos-
 “ sa Magestade me mande fazer as;

“sim entrega do meu dote, como
“tambem o favor que merece huma
“Princesa Estrangeira, e desampara-
“da nestes Reinos, e que veio bus-
“car a Vossa Magestade de parte
“tão distante.”

Apenas ElRei recebeu esta carta, partio logo para o Convento da Esperança ; e achando as portas fechadas, mandou com furiosas vozes, que lhe trouxessem machados para se quebrarem : ao que se oppoz o Infante com grande resolução, e juntamente os Grandes, persuadindo a ElRei com fortes razões a desistir da empreza, e voltarão todos ao Paço acompanhando ElRei.

Na manhã do dia seguinte mandou a Rainha pedir ao Infante, quizesse ir fallar-lhe á grade da Igreja da Esperança : o que fez com licença d’ElRei, e a Rainha o encarregou da sua volta a França, e restituição do seu dote: o que elle prometteo fazer quanto lhe fosse possivel. Voltando ao Paço, participou a ElRei o negocio da Rainha, de que muito

se escandalizou. A Rainha fez com os Conselheiros d'Estado, e com os Titulos a mesma diligencia, que havia feito com o Infante, declarando a todos que a sua pertença era justificar em Juizo, que o matrimonio estava nullo pela impotencia d'ElRei; e informada a Rainha de que ao Cabido da Sé de Lisboa tocava ser Juiz da causa do divorcio; lhe escreveu huma carta, que continha as seguintes razões:

“ Apartei-me da companhia de
 “ Sua Magestade, que Deos guarde,
 “ por não haver tido effeito o matri-
 “ monio, em que nos concertamos,
 “ e por não poder soffrer mais tem-
 “ po os escrupulos de minha con-
 “ sciencia, que me fez dissimular até
 “ agora o amor que tenho e merecem
 “ estes Reinos. Espero que Sua Ma-
 “ gestade, como melhor testemunha
 “ da minha razão, a declare, para me
 “ recolher brevemente a França, sem
 “ embaraço á minha pessoa; e rogo
 “ ao Cabido da Santa Sé desta Cida-
 “ de, a quest por seus Ministros to-

"he ser Juizes desta causa, e que-
 "rão mandar abreviar, quanto for
 "possivel, favorecendo em tudo; o
 "que for justo, a huma Estrangeira
 "magoadá da desgraça de não pô-
 "der viver na terra, que não de tão
 "longe buscar com tanto gosto; e
 "pode muito confiadamente enten-
 "der de mim o Cabido, que em to-
 "da a parte, em que assistir, sabe-
 "rei reconhecer, e agradecer a cor-
 "tezia, com que me tratão. Lisboa
 "32 de Novembro de 1667."

Maria Francisca Izabel de Saboia.
 Juntou-se o Cabido; e lida a
 carta referida, respondeo a ella na
 forma seguinte:

"Leose neste Cabido com gran-
 "de sentimento a carta de Vossa Ma-
 "gestade; escrita em 27 do corren-
 "te, por ficarmos entendendo a re-
 "solução, que Vossa Magestade havia
 "tomado, de se recolher nesse Con-
 "vento; com determinação, de se vol-
 "tar a França, desamparando a Por-
 "tugal, onde he tão amada, e véné-
 "rada, e de procurar se annullé no

“ Juizo da Igreja o Matrimonio con-
 “ trahido entre ElRei Nosso Senhor,
 “ e Vossa Magestade. . .

“ Os termos, Senhora, ordina-
 “ rios da Justiça, que se permitem
 “ a qualquer pessoa particular, mal
 “ se podem negar a Vossa Magesta-
 “ de, quando as materias cheguem
 “ a este estado; porém concorrem
 “ neste negocio tantas circumstancias
 “ dignas de ponderação, que pedi-
 “ mos a Vossa Magestade licença, pa-
 “ ra que, antes de entrar nelle, o en-
 “ comendemos, e façamos encomei-
 “ dar a Deos, esperando da sua m-
 “ sericordia seja servido de o encami-
 “ nhar a seu santo intento, bem uni-
 “ versal deste Reino, e conservação
 “ de Vossa Magestade, a quem
 “ mesmo Senhor guarde por felice
 “ annos, como todos lhe pedimos,
 “ dezejamos.”

Reconhecendo os Conselheiro
 d’Estado, a Nobreza, e o Povo de
 Lisboa o perigo manifesto da Mo-
 narchia, que flutuava na ultima des-
 esperação de faltar ao Reino gover

no, e a ElRei Successores pela sua impotencia; originada da lesão com que ficara na enfermidade, que padecera nos seus primeiros annos, concordarão todos em darem o governo ao Infante. Por cujo motivo, no dia seguinte entrou no Paço o Marquez de Cascaes; e constando-lhe que ElRei ainda dormia; bateo á porta com tanta violencia, que acordou, e mandou que lhe abrissem. Entrou o Marquez com liberdade, chegou á cama d'ElRei, e lhe disse que não era tempo de dormir com tanto descanso, quando se tratava do grande negocio de pôr termo aos males do Reino; e visto que a Providencia lhe negara as acções para o governo, e da fecundidade para a geração, era nomeado o Infante para a Regencia do Reino, bem como o tinha sido D. Affonso III. pela incapacidade d'ElRei D. Sancho Capello; e o Infante D. Pedro na menoridade d'ElRei D. Affonso V.

A esta proposta do Marquez respondeo ElRei com vozes despropozi-

todas, e desordenada impaciencia, e a
 cujo estrondo entráráo os Conselhei-
 ros d'Estado, que estavam juntos, á
 presença d'ElRei; e persuadindo-o
 muito, o não resolverão, crescendo-
 lhe cada vez mais a ira, e desespera-
 ção. Passou o Duque de Cadaval a
 dar parte disto ao Infante, que achou
 acompanhado dos que familiarmente
 lhe assistião: a estes consultou o que
 devia fazer neste caso, os quaes res-
 ponderão, que o Infante era obriga-
 do no foro da consciencia, como im-
 mediato successor d'ElRei, a tomar
 posse do governo da Monarquia por
 qualquer caminho, que fosse factivel,
 visto ter apurado todas as diligencias
 para reduzir ElRei seu irmão á de-
 corosa, e amigavel correspondencia,
 concorrendo para este fim com zelo
 todos os que estavam presentes, e os
 mais que se achavão promptos a obe-
 decer-lhe; e que deste parecer erão
 os maiores Letrados, com quem se
 havia consultado este grande negocio.
 Convencido o Infante de razões tão
 fortes, resolveo á imitação de seu Rei

libertar a Patria da oppressão que padecia.

Com este intento, sahio da Côrte Real quarta feira 23 de Novembro pelas tres horas da tarde, acompanhado da maior parte da Nobreza de Lisboa, do Senado da Camara, Casa dos vinte e quatro, e de immenso povo. Apeou-se o Infante de hum carroça no pateo da Capella, baixarão a buscalo os Conselheiros d'Estado, subio ao quarto d'ElRei, junto com os Conselheiros d'Estado; e fazendo-lhe novas instancias, sendo todas baldadas, o Infante lhe fechou a porta pela parte de fora; e ordenou se fizesse o mesmo a todas aquellas portas por onde se pudesse comunicar. Os Moços da Camara, e patrulhas d'ElRei ainda arrombãõ humadallas, que ficava immediata á escada do corredor da Sala dos Fundescos; porém atemorizados, se retirãõ, e dezamparãõ o Paço, que todo se occupou de sentinellas, e rondas dos Terços da guarnição da Côrte, ficando ElRei acompanhado das

pessoas, que só se julgáão precisas;
 para assistirem ao seu serviço, entre
 os quaes forão Antonio de Cayide
 (que servia a ElRei de Secretario
 d'Estado), o qual sahio da Camara
 d'ElRei com o seguinte papel, que
 fez por intervenção sua, e propria le-
 tra :

“ElRei Nosso Senhor, tendo res-
 “peito ao Estado, em que o Reino
 “se acha, e ao que lhe representou o
 “Conselho d'Estado, e outras muitas
 “cousas, e razões, que a isso o obri-
 “gáão de seu motu proprio, poder
 “Real, e absoluto, há por bem fazer
 “desistencia destès seus Reinos, assim,
 “e da maneira, que os possui, de
 “hoje em diante, para todo sempre,
 “em a pessoa do Senhor Infante D.
 “Pedro seu irmão, e em seus legiti-
 “mos Descendentes, com declaração
 “que do melhor parado das rendas
 “delles reservassem mil cruzados de
 “renda em cada hum anno, dos quaes
 “poderá testar por sua morte por tem-
 “po de dez annos; e outro sim reser-
 “va a Casa de Bragança, com todas

“suas pertencas: e em fé, e verdade
 “de Sua Magestade assim o manda
 “cumprir, e guardar, me mandou
 “fazer este; e o firmou. Antonio de
 “Cavide o fez em Lisboa a 23 de
 “Novembro de 1667.”

Rei.

Achava-se o Infante no Conselho d'Estado, quando Antonio de Cavide entrou a entregar-lhe o referido papel, que leu Pedro Vieira da Silva, já restituído á sua antiga occupação de Secretario d'Estado pelo Infante. Mandou logo o Infante passar os despachos, que erão necessarios, para que se separassem os effeitos, que ElRei mandava reservar para seu sustento; e conferindo-se no Conselho d'Estado a parte, onde ElRei havia de assistir, se assentou, que fosse no mesmo quarto, em que estava, nomeando-se-lhes para o servirem as pessoas, de que mais se agradasse; e mandando-lhe o Infante perguntar, quaes era servido escolher, apontou

unicamente hum moço, que tratava do sustento dos cães da caça.

Aquella noite dormio o Infante no Paço, assistido dos seus criados, do Duque de Cadaval, o Conde de Sarzedas, Miguel Carlos, e algumas outras pessoas. No dia seguinte se despacharão proprios a todo o Reino, com cartas em nome d'El Rei, assignadas pelo Infante, em que ordenava, que no primeiro dia do mez de Janeiro do anno seguinte estivessem em Lisboa os Procuradores das Cortes das Cidades, e Villas, que costumão mandalos a semelhantes Congressos.

1668 Chegando a Lisboa os Procuradores das Cortes, se juntarão na Sala dos Tudescos a 27 de Janeiro os Tres Estados do Reino, onde foi o Infante jurado Principe, e depois de huma larga Oração de D. Manoel de Noronha (poucos mezes, depois Bispo de Coimbra) fizerão o seguinte juramento:

“ Juramos aos Santos Evange-

“lhôs corporalmente com nossas mãos
 “tocados e declaramos, que reconhe-
 “cemos por nosso verdadeiro, e na-
 “tural Príncipe, e Senhor ao muito
 “sabto, e muito excellente Príncipe
 “D. Pedro, filho legitimo d’El Rei
 “D. João IV., e da Rainha D. Lui-
 “za sua mulher, e irmão do muito
 “alta, e muito poderoso Rei D.
 “Affonso VI. Nosso Senhor, seu
 “verdadeiro, e natural Successor na
 “Coroa destes Reinos, e comto seus
 “verdadeiros, e naturaes Subditos,
 “e Vassallos, que somos, lhe faze-
 “mos pleito, e homenagem, e pro-
 “mettemos, que depois dos dias de
 “Sua Magestade, fallecendo sem fi-
 “lhos legitimos, o reconheceremos,
 “e receberemos por nosso verdadei-
 “ro, e natural Rei, e Senhor destes
 “Reinos de Portugal, e dos Algar-
 “ves, d’aquem, e d’alem mar, em
 “Africa, Senhor de Guiné, e da Con-
 “quista, Navegação, Commercio da
 “Ethiopia, Arabia, Persia, e India,
 “etc. e lhe obedecemos em tudo, e
 “porqudo, e a seus mandados, e

“juizes no alto, e no baixo; e fare-
 “mos por elle guerra, e mantere-
 “mos paz, a quem nos mandar, e
 “não obedeceremos, nem reconhece-
 “remos outro algum Rei, salvo a
 “elle, e tudo o sobredito juramos a
 “Déos, e a esta Cruz, e aos Santos
 “Evangelhos, em que corporalmen-
 “te pomos nossas mãos, de assim em
 “tudo, e por tudo o guardar, e em
 “signal de sujeição, obediencia, e
 “reconhecimento do dito Senhorio
 “Real beijamos a mão a Sua Alte-
 “za, que está presente.”

Celebrado o juramento do Prin-
 cipe, tiveram principio os congressos
 de cada hum dos tres Estados do
 Reino: o da Nobreza na Casa Profes-
 sa de S. Roque da Companhia de Je-
 sus, o dos Povos em S. Francisco da
 Cidade da Observancia: o dos Eccle-
 siasticos no Convento de S. Domin-
 gos da Ordem dos Pregadores. Foi
 o resultado conservar o Infante o ti-
 tulo de Principe, e Governador do
 Reino.

No dia 10 de Março se publi-

zou com solemnidade nas Cortes de
 Lisboa, e de Madrid o Tratado de
 Paz entre El Rei D. Affonso VI., e
 D. Carlos II. assignado pelo Princi-
 pe Regente D. Pedro, e a Rainha
 D. Maria Anna de Austria, Mãe, Tu-
 tora, e Curadora de D. Carlos II.
 Rei das Hespanhas: o que foi de
 grande satisfação, tanto para Castela
 como para Portugal, que principi-
 ou a respirar depois de humra guer-
 ra de vinte e oito annos; e bitenta e
 oito de trabalhos, e de d'ella a perda
 d'El Rei D. Sebastião. Continha o
 Tratado onze Artigos, que em sum-
 ma d'ella se estabeleceram huma paz
 perpetua, firme, e invidavel entre
 as duas Coronas, tendo principio no
 dia da publicação do mesmo Trata-
 do, cessando todos os actos de hos-
 tilidade por terra, e por mar em
 todos os seus Reinos, Senhorios, e
 Vassallos de qualquer qualidade; e
 condição que fossem restituír-se a
 Portugal as Praças, que durante a
 guerra lhe tomáráo as armas d'El Rei
 Catholico, e as que durante a mes-

nha: guerra she batarão os arcos de
 Portugal, com todos os seus reinos,
 excepto a Cidade de Ceuta, que se fi
 cou em poder d'El Rei Catholico
 e de todo o Comercio de par
 te do mar, não se fará e não se
 fará mais tempo d'El Rei D. Sebas
 tião, e de se liberdade de todos os pri
 zões de guerra, sem excepção de
 pessoa. E foi, he Medição e Fiel de
 desta Real do Rei de Gran Bretaña
 Carlos II: e no dia oito e cinco de
 Setembro de 1703, a causa da nullidade do
 matrimonio de Rainha, Genro Prior
 e Duque de Cadaval, foi
 processada por D. Francisco de Sen
 tomil, Bispo de Targa, Conju
 gador Prior de Arcebispo da
 Sé Metropolitana de Lisboa, e por
 outros muitos Doutores, e Desem
 bargadores da Relação Ecclesiastica,
 e mais Juizes nomeados pelo Cabido,
 e pelo Real de Mago, e Sabbido de
 Ramo, e se proficua a seguinte Sen
 tença, que se fez, e se fez em
 presença do Cabido, e estando presente

"for, além dos Ministros ordinarios
 fidelles, os Juizes nomeados pelo
 "Cabido para votar na causa, etc.
 "Que vistos estes autos libello da
 "Rainha Nossa Senhora D.^a Maria
 "Francisca Isabel de Saboia, que
 "lhe foi recebido contestação por
 "negação do Promotor em defeito
 "da parte reformando estillo, prova-
 "das Mostrato que a dita Senhora
 "contrao matrimonio de presente
 "in facie Ecclesie com o Serenissi-
 "mo Senhor D. Affonso VI Rei de
 "Portugal em 7 de Junho do anno
 "de mil seiscentos e sessenta e seis
 "na Cidade de Arquebala, Reino de
 "Castella, donde a dita Senhora veio
 "a esta Cidade, e nella, no Palacio
 "Realiz os ditos Senhores vitorão
 "por espaço de dezessis annos, fa-
 "zendo neste tempo vida marital.
 "Mostra-se, que no espaço delles, in-
 "tercedendo ambos consummão o dito
 "matrimonio, e não puderão fazer,
 "applicando a diligencia moral, que
 "sõmente de direito se requer, por
 "falta da impotencia da dita So-

“nhor, procedida da enfermidade;
 “que teve, sendo menino, na dita
 “idade incuravel, e já agora irremo-
 “vivel por arte humana: o que tu-
 “do se prova superabundantemente
 “pelos meios approvados por direito,
 “com os quaes o dito impedimento
 “fica em termos de certeza, ao me-
 “nos moral; nos quaes termos se
 “não requer inspecção, nem expe-
 “riencia triennial, ou de outro tem-
 “po arbitrario: o que tudo visto com
 “o mais dos autos, e disposição do
 “direito, julgão o dito matrimonio
 “contrahido entre os ditos Serenissi-
 “mos Senhores, por contrahido de
 “facto e não de direito, e o decla-
 “rão por nullo, e que os ditos Se-
 “nhores poderão fazer de si o que
 “bem lhes parecer, e que haja divi-
 “são de bens na fôrma de seus con-
 “tratos.”

Publicada a sentença, e sabendo a Rainha que estava desobrigada dos laços do matrimonio, mandou declarar aos tres Estados, que em virtude da sentença dada a seu favor

determinava voltar para França: o que não podia fazer sem primeiro lhe ser restituído o seu dote, que sem demora exigia.

Léo-se em cada hum dos Tres Estados o papel, que a Rainha remetteo, e a cópia da Sentença dada a seu favor na separação do matrimonio; e todos julgáráo, que o meio mais conveniente era casar o Principe D. Pedro com a Rainha; visto a dificuldade de ajuntar o dinheiro já gasto nas urgencias do Estado, e necessitar o Principe de Esposa para dar successão ao Reino. Propoz-se este negocio á Rainha, e ella respondeo, que obrigada do affecto, que devia aos Portuguezes, e das razões politicas, que se lhe havião representado convenientes á conservação do Reino, dava o seu consentimento. O Cardeal de Vandoma, Legado a Latare dispensou, pelos fundamentos da Sentença dada a favor da Rainha, na separação do matrimonio, no impedimento de Pública Honestidade, para se poder tratar o casamento entre os

Principes D. Pedro de Portugal, e D. Maria Francisca Izabel de Saboya, com as mesmas razões, com que se dispensara aos Reis de Polonia Segismundo, e João Casimiro, que ambos casarão com Luiza Maria Gonzaga, Princesa de Nemours, succedendo o segundo irmão ao primeiro no reinado, e no matrimonio. O Breve do Cardeal Vandoma foi depois confirmado por huma Bulla do Papa Clemente IX., a 10 de Dezembro do mesmo anno, reconciliado já então Portugal com a Curia Romana depois de vinte e oito annos de catholicas diligencias.

Tanto que chegou Luiz de Verju com o Breve do Cardeal de Vandoma, na primeira Oitava da Pascoa a 2 de Abril, nomeando-se por Procuradores o Marquez de Marialva do Principe, e o Duque de Cadaval da Rainha, os recebeu no Paço o Bispo de Targa, assistindo a este acto unicamente os Gentis-Homens da Camara do Principe. No dia seguinte ás tres horas da tarde sahio

o Príncipe do Bago, acompanhado de toda a Corte, chegou ao Convento da Esperança, e apouso-se; e achou a Princesa na Berçaria do Convento Sahindó. d'ella entráão a ambos na Carroça, e passaram á Quinta d'Alcantara. Chegando a ella, entráão no Oratório, em que estava o Bispo de Targa, e receberam d'elle os bençãos matrimoniaes.

Depois passou o Príncipe Regente hum Decreto, para que os Tres Estados se ajantassem a 9 de Junho na Sala dos Tudescos, para se jurarem o Governador do Reino, e jurar os feitos, e privilegios, que era obrigado a conceder a seus Vassallos: o que se fez no dito dia, com as ceremonias costumeiras.

Juramento do Príncipe
 O Príncipe Regente jurou, e promettero com a graça de Deus reger-vos, e governar-vos a bem, e directamente, e administrar-vos inteiramente justiça, quanto a vossa humana fraqueza permittir, e de

« vos guardar vossos bons costumes ;
 « privilegios, graças, mérces, liber-
 « dades, e franquezas, que pelos Reis
 « meus Predecessores vos forão dados,
 « outorgados, e confirmados. »

Os Tres Estados do Reino fiz-
 rão o seguinte juramento.

« Juramos aos Santos Evange-
 « lhos competalmente com nossas mãos
 « tocados, que reconhecemos por nos-
 « so Governador, e Regente destes
 « Reinos, pelo impedimento perpe-
 « tuo de Sua Magestade na forma,
 « que o temos julgado, ao muito al-
 « to, e muito excellente Principe D.
 « Pedro, filho legitimo d'El Rei D.
 « João IV., e da Rainha D. Luiza
 « sua Mulher, irmão, e Curador de
 « muito alto, e muito poderoso Rei
 « D. Affonso VI., seu verdadeiro, e
 « natural successor na Coroa destes
 « Reinos, e como verdadeiros, e na-
 « turaes subditos, que somos de Sua
 « Alteza, lhe fazemos pleito, e ho-
 « menagem assim, e da maneira que
 « o fizemos a El Rei D. João IV.,
 « seu Pai, e a El Rei D. Affonso, seu

“irmão, que agora por seus impe-
 “dimentos privamos do governo, e
 “com a mesma jurisdição, poder, e
 “authoridade, com que sempre se
 “juráram os Reis, e Senhores desta
 “Corôa, e obedeceremos em tudo,
 “e por tudo a seus mandados, e jui-
 “zos no alto, e no baixo, e faremos
 “por elle guerra, e manteremos paz,
 “a quem nos mandar, e não obede-
 “ceremos, nem reconheceremos nin-
 “tro algum Rei, e Senhor, salvo a
 “elle. E tudo o sobredito juramos
 “a Deus, e a esta Cruz, e aos San-
 “tos Evangelhos, em que corporal-
 “mente pomos nossas mãos, e assim
 “em tudo, e por tudo guardar, e
 “em signal da sujeição, obediencia,
 “e reconhecimento do dito Senhorio,
 “e jurisdição Real beijamos a Mão
 “a Sua Alteza, que está presente.”

Feitos os juramentos, se passá-
 rão em nome do Principe, como Go-
 vernador, e Regente do Reino, todas
 as ordens e despachos, ficando absolu-
 to, e pacífico Governador de todos
 os Reinos, e Senhorios de Portugal.

sem contradição alguma, usando o reco-
nhecimento do Summo Pontifice Cle-
mente IX, dos Reis de França, Cast-
ella, e Inglaterra, que receberam seus
Embaxadores, e Enviados da mes-
ma sorte que accetavdo os assis que
lhe erão mandados pelos Reis da Eu-
ropa.

Depois se resolveu mandar-se
al Rei D. Afonso para o Castello da
Cidade de Angra na Ilha Terceira,
onde não residiu muito tempo, e
voltou para o Reino, acabando no
Palacio de Cintra a vida de hum re-
pentino accidente em hum Domin-
go 12 de Setembro, estando ouvindo
Missa, que não deu mais tempo que
a deitar-lhe o seu Confessor a absol-
uição. Seu Corpo, conduzido em Real
pompa ao Mosteiro de Belem, ali
jaz incorrupto. Não cause duvida ca-
larem todos os Escriptores, que te-
nhão lido, tratando do Senhor Rei
D. Afonso VI, a sua incorruptibi-
lidade, porque eu mesmo o vi, e
lhe beijei a Real Mão no dia 15 de
Julho deste anno de 1819. Souzro

com inexplicavel paciência os trabalhos da sua vida. Teve animo Real, e generoso em fazer mercês, liberal para todos, e tão feliz na campanha, que igualou as victorias com as batalhas, dando-se muitas no seu tempo, como temos visto, de tal sorte que mereceu o titulo de Victo-
rioso. = Na sua morte o Papa Innocencio XI. celebrou solemnes Exequias em Roma,

Creou os seguintes Titulos:

A D. Antonio Luiz de Meneses, Conde de Cantanhede, creou Marquez de Marialva por carta passada em Lisboa a 21 de Junho de 1667.

A Francisco de Mello, Conde da Ponte, o fez Marquez de Sande a 21 de Abril de 1662.

A D. Francisco de Sá e Meneses, Conde de Pena-Guão, fez Marquez de Fontes a 2 de Janeiro de 1659.

A D. Rodrigo de Castro creou Conde de Mesquitella por carta passada a 14 de Maio de 1658.

A D. Sancho Manoel creou
Conde de Villa-Elôr a 23 de Junho de
1661.

A João Nunes da Cunha creou
Conde de S. Vicente a 2 de Abril de
1666.

A Nuno da Cunha de Ataíde
fez Conde de Pontevel a 15 de Abril
de 1662.

A D. Pedro de Castello-Branco,
Visconde de Castello-Branco, fez
Conde de Pombeiro a 6 de Abril de
1662.

A D. Manoel da Camara fez
Conde da Ribeira Grande de juro, e
herdade, conforme a Lei Mental,
mudando neste titulo o de Villa-
Franea, por carta de 15 de Setembro
de 1662.

A D. Luiz de Almeida creou
Conde d'Avintes, de que tirou carta
passada a 17 de Fevereiro de 1664.

A Lourenço de Souza da Silva
fez Conde de S. Tiago de Biduido a
12 de Novembro de 1667.

A Affonso Furtado de Mendonça
fez Visconde de Barbaçena, de

que se lhe passou carta a 19 de Dezembro de 1661.

A Martim Correa de Sá fez Visconde de Asseca a 15 de Janeiro de 1666.

A Luiz de Souza de Macedo, filho de Antonio de Souza de Macedo, do seu Conselho, e Secretário d'Estado, fez Barão da Ilha Grande de Joannes a 27 de Setembro de 1666.

O mais, que se passou durante a deposição do Senhor Rei D. Afonso VI., nós o vamos a referir na Regencia do Principe D. Pedro, que vai dar principio o Tomo V.

Fim do Tomo IV.

que se lhe puzo com a ... de De-

repto de ...

A ... Cortes de 24 fev

Visconde de ...

de 1666.

A Luis de Souza de Macedo,

Dos Capitulos que contem este

Volume.

do, de seu ...

o Estado, ...

de ...

O ...

C AP. I. O Senhor Rei D.

João IV. e a Duque da

Bragança.

CAP. II. *Vida e Acções de*

Senhor D. Affonso VI., e

XXII. Rei de Portugal . . . 220

O dia 25 de Julho he hum dos
 mais brilhentes, e por isso nos Fatos
 da Historia Lusitana. Neste dia
 nasceo o primeiro Monarcha Portu-
 guez o Senhor Rei D. Affonso Hen-
 riques. (1) Vence elle a fa-
 mosa batalha de Campo de Ourique,
 e he acclamado Rei de Portugal. (2)
 Rendeo-se ao Senhor Rei D. João I.
 a Cidade de Tui. (3) Descubrio Pe-
 dro Alves Cabral a Cidade de Qui-
 loa, na Costa da Ethiopia Oriental.
 (4) Foi neste dia a Conquista da Ci-
 dade de Tunes, em que teve muita
 gloria o Infante D. Luiz. (5) Obrá-
 rão os Portuguezes neste dia acções
 dignas de immortal memoria no se-
 gundo cerco de Diu. (6) Nasceo a
 Serenissima Senhora D. Maria Fran-
 cisca Benedicta, Princeza do Brazil,
 Viuva. (7) Foi o nascimento da Se-
 renissima Senhora Infanta D. Maria
 d'Assumpção. (8) Neste dia pois, re-
 commendavel por tantos motivos,

(1) 1109. (2) 1139. (3) 1398. (4) 1500.
 (5) 1535. (6) 1546. (7) 1746. (8) 1805.